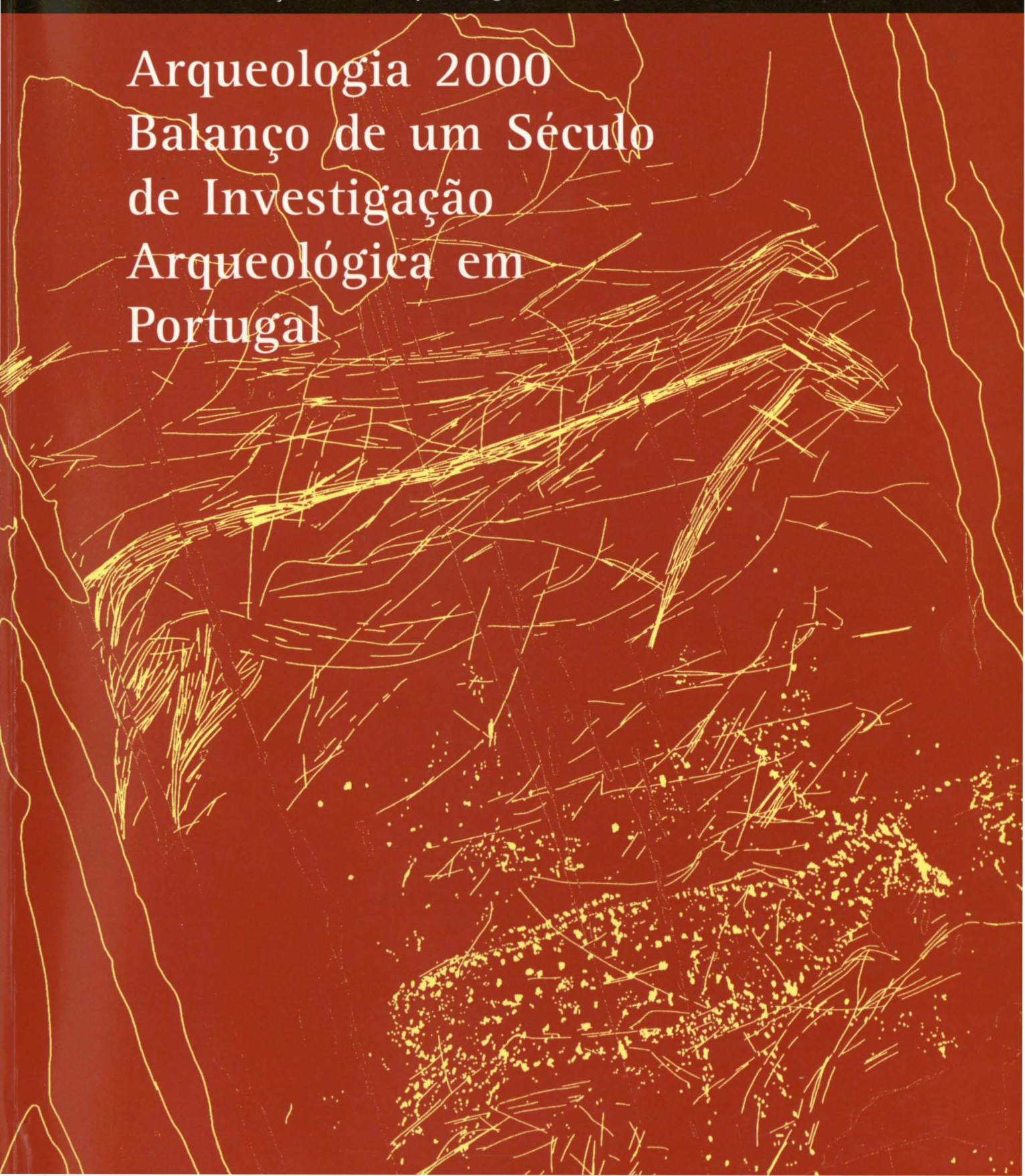


ARQUEOLOGIA & História



Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses | Volume nº54 | 2002

Arqueologia 2000 Balanço de um Século de Investigação Arqueológica em Portugal



Titulo

Arqueologia e História

Volume

54

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Largo do Carmo, nº 4, 1º direito, 1200-092 Lisboa
Tel.: 21 346 04 73 · Fax: 21 324 42 52
e-mail: associacao.arqueologos@clix.pt

Coordenação

José Morais Arnaud

Projecto gráfico

oficina de design Nuno Vale Cardoso & Nina Barreiros
Capa 2.º desenho original de M. V. Gomes

Impressão

Europress – Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Praceta da República, 15 – 2620-162 Póvoa de Santo Adrião
Tel.: 21 938 14 50 · Fax: 21 938 14 52
e-mail: europress@mail.telepac.pt

Tiragem

1000 exemplares

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

ISSN

972/9451-39-7

Depósito legal

73446/93

Solicita-se permuta
Exchange wanted

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva
responsabilidade dos respectivos autores

Patrocínio



Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século

Mário Varela Gomes

Sócio da Associação dos Arqueólogos Portugueses,
membro da Academia Portuguesa da História
e da Academia Nacional de Belas-Artes
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
da Universidade Nova de Lisboa
Av. de Berna, 26C, 1069-061 Lisboa

Algumas considerações

Apesar da sua pequena extensão territorial, Portugal é, talvez, o país da Europa com maior densidade relativa de testemunhos pré e proto-históricos, como um dos mais ricos em produções artísticas de tais períodos.

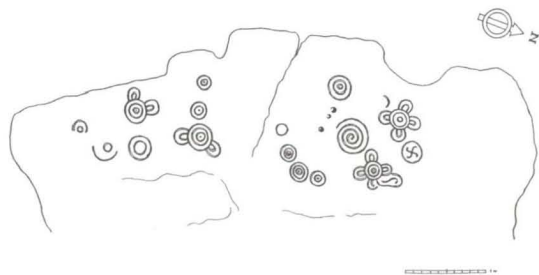
Aquele património, incontornável para o estudo do passado e o desenvolvimento sócio-cultural, abrange todas as Idades, do Paleolítico Superior aos inícios da Romanização, manifestando-se através de pinturas, gravuras, com diferentes técnicas, ou relevos, e tendo como suportes, consoante as épocas, as superfícies de rochas ao ar livre, as paredes de grutas e abrigos, mas, também, monumentos megalíticos (dólmenes e menires).

Acentuados contrastes geográficos, entre o Norte e o Sul, e do Litoral para o Interior, modelaram, ao longo dos milénios, significativas diferenças culturais, que não foram estranhas a sucessivos contributos alógenos, tanto de procedência mediterrânica, como atlântica ou continental, conduzindo à grande diversidade da arte rupestre.

A localização periférica do actual território português em relação ao Continente Europeu, uma *finis terrae*, não deve ser entendida como sendo um fundo-de-saco, onde tardiamente aportaram, para nele cristalizarem, os estímulos forâneos. Bem pelo contrário, ela desempenhou, graças à sua situação de charneira supra-regional, papel preponderante nas relações culturais entre povos e saberes, permitindo a adopção de novidades técnico-ideológicas, capazes de imprimirem grande vigor tanto à génese como ao desenvolvimento de diversos surtos civilizacionais que ali se sucederam.

Num tempo em que os grandes acontecimentos históricos e as mudanças acontecem inesperadamente, quase segundo o acaso, em detrimento das evoluções estruturalmente programadas, chegámos ao século XXI. Por isso, também qualquer anterior balanço, de "fim de século", sobre a arte rupestre portuguesa, mesmo que datado de há meia dúzia de anos atrás, seria prematuro, apesar de atendermos ao fraco dinamismo de que padecem, entre nós, os estudos de tal disciplina.

Embora a arte rupestre constitua ramo do saber leccionado em muitas das universidades europeias, tal



1. Petróglifos do castro de Sabroso, em apontamentos de F. Martins Sarmiento e da Laje dos Sinais (Monte da Saia, Barcelos) (seg. M. Cardozo, 1950, 432, fig. 14; 1951, 24, fig. 40)

como da América ou da Austrália, tem entre nós sido relegada para plano secundário, tanto pelos *currícula* das áreas de Arqueologia e Pré-História, como, inexplicavelmente, da História da Arte, da História das Religiões e das Ideias, tanto ao nível das licenciaturas como dos mestrados.

O significativo afastamento académico, assim como a quase ausência de estruturas de investigação, públicas ou privadas, neste campo (só em 1998 foi instituído, de modo tímido, o Centro Nacional de Arte Rupestre-CNART, dependente do também então recém-criado Instituto Português de Arqueologia), tem provocado o seu reduzido desenvolvimento, embora seja hoje justamente considerado como importante contributo intelectual do Homem. E não são poucos, no Mundo, os arqueossítios com manifestações de arte rupestre já classificados, pela Unesco, como Património da Humanidade, de que o complexo de arte pré e proto-histórica de Foz Côa faz parte desde 1998.

Todavia, e para além de Foz Côa, segundo o inventário do *Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado*, publicado pelo Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, em 1993, ali se registam trinta e nove arqueossítios com arte rupestre, embora dezanove dos quais sejam dólmenes (8) ou menires (11), dois correspondam a povoados integrando tais manifestações (Baldoeiro e Cárcoda), sendo um a Gruta do Escoural, cinco outros abrigos e, apenas, doze rochas com gravuras ao ar livre. É interessante constatar que o maior número de classificações oficiais foram processadas na década de setenta (14) e que, por exemplo, nos anos noventa somente foram classificados sete imóveis, tantos quantos obtiveram esse estatuto na década de oitenta ou na totalidade das décadas de quarenta a sessenta. Lembremos, ainda, que quatro monumentos obtiveram a classificação em 1910.

O distrito de Évora é aquele com maior ocorrência de imóveis classificados com arte rupestre, contando onze, seguindo-se-lhe o de Viseu, com oito, e o de Bragança, com cinco. Outros nove distritos (Braga, Coimbra, Guarda, Lisboa, Porto, Viana do Castelo, Vila Real) oferecem número inferior.

O alheamento, pouco saudável, a que têm estado votados os estudos de arte pré-histórica, quase não existindo projectos de investigação neste domínio ou equipas em museus que a ele se dediquem, transparece, com clareza, nas interrogações que nos recoloca texto, de Jorge de Alarcão (1986), publicado em obra de grande divulgação, e do qual transcrevemos o seguinte extracto: "Olhando as pinturas ou gravuras do Escoural e do Norte de Portugal, podemos perguntar-nos: Isto é Arte?"

Nem toda a pintura é arte, como nem toda a construção é arquitectura. Mas como seleccionar, e o quê, com que critérios? É certo que, após algumas décadas de pintura abstracta e de estudos sobre as artes dos povos ditos primitivos, ou das sociedades etnográficas actuais estamos hoje mais dispostos a conceder a qualificação de artísticas a certas manifestações pré ou proto-históricas. Mas até onde deve ir a nossa benevolência?"

É evidente que nos encontramos perante (pre)conceitos, talvez de inspiração vitruviana, que também fizeram Martins Sarmento (1882) interrogar-se "se antes da invasão romana havia uma arte entre nós", e que obtiveram resposta, ainda no século XIX, da parte de grandes historiadores da arte, como Georges Perrot e Charles Chipiez (1882, II), embora reconhecendo que o seu estudo "(...) exige conhecimentos especiais, que faltam à maioria dos historiadores (...)" pois ela "(...) tem o seu método e a sua linguagem própria (...)". Sobre a mesma questão debruçaram-se pioneiros, como Estácio da Veiga (1891, 3-16) e Santos Rocha (1895), encontrando-se hoje desfasada daquilo que no nosso Tempo é a compreensão da Arte e da própria natureza da Cultura, serenamente conquistada pelas denominadas Ciências Sociais e Humanas. Julgamos importante, neste momento, reter, para lá de casos anedóticos, o reconhecimento da universalidade das manifestações a que devido a conceitos hodiernos, ou por comodidade, chamamos arte pré-histórica, e, nomeadamente, rupestre.

Nunca será demais recordarmos que antes da Antropologia demonstrar que a complexidade da vida intelectual não traduz directamente o progresso técnico, já a Arqueologia, através de Altamira, como da arte

pré-histórica em geral, o tinha conseguido. Por outro lado, a produção de arte ajuda a caracterizar o Homem Moderno e a demarcar a nossa espécie dos restantes seres vivos. E a ideia de uma humanidade duvidosa, inicialmente atribuída aos primeiros homens modernos, foi ultrapassada quando se reconheceu a magnificência e complexidade da sua produção artística.

1. Trabalhos pioneiros

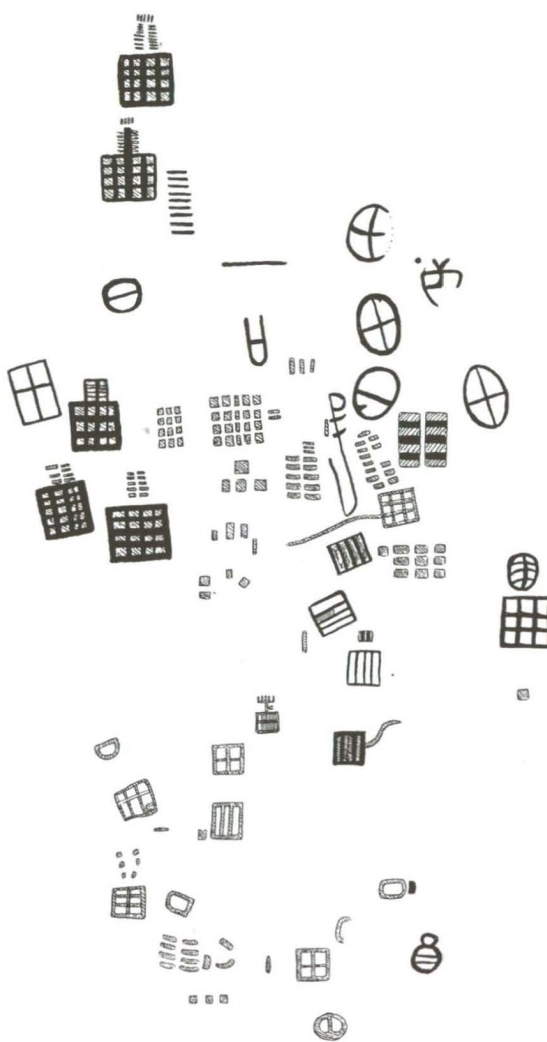
Apesar de em Portugal o interesse pelo registo e estudo das "antiguidades" se encontrar patente nos textos de alguns humanistas e eruditos renascentistas, como André de Resende (1500-1573), Francisco d'Ollanda (1518-1584), Gaspar Estação (?-1626) ou Manuel Severim de Faria (1583-1655), data dos inícios do século XVIII a primeira referência específica à sua arte pré-histórica. Esta deve-se ao Pe António Carvalho da Costa (1712, 436), que descreveu as pinturas do Cachão da Rapa, no concelho de Carrazeda de Ansiães, na sua *Corografia Portuguesa*. Alguns anos depois, as *Memórias para a Historia Ecclesiástica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, compiladas pelo arcebispo D. Jerónimo Contador de Argote (1732-1744), foram ilustradas com as mais antigas reproduções, a nível mundial, de arte rupestre, figurando as pinturas do Cachão da Rapa e gravuras de Linhares. Também ali é citado monumento megalítico decorado, situado nos arredores de Esposende, descoberto em 1684 e cujos esteios eram "(...) debuxados com vários caracteres e figuras (...)" (Argote, 1734, 151; Correia, 1916; Breuil, 1935, 82; Santos Júnior, 1934; 1940; Castro, 1966; Anati, 1968; Bahn, 1998, XXXII).

O trabalho referido deve-se ao surgimento de um novo espírito relativo ao conhecimento do passado, desenvolvido sob os auspícios das academias, entre nós sobretudo pela Academia Real de História Portuguesa, criada por D. João V, e que reflecte vasto movimento intelectual europeu, decorrente da problemática a que Paul Hazard (1971) denominou "Crise da Consciência Europeia".

Tal corrente de pensamento haveria de reposicionar o Homem na História e conduzir à adopção do

experimentalismo, da demonstração, dos argumentos e da razão, como suportes científicos, em detrimento do dogma e da paixão, conforme vinha acontecendo. Data deste mesmo período, a primeira legislação portuguesa sobre protecção do património (decretos de 13 e 14 de Agosto de 1721) (Vasconcellos, 1898; Almeida, 1965, 103-105; Castelo-Branco, 1974).

Em Roma, o papa Bento XIV instituiu a Academia Arqueológica (1754), dirigida por Winckelmann, alargando-se a necessidade de estudar o Passado a todos os países da Europa, sobretudo no contexto da procura das origens dos povos e da afirmação das suas especificidades culturais.



2. Pinturas do Cachão da Rapa (Carrazeda de Ansiães) (seg. J. R. dos Santos Júnior, 1934)

Somente decorrido cerca de século e meio sobre a edição da obra de Argote foram impressas, na *Introdução à Archeologia da Península Ibérica*, de Augusto Filippe Simões (1878), novas imagens de motivos da arte rupestre portuguesa. No mesmo ano F. Martins Sarmiento (1878) deu a conhecer petróglifos de Briteiros, que compara com outros da Índia e, ulteriores, com decorações micénicas (Sarmiento, 1899-1903). O mesmo autor descreveu rocha decorada com círculos concêntricos, suásticas e covinhas, situada em encosta do Monte da Saia (Carvalhos, Barcelos) (Sarmiento, 1894-95, 186) e refere, na correspondência que manteve com Leite de Vasconcellos (1901, 32-34), outros testemunhos idênticos da Citânia de Briteiros e do Castro de Sabroso, que classificou na Idade do Bronze (Cardozo, 1950, 431, 432; 473-476, figs. 14, 30; 1951, 12-14, 52, 75, fig. 38).

F. Martins Sarmiento (1883, 19) aludiu, ainda, a diversos locais contendo gravuras rupestres na Serra da Estrela, no âmbito dos estudos que dirigiu aquando da expedição científica ali realizada em 1881 (Fonte do Canariz, Nogueira, Sabugueiro, Águas de Ceira, Gramaça).

Trabalhos subsequentes, devidos a Estácio da Veiga (1887; 1891), Possidónio da Silva (1887, 105, 106; 1887a), E. Cartailhac (1886), Leite de Vasconcellos (1896) ou a A. dos Santos Rocha (1899), contêm escasas referências à arte rupestre megalítica. Eles reflectem renovado surto de interesse pelo passado mais remoto da Humanidade, e pelas nossas origens étnicas, ao qual não serão estranhos os ideais românticos, alicerçando-se, em tal contexto, as bases da Arqueologia Pré-Histórica como disciplina científica.

Leite de Vasconcellos (1896, 225) mencionou as pinturas da Orca dos Juncais e disse saber de outras que oportunamente daria a conhecer, enquanto o último dos autores que acima mencionámos refere traços de cor vermelha, de óxido de ferro, em, pelo menos, dois esteios da Orca da Sobreda (Oliveira do Hospital) (Rocha, 1899, 17, 20).

Um curto texto de F. Cardoso (1897) noticia a presença de penedo, na Serra de Santa Luzia (Viana do Castelo), junto ao castro ali existente, onde reconheceu sessenta e duas covinhas, algumas delas ligadas

entre si e dispostas em sete linhas, que haveria de ser destruído durante a edificação de hotel ali existente.

Apenas nos finais do século XIX, a obra capital de Leite de Vasconcellos - *As Religiões da Lusitânia* - oferece mais largas referências à arte rupestre, nomeadamente a pinturas e gravuras megalíticas, apresentando-se a primeira classificação destas (em sulcos simples, figuras lineares com certa regularidade, covinhas e pegadas), tal como fragmento de esteio com pinturas, representando antropomorfos, da Orca dos Juncais (Vasconcellos, 1897, 387, 430, 431, fig. 112; 1913). E assim chegamos ao século XX, implicando, à apreciação que nos propusémos realizar, que registemos, sinteticamente, sítios, tempos, ideologias e interpretações, tal como a principal bibliografia produzida sobre o assunto.

2. Nos alvares de um novo século

Martins Sarmiento (1902, 112; 1904, 61) voltou a mencionar, nos primeiros anos do século XX, espirais e outras gravuras que observou em penedos da Citânia de Briteiros.

Em 1903 foram registadas, por José Fortes, pinturas em dois dólmenes de Sales (Barroso), constituídas sobretudo por linhas onduladas de cor vermelha. Em duas publicações, surgidas quatro anos depois, aquele autor trata o tema da espiral, a partir da revisão das teorias mais divulgadas sobre a sua origem e difusão, aceitando a procedência mediterrânica de tal motivo (micénica), assim como a sua chegada ao Noroeste Peninsular e à Irlanda, durante a Idade do Bronze (Fortes, 1907; 1907a). Lia-se então Schilemann (1878), as magníficas obras sobre Tróia, Tirinto e Micenas, desejando encontrar-se ligações e influências com tão florescentes civilizações (Vasconcellos, 1902).

Os dois textos referidos, de J. Fortes, exemplificam como, nos inícios do século XX, as explicações para as principais questões que a investigação sucessivamente levantava seguiam, em geral, a via *ex Oriente lux*. Contudo, J. Fortes (1907, 15) chegou a propôr cronologia neolítica para círculos e espirais gravados em monumentos megalíticos e, portanto, de cronologia mais recuada que figurações suas congêneres da Irlanda.

Pertence àquela época pioneira mas produtiva, da

investigação pré-histórica, o lançamento do comparativismo, entre o que se pensava que tinham sido as sociedades pré-históricas europeias e modelos hauridos nas sociedades etnográficas. Ali residia, afinal, boa parte do cerne das grandes linhas ordenadoras do pensamento actual relativo à génese e desenvolvimento das culturas da Pré-História Ocidental, enformando os intermináveis debates processados, ao longo da centúria, entre difusionistas e evolucionistas, ou neo-difusionistas e indigenistas.

J. Fortes (1906) estudou, ainda, a laje que encontrou junto da sepultura cistóide da quinta da Água Branca (Vila Nova de Cerveira), contendo rico espólio (espada de cobre, diadema e dois anéis de ouro), decorada com covinhas em ambas faces e que liga ao "culto dos mortos" (Fortes, 1907a, 2, 3, figs 3 e 4).

Graças ao convite de A. de Mortillet, J. Leite de Vasconcellos (1907) publicou, em França, breve inventário da arte megalítica portuguesa e deu a conhecer, três anos depois, importante conjunto de estelas antropomórficas (Crato, Moncorvo, Couquinho, Bulhosa, Insalde) (Vasconcellos, 1910). Outros três anos decorridos e Leite de Vasconcellos (1913) voltaria a escrever sobre arte rupestre, no quadro do estudo das manifestações sócio-religiosas pré-romanas.

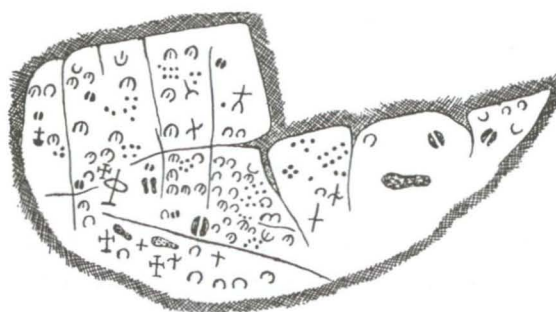
Em 1910 Afonso Pereira Cabral noticiou, na *Illustração Transmontana*, os grandes serpentiformes gravados do Castro do Baldoeiro (assentamento identificado com a *Civitas Baniensis*, Moncorvo) (Cabral, 1910, 60, 62, fig. 4), que haveriam de ser dados a conhecer, com maior detalhe, por J. R. dos Santos Júnior (1931; 1940, 361).

J. Cabré (1916) escreveu sobre arte rupestre "gallego y português", a propósito das gravuras da Eira dos Mouros e das pinturas do Cachão da Rapa, tal como sobre esculturas antropomorfas (Cabré, 1918). Para Cabré, a arte esquemática seria neolítica e proveniente do Norte de África, ideia que teve grande voga, dado não só os paralelos entre os complexos microlíticos daquela região e os peninsulares ("problema capsense"), como as similitudes encontradas tanto nas mais antigas cerâmicas, como na arte rupestre de ambas margens do Mediterrâneo Ocidental.

O primeiro levantamento integral e o estudo mono-

gráfico de uma estação de arte rupestre portuguesa realizou-se, em 1916, na Lapa dos Gaivões (Arronches), devido ao árduo trabalho de H. Breuil (1917). Este efectuou tal registo através de decalques directos das pinturas, sobre papel translúcido, ajudado pela sua rara habilidade e pendor artístico, a que não foi estranha a prática obtida nas largas horas passadas a copiar, relevos, pinturas ou gravuras, na solidão silenciosa e escura das grutas paleolíticas, ou na reprodução de milhares de pinturas que repertoriou nos abrigos do Sul da Península Ibérica.

A imensa obra de Breuil, sobre importantes grutas com arte glacial ou sobre a arte holocénica peninsular, trouxe grandes novidades à disciplina. Entre aquelas preponderam os levantamentos contendo a totalidade dos motivos e mantendo a sua disposição espacial, o estudo da sua distribuição, assim como as noções de estratigrafia e de associação, conducentes à formação de modelos que integrassem sucessões artísticas diacrónicas, com expressão cultural. É, ainda, a H. Breuil, justamente considerado como um dos maiores pré-historiadores europeus e profundo conhecedor da arte rupestre mundial, que se devem importantes catálogos e sistematizações da gramática iconográfica rupestre, tanto da arte paleolítica como da pós-paleolítica ibérica, e as suas mais antigas propostas de evolução crono-estilística. Com este objectivo tentou comparar, e integrar culturalmente, muitas das representações rupestres, sobretudo as detectadas na arte esquemática do Sudoeste Peninsular, com artefactos ou com figurações encontradas em cerâmicas, a chamada deco-



3. Ferraduras Pintadas (Bemfeitas)
(seg. A. de A. Girão, 1921, 39, fig. 2)

ração simbólica, tal como sobre outros objectos. Estes eram, na maioria dos casos, provenientes de contextos funerários ou rituais e considerados, do mesmo modo que as manifestações artísticas rupestres, como tendo desempenhado funções mágico-religiosas. Estavam, assim, lançados os alicerces metodológicos que, ainda hoje, servem à investigação sobre arte rupestre.

Todavia, identificações então feitas, como a do rino-ceronte pintado da Lapa dos Gaivões (Arronches) (Breuil, 1917, 19), e de outras possíveis espécies quaternárias na arte levantina, haveriam de ser decididamente afastadas por M. Almagro (1952, 48-52). No caso dos Gaivões trata-se, como parece evidente, de bovívoro, com a armação pintada vista de cima, tendo H. Breuil admitido, em 1960, tal interpretação (Castro e Ferreira, 1960-61, 218). Recordemos que H. Breuil defendeu, desde 1912, a idade quaternária das pinturas do Levante Peninsular, no que foi seguido por autores como H. Obermaier e P. Wernet (1919; 1929), ou H. Kühn (1929), embora elas não integrem a sua magnífica síntese sobre o assunto que intitulou *Quatre Cents Siècles d'Art Pariétal* (Breuil, 1974).

A Lapa dos Gaivões havia sido identificada por Aurélio Cabrera, professor natural da vizinha povoação espanhola de Albuquerque, e foi objecto de duas notas publicadas por E. Hernández-Pacheco, em 1916, uma das quais na companhia do descobridor (Hernández-Pacheco, 1916; Hernández-Pacheco e Cabrera, 1916, 6, 7, figs 5, 6, est. I). Mostraram-se, então, alguns desenhos, muito parcelares, e fotografias das pinturas do denominado "Risco de la Esperanza".

Do achado daquelas pinturas, no Noroeste Alentejano, deu notícia Vergílio Correia (1916a), um dos mais fecundos investigadores dos inícios do século, tendo-nos legado trabalhos sobre placas de xisto decoradas (1917b), sobre as pinturas do Cachão da Rapa (1916; 1917a) e as gravuras antropomórficas da Pedra dos Mouros (Belas) (1917), dando, ainda, a conhecer duas rochas com petróglifos (Penedo das Gamelas e Penedo da Talisca) de Santana do Campo (Arraiolos) (1921, 102-107). V. Correia publicou, com Horácio Mesquita (1922), o abrigo contendo pinturas, denominado Pala-Pinta (Alijó), o segundo a ser descoberto em Trás-os-

Montes e o terceiro em Portugal, cuja iconografia, onde constam enormes soliformes e séries de pontuações digitadas, comparou com a da arte esquemática de outros abrigos peninsulares.

3. Nacionalismo e regionalismos

O período compreendido entre a primeira publicação de Breuil (1917) sobre arte rupestre portuguesa e o quarto e último volume da sua excelente obra sobre a arte esquemática peninsular (1935), foi marcado por significativas descobertas nesta área e viu surgir algumas pequenas sínteses, entre as quais teve assinalável protagonismo a assinada por H. Obermaier, em diversos trabalhos (1921-22; 1923; 1925; 1925a, 365).

Aquele autor, que tinha abordado anos antes a arte megalítica peninsular no artigo intitulado "Die Dolmen Spaniens" (Obermaier, 1920, 128-132), onde insere desenho das pinturas do dolmen da Orca dos Juncas, propôs a classificação das gravuras do Noroeste Peninsular em dois grupos diacrónicos (grupo I-*altere gruppe* e grupo II-*jüngere gruppe*), o mais antigo, "(...) posterior ao Neolítico (...)", integrando motivos cruciformes, ferraduras e idoliiformes, com origem na arte megalítica, e o mais recente, "(...) anterior à época céltica (...)", constituído por círculos concêntricos, labirintos e zoomorfos. Em termos cronológicos, tal arte pertenceria, com alguns matizes, sobretudo à Idade do Bronze ou ao Neolítico e à Idade do Bronze.

Para H. Obermaier, a exploração das ricas jazidas metalíferas, de cobre e principalmente de estanho, do Noroeste Peninsular, teriam tido papel determinante no desenvolvimento daquela região, tal como nas suas relações com a Europa Atlântica. Esta problemática com "(...) interesse palpitante (...)", como escreveu o arqueólogo alemão (Obermaier, 1923, 34), envolveria a construção de monumentos megalíticos, nas proximidades das minas, devendo, segundo o mesmo autor, os sítios com arte rupestre ao ar livre, corresponderem a locais sagrados, dedicados ao culto das forças da Natureza, à observação dos fenómenos astrais ou serem espaços de reunião, correspondendo a variado leque de funções ligadas à superestrutura religiosa e onde as gra-

vuras poderiam, até, chegar a constituir uma espécie de escrita primitiva (Obermaier, 1923, 9, 22).

A classificação diacrónica mencionada foi aceite, com reservas, por F. L. Cuevillas e F. Bouza-Brey (1929), baseando-se no facto de, por vezes, se observarem ambos tipos de gravuras sobre o mesmo suporte, argumento que hoje nos parece um pouco absurdo (sobretudo após as estratigrafias pictóricas evidenciadas por Breuil e outros pioneiros), como de terem identificado figuras, como suásticas, serpentiformes, um guerreiro ou, até, alfabetiformes, atribuíveis à Idade do Ferro e, consequentemente, ulteriores à cronologia proposta pelo sábio alemão.

Mais tarde, R. Sobrino-Buhigas (1935), que conferiu idade sidérica a petróglifos zoomórficos, tentou completar aquela cronologia.

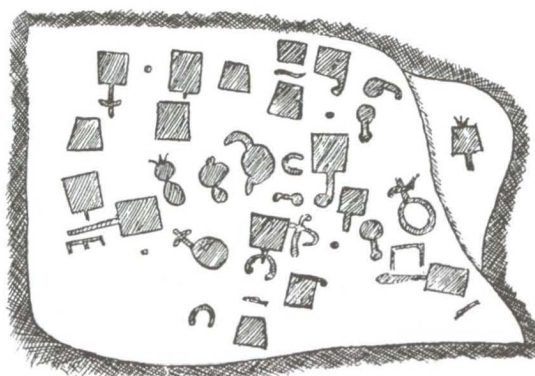
A datação dos petróglifos do Noroeste Peninsular voltou a ser discutida, nos anos quarenta, por F. L. Cuevillas (1943), que considerou os seguintes três grupos diacrónicos, com expressão não só nos reportórios iconográficos, como na sua distribuição geográfica: Grupo A, formado por gravuras de carácter geométrico, como cruciformes e ferraduras, correspondendo a extensa região que incluiria a Galiza e o território português a norte do rio Douro; Grupo B, constituído por combinações circulares e espirais, com distribuição essencialmente costeira, desde o Vouga ao norte da Galiza; Grupo C, integrando representações de animais, por vezes associadas a combinações circulares, situadas em área limitada em torno a Pontevedra, embora alcançando a margem esquerda do rio Minho, para, certamente, incluir as rochas de Lanhelas (Caminha). O mesmo autor retomou este tema, tendo identificado vinte e sete grupos tipológico-formais na arte do Noroeste Peninsular, dos "signos alfabetiformes" às "figuras alargadas", passando pelas "figuras humanas esquemáticas", "ídolos esquemáticos", "figuras zoomórficas", "serpentiformes", etc... (Cuevillas, 1951).

Nos inícios dos anos vinte surgem trabalhos de novos investigadores portugueses. Amorim Girão estudou gravuras da Beira Alta (1921; 1923; 1924; 1925), dando a conhecer as importantes rochas das Ferraduras Pintadas e dos Cantinhos (Bemfeitas), na Região de

Lafões, a Pedra da Escrita de Serrazes (S. Pedro do Sul), e as gravuras da Gândara da Seixa e da Gândara do Fial (Tondela), aludindo, também, às pinturas do dólmen de Antelas. A. Girão defendeu não haver uma única interpretação para tão " (...) singulares manifestações artísticas (...)", não esquecendo que certas gravuras deveriam corresponder a marcas divisórias de propriedades.

Em 1924 A. A. Mendes Corrêa publicou a síntese *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, onde compilou o que até então se conhecia sobre arte pré-histórica portuguesa, mencionando as teses defendidas pelos mais reputados especialistas, sem que, contudo, ofereça significativos contributos pessoais. Resumo sobre o mesmo tema foi dado à estampa por Mendes Corrêa na imprensa regional (Corrêa, 1924a), ano em que referiu pinturas rupestres da Beira Alta, designadamente as do dólmen da Côta (Corrêa, 1924b).

Aquele arqueólogo e antropólogo estudou, mais tarde, petróglifo, figurando guerreiro calaico heroicizado, ou divindade, do Monte do Castelo, em Penafiel, concluindo que tal manifestação, com quase meio metro de altura e o alcantilado povoado onde se encontra, "Exprimem o sentimento autonómico dos indígenas, o seu instinto de defeza contra invasores." O guerreiro, ainda segundo o mesmo autor, "(...) simboliza a alma heróica da Pátria. É um monumento sagrado da independência lusa." (Corrêa, 1926; 1927; Gonçalves, 1990, 194). A mesma gravura seria, nos anos sessenta, objecto



4. Pedra dos Cantinhos (Bemfeitas)
(seg. A. A. Girão, 1921, 41, fig. 3)

de dois outros textos; um assinado por Domingos de Pinho Brandão e Elísio Ferreira de Sousa (1966) e outro por aquele primeiro e Sérgio da Silva Pinto (1966), onde é corrigido o decalque inicial e se elaboram novas considerações interpretativas, tomando o sítio como santuário e a imagem referida como pertencente à divindade tutelar daquele lugar.

Mendes Côrrea deu a conhecer arte megalítica, como a do infelizmente destruído dólmen do Padrão (Baltar, Paredes), decorado com pinturas de cor negra e vermelha, algumas sobre fundo branco, figurando abundantes linhas serpentiformes, meandriformes, estilizações antropomórficas e soliforme (Corrêa, 1928a; 1929a; 1931; 1933; Gonçalves, 1990, 195; Cruz e Gonçalves, 1994), gravuras do vale do rio Avelames (Vila Meã), afluente do Tâmega e a sul das Pedras Salgadas, assim como o "santuário do Outeiro Machado", situado a cerca de cinco quilómetros a poente de Chaves e a que Leite de Vasconcellos (1917, 166) havia aludido.

Ali se observa, na face superior de enorme bloco granítico, com quase dezoito metros de comprimento, por seis de largura e três metros de altura, como em duas rochas próximas, mais de quinhentos motivos gravados (covinhas, círculos, ferraduras, "palettes", antropomorfos, cruciformes, reticulados, talvez representações de machados, etc...) (Corrêa, 1929), que devemos atribuir aos tempos proto-históricos.

No período mencionado foram descobertas as gravuras do Monte de Eiró (Marco de Canavezes) (Vitorino, 1924) e José Coelho (1924; 1931) publicou as pinturas e o espólio do dólmen de Pedralta, por ele descoberto e vagamente referido em 1912, coroando acérrima polémica com Mendes Corrêa (1933).

Surgem, nos começos da década seguinte, os primeiros trabalhos sobre arte rupestre de Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior (1930), onde aborda o tema das pinturas megalíticas, reconhecendo as incertezas da sua cronologia, ou estuda, monograficamente, alguns sítios (Santos Júnior, 1931b; 1933; 1933a; 1934; 1936).

Textos daquele investigador ligam aspectos da arte rupestre à oífolatria (Santos Júnior, 1931), tema então muito em moda, igualmente tratado por Bettencourt Ferreira (1924; 1929; 1935; 1939; 1940), por vezes em

colaboração com o primeiro autor (1931; 1931a), mas, também, por Mendes Corrêa (1928; 1928a), T. Simões Viana (1930), L. Pericot (1933) ou F. L. Cuevillas e R. de Serpa Pinto (1934), entre outros, ou, mais tarde, por L. Quintas Neves (1954), a propósito da "pedra da serpe" de Cambezes (Monção), medindo 5.60 m de comprimento e já antes referida por Leite de Vasconcellos (1902a, 286). Todavia, foi A. A. Tavares (1967; 1983; 1986-87) quem, talvez de modo mais consequente, procurou explicar tais manifestações de arte rupestre, nos contextos da realidade cultural peninsular, reconhecendo, em detrimento do papel civilizador do Mediterrâneo Oriental, os contributos centro-europeus e a influência céltica. Este tema não deixou de surgir, nos anos subsequentes, na bibliografia arqueológica, quase sempre associado à arte rupestre (Figueiredo, 1973; Gomes, 1999).

Graças às prospecções do Pe J. Saraiva de Miranda, Joaquim Fontes reconheceu, a partir de 1926, no Alto do Gião, relevo que se ergue a norte de Arcos de Valdevez, o primeiro grande santuário rupestre ao ar livre (Fontes, 1928, 40-42, est. I; 1932; 1932a; 1933). Segundo aquele arqueólogo, ali o " (...) observador sente-se como que dentro de um templo enorme, isolado do exterior e cercado por todos os lados por lajes com centenas de gravuras nelas insculptadas." (Fontes, 1932, 79).

As gravuras do Gião ilustram forte esquematismo, representando figuras antropomórficas e zoomórficas, em alguns casos associadas, assim como símbolos geométricos, reticulados, soliformes, etc...

Em 1929, Rui de Serpa Pinto deu a conhecer os petróglifos de Sabroso e, ulteriormente, tentou inventariar as estações com arte rupestre até então conhecidas (Pinto, 1931), referindo, em trabalho posterior, o abrigo de Valdejunco (Arronches) (Pinto, 1932). Serpa Pinto retomou a tese de Obermaier, relativa à relação das gravuras do Noroeste Peninsular com as jazidas de estanho, e comparou a distribuição daquelas com a ocorrência de machados de bronze. O mesmo incansável autor, prematuramente desaparecido, identificou gravuras e pinturas nos dólmenes da Casa dos Moiros e de S. João de Ovil, no concelho de Baião, conforme consta

dos seus apontamentos (Gonçalves, 1984, 125, 126).

A. Viana publicou, em 1929, as gravuras de Lanhe-las (Caminha), conhecidas de Martins Sarmiento desde 1887 (Cardozo, 1951, 47-49), também sumariamente indicadas por E. Jalhay (1926; 1932, 128, ests X, XI, figs 6, 7) e R. de Serpa Pinto (1929), onde se destacam dois motivos zoomórficos de tipologia até então desconhecida no Norte do País, a par de reticulados e de combinações circulares.

Rocha com três espirais e cruciforme de Traz-do-Pinheiro (S. Mamede, Areosa, Viana do Castelo), foi dada a conhecer por T. Simões Viana (1930) que evoca, tendo em vista a sua explicação, o culto da serpente.

Foram tantas as comunicações sobre arte rupestre apresentadas ao XV^e Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique, reunido em 1930 nas cidades de Coimbra e Porto, sendo continuado em Paris no ano seguinte, que Alberto Souto (1931, 410), autor de trabalho ali lido sobre a laje decorada de Forno dos Mouros (Serra do Arestal, Sever do Vouga, Aveiro), escreveria: "L'art rupestre est à l'ordre du jour". Apresentaram textos, integrando tal âmbito, José Coelho (1931), José de Pinho (1931; 1933), Mendes Corrêa (1931), J. R. dos Santos Júnior (1931), G. Marro (1931) e o prestigiado Luís Siret (1931), existindo crónica da sessão parisiense, da autoria de A. do Paço (1932; 1970, 85-105).

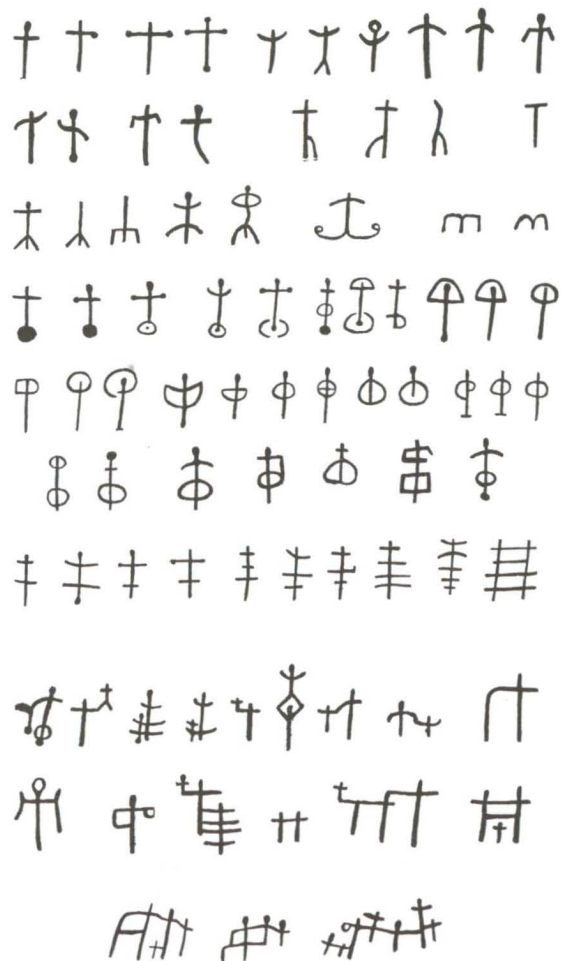
O autor anteriormente citado defendeu a tese de que os conjuntos de círculos, espirais e linhas, que detectou na Serra do Arestal, correspondiam " (...) à mais meridional das manifestações de arte rupestre galaico-lusitana com espirais e círculos concêntricos", que atribuiu aos construtores dos *tumuli* encontrados perto e à influência cultural tanto do Mediterrâneo Oriental, como das devidas às relações atlânticas (Souto, 1931, 411-413).

A. de Souto voltou a ocupar-se de tal problemática no momento em que deu a conhecer a rocha decorada do Outeiro dos Riscos (Gatão, Cepelo, Vale de Cambra), com combinações circulares, mostrando alguns dos círculos raios interiores, chegando a considerar o rio Vouga como limite meridional da expansão dos círculos e das espirais, a que confere origem céltica e, portanto, dos

finais da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (Souto, 1932). Mais tarde, o mesmo autor (Souto, 1938) retomou a abordagem daquela temática, reafirmando a influência da Bretanha e Irlanda sobre a Galiza, desde os tempos neolíticos, tese em que há-de ser seguido por, entre outros, R. S. Lorenzo-Ruza (1957, 54, 55) (Gonçalves, 1963, 333).

Em 1932 Almiro do Vale refere as rochas decoradas das Carvalhas ou de Molelinhos (Tondela), como são mais conhecidos esses afloramentos de xisto, finalmente gravados e situados não longe do rio Criz, afluente do Dão.

Aqueles foram citados onze anos depois por A. Ferraz de Carvalho (1981, 13), tendo sido F. Russel Cor-



5. Gravuras rupestres do Gião (seg. J. Fontes, 1932, 79; 1932a)

tez (1955, 92-96) quem pela primeira vez abordou a sua problemática arqueológica, comparando a iconografia ali patente (artefactos metálicos, reticulados e signos geométricos) com certas gravuras do Mont Bego (Vallée des Merveilles), no quadro de alegadas influências lígures, pré-célticas, que antes tinha vindo a defender (Cortez, 1951), como de ambiente cultural, onde as representações gravadas de armas e outros utensílios, datados do Calcolítico à Idade do Bronze, constituíam ex-votos.

Entre 1933 e 1935 foram publicados os quatro volumes da magistral obra de H. Breuil, *Les Peintures Ruprestres Schématiques de la Péninsule Ibérique* (1933; 1933a; 1933b; 1935), fruto de labor infatigável e das suas "(...) plus rudes voyages à travers de très sauvages régions de la péninsule Ibérique.", conforme nos confessa (Breuil, 1933, 4). Logo no primeiro volume, dedicado às manifestações artísticas situadas ao norte do Tejo, integra capítulo intitulado "Les Roches Peintes du Portugal", onde discorre sobre as pinturas do Cachão da Rapa, redescobertas por Santos Júnior (1934) em 1930, interpretando as suas figuras quadrangulares como representações idólicas, relacionáveis com as placas de xisto dos dólmenes do Sul de Portugal, tal como havia feito J. Cabré (1916) (Breuil, 1933, 43-46). Trata, ainda, das pinturas do abrigo da Pala Pinta (Alijó) e da sua proximidade com as de Las Batuecas, abordando, no capítulo seguinte, as pinturas megalíticas (Breuil, 1933, 47-61). No segundo volume (Bassin du Guadiana), retoma o estudo das pinturas de Nossa Senhora da Esperança (Arronches), identificando sucessão cromática constituída por sete etapas, onde as figuras de cores claras (amarela, laranja) são as mais antigas (Breuil, 1933a, 162-166, fig. 48, est. XL). No último volume (Sud-Est et Est de l'Espagne) volta a escrever sobre o Cachão da Rapa e as estelas conhecidas em Portugal (Breuil, 1935, 82-86, 109, 110, figs 45, 46).

Ainda em meados dos anos trinta, a Pe Francisco Manuel Alves (1934; 1938), abade de Baçal, publicou numerosos sítios com arte rupestre de Trás-os-Montes, tanto penedos ao ar livre como sepulcros megalíticos, trabalho em que contou com preciosa colaboração de J. R. dos Santos Júnior, muito embora tenha sido

divulgado o contrário (Baptista, 1986, 44). O pároco transmontano criticou a periodização de H. Obermaier, reparando que nem todas as figurações são estilizadas, introduzindo importantes dados relativos à cronologia de alguns tipos de gravuras, nomeadamente os cruciformes, que defendeu poderem ser de idade histórica, registando ainda a tradição de "ir alfar", ou seja reavivar as marcas e balizas, ou marras, que dividiam concelhos, freguesias e terrenos (Alves, 1934, 589).

O abrigo com pinturas conhecido como Pala Pinta, no termo de Alijó, que H. Mesquita e V. Correia tinham dado a conhecer, em 1922, e que H. Breuil (1933, 47, 48) voltou a tratar, foi estudado monograficamente por J. R. dos Santos Júnior (1933), que também procedeu a frutuosas escavações no terreno a ele fronteiro. Citadas por este último, as pinturas do dólmen da Fonte Coberta (Alijó), haveriam de ser estudadas por J. M. Cotelos Neiva (1938) e, mais tarde, por outros autores (Towhig, 1981, 148, fig. 31; Carvalho e Gomes, 2000).

A década de trinta viu surgir os primeiros trabalhos de Georg Leisner (1935) destacando-se, pelo rigor do registo e pela fina análise efectuada, a monografia dedicada ao dólmen de Pedra Coberta (La Coruña), onde foram publicados excelentes levantamentos das decorações pintadas de túmulos megalíticos da Beira Alta (Pedralta, Tanque, Juncais). O esforço comparativo desenvolvido por este arqueólogo permitiu-lhe definir o grupo de dólmenes pintados do Noroeste, cujo limite meridional seria o Mondego. Um outro conjunto de sepulcros pintados peninsulares, já calcolíticos, circunscrever-se-ia à região de Los Millares.

Os fecundos anos trinta integraram vigoroso empenho no estudo da História, traduzindo a ideologia nacionalista emanada pelo recém imposto Estado Novo, mas acompanhando movimento idêntico que atravessou, entre os anos vinte e quarenta, grande parte da Europa.

Em 1928 foi criada a Junta de Educação Nacional, que subsidiava organismos vários e pessoas, tendo em vista procederem a trabalhos arqueológicos, e, a partir de 1933, foi instituída a Junta Nacional de Escavações e Antiguidades, dependente da Direcção-Geral do Ensino Superior e Belas-Artes, tendo em vista a coordenação, financiamento e controlo da actividade arqueológica.

lógica e a defesa daquele património (Corrêa, 1947). Em 1934 o mal-fadado Secretariado de Propaganda Nacional emitiu texto doutrinário estruturado em dez princípios, o primeiro dos quais, assume a herança histórica do passado: "O Estado Novo representa o acordo e a síntese de tudo o que é permanente e de tudo o que é novo, das tradições vivas da Pátria e dos seus impulsos mais avançados." É então que surgiu o "furor patrimonialista de Salazar", conforme escreveu João Medina (1994, 33, 34, 59), bem expressado na Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, fundada em 1936. Neste período nasceram laboriosas instituições e associações regionalistas, outras de carácter nacional (Associação para o Progresso das Ciências), reuniram-se congressos e escreveram-se monografias de carácter local, reflectindo diferentes incentivos estatais, como subsídios e prémios, integrando quadro, bem organizado, de controlo político e de propaganda ideológica do Estado, situação que sobreviverá até aos anos sessenta, momento em que o regime autoritário vigente entra em acentuada decadência.

Um ponto da situação sobre a arte rupestre portuguesa, mais dirigido à inventariação das descobertas e sua distribuição geográfica do que, propriamente, ao estado das questões interpretativas, foi apresentado por J. R. dos Santos Júnior ao "Congresso do Mundo Português" em 1940, que comemorou, os oito séculos da Fundação da Nacionalidade e o tricentenário da Restauração Nacional.

Ali se reconheceram sérias dificuldades, tanto na atribuição cronológica e cultural, como na interpretação dos diferentes tipos de testemunhos artísticos pré-históricos coligidos, classificados em "pinturas em abrigos", "pinturas megalíticas", distribuídas por quatro núcleos regionais, e "gravuras rupestres", subdivididas em "gravuras megalíticas" e "gravuras em rochedos".

Todas aquelas manifestações incluir-se-iam em largo período, do Neolítico à Idade do Ferro, tendo Santos Júnior passado revisão às principais teorias interpretativas então discutidas, do totemismo à zoolatria, com a sua vertente ofiolátrica, aos cultos solares e fálicos, ou às diferentes formas de práticas mágico-religiosas,

relacionadas com a fecundidade, tanto agrícola e animal, como humana.

Foram apresentados ao "Congresso do Mundo Português" outros trabalhos sobre arte rupestre, da autoria de H. Breuil (1940), F. Bouza-Brey (1940), J. L. Hernández (1940) e J. B. Ferreira (1940). Santos Júnior, que foi secretário da primeira secção do congresso, haveria, ainda, de publicar com J. M. Aguiar (1940) trabalho onde se dá a conhecer as gravuras de Luzim (Penafiel).

Nos trinta anos seguintes foi Santos Júnior quem, entre nós, continuou, em paralelo com outras prestações pontuais, a dedicar constante labor à arte rupestre, por vezes elaborando completos estudos monográficos; acção que estendeu proficuamente aos territórios de Angola e Moçambique.

Aquele incansável investigador abordou a problemática da divisão tipológica das gravuras rupestres do Norte de Portugal, embora aquando da publicação da rocha decorada de Lomar (Luzim, Penafiel), com covinhas, "alteres", pegadas e sulcos, tivesse dificuldades em classificá-la no seu "tipo transmontano", onde as



6. Pinturas dos esteio 1 da Orca dos Juncais (Queiriga, Viseu) (seg. G. Leisner, 1934, est. 13)

"ferraduras" seriam, talvez, a forma mais frequente. Aquele era bem distinto do "tipo minhoto", caracterizado pela presença de combinações circulares e de espirais (Santos Júnior, 1945, 82). Desde os inícios dos anos trinta que o seu trabalho nesta área tinha em vista a publicação de um *Corpus Petroglyphorum Transmontanum*, espécie de contraponto ao inventário que havia sido elaborado para a Galiza, por R. Sobrino-Buhigas, em 1935 (Santos Júnior, 1963, 114).

Mário Cardozo (1941; 1994), publicou em Espanha, nos inícios dos anos quarenta, a "Pedra da Escrita" de Serrazes (S. Pedro do Sul), que A. Girão (1923; 1925, 87, 94) havia referido nos anos vinte.

Aquele afloramento, parcialmente afeiçoado e com forma estelar, apresenta conjuntos de reticulados, de círculos concêntricos e de covinhas. Este mesmo monumento foi ulteriormente divulgado através de trabalhos de F. Russel Cortez (1952, est. IX) e de R. S. Lorenzo-Ruza (1957, 51-53).

Afonso do Paço deu a conhecer, em 1942, gravuras de Outeiro (Pégada, Chã) e Carreço (Moinhos, Montedor) (Viana do Castelo), com cruciformes, quiçá de cronologia medieval. Dois anos depois J. R. dos Santos Júnior (1944) estudou as rochas gravadas da Ribalonga (Carrazeda de Ansiães), a Eira da Codeceira, com cruciformes, ferraduras e círculos, e o sítio das Ferraduras, contendo iconografia semelhante, mas ainda podomorfos, semicírculos e círculos com traços interiores, pares de ferraduras, etc..., iconografia que se distribui por vinte superfícies de granito.

O primeiro menir decorado, identificado nos arredores de Évora (Vale-de-Rodrigo), foi sumariamente publicado por G. Leisner (1944), que deu a conhecer, embora de maneira muito incompleta, gravuras de uma das faces (linhas curvas e covinhas).

Na sequência das descobertas e dos estudos de arte rupestre, efectuados na Beira Alta por José Coelho, A. de Amorim Girão e Almiro do Vale, o Pe. Celso Tavares (1947) iniciou os seus trabalhos nesta área do saber com pequena monografia dedicada à "Laje das Côcas", superfície granítica situada na vertente oriental da Serra do Caramulo, onde procura conferir enquadramento religioso às gravuras nela figuradas.

Conforme aquele autor argumentou, elas bem podem representar faces antropomórficas, apenas com olhos e nariz, algumas das quais definidas pelos contornos da rocha e, afinal, de acordo com a interpretação popular que deu origem ao microtopónimo pelo qual a rocha é conhecida.

F. L. Cuevillas (1948) elaborou pequena síntese sobre a arte megalítica peninsular, dando especial relevo à encontrada em território português, mas seguindo, sobretudo, o trabalho, publicado em 1940, por J. R. dos Santos Júnior.

4. Os anos cinquenta e sessenta

Em 1951 foi publicado importante trabalho, de Eoin Mac White, intitulado *Estudios sobre las Relaciones Atlánticas de la Peninsula Hispanica en la Edad del Bronce*, onde se abordam, com algum desenvolvimento, problemáticas sobre a interacção cultural entre as regiões assinaladas, cujos argumentos assentam em testemunhos artísticos, não só na iconografia proporcionada pela arte rupestre, megalítica ou ao ar livre, como pela arte móvel. Entre os temas discutidos avulta o da origem e difusão dos motivos circulares e, sobretudo, das espirais, em contextos da Europa Ocidental e Atlântica; "decorações" que o autor, seguindo R. Vaufray (1936; 1938, 27, 28) defende terem origem no Egipto pré-dinástico, daí se dissiminando pelo Norte de África, passando às Canárias e à Europa, contrariamente ao modelo mais recorrente, que as fazia proceder directamente do Egeu, " (...) com escala em Malta (...)", ou de outros que propunham a sua origem na Irlanda (Déchelette, 1912, 44; Breuil, 1934, 322).

Relativamente às gravuras rupestres ao ar livre, do Noroeste Peninsular, aquele mesmo autor concluiu: "Nesta arte galega há uma grande mistura de tradições de várias fontes. A cronologia tipológica é difícil senão impossível." (Mac White, 1951, 24, 25, 36, 38). A obra de E. Mac White teve larga difusão e aceitação, tanto entre os arqueólogos britânicos como peninsulares.

Em meados dos anos quarenta a tese de H. Obermaier (1925), sobre a cronologia dos petróglifos do Noroeste Peninsular, voltou a ser criticada por R. S. Lorenzo-Ruza (1946a), filho de R. Sobrino-Buhigas, que

pôs em causa a divisão morfológica e cronológica daquele arqueólogo em dois grupos, tal como os paralelos com as pinturas esquemáticas da Serra Morena ou com os "ídolos-placa" meridionais. A ausência de motivos zoomórficos na arte rupestre irlandesa conduziu R. S. Lorenzo-Ruza (1946a) a considerar pertencerem a período distinto ao das combinações circulares. No mesmo ano, o autor que temos vindo a citar chama, pela primeira vez, a atenção para as gravuras podomórficas, referindo as de Luzim e Lomar (Lorenzo-Ruza, 1946). Lorenzo-Ruza demonstrou, também, que muitas figuras, como os cruciformes, podem pertencer a épocas históricas, tratando-se de marras ou de marcas de limites, problemática que o abade de Baçal tinha discutido, ou de "cristianizações", temática que J. Ferro-Couselo (1952) haveria de explorar em trabalho académico. Por outro lado, na linha de pensamento do antropólogo americano F. Boas (1927), que cita, Lorenzo-Ruza explica que nem toda a produção artística é originalmente naturalista, vindo a simplificar-se, ou a esquematizar-se, com o desenrolar do tempo, pelo que o evolucionismo figurativo de Obermaier não tinha, por si só, validade. Neste sentido, defende a valorização da informação estratigráfica na interpretação cronológica, propondo maior antiguidade para motivos como as espirais e os círculos concêntricos, em relação aos antropomorfos esquemáticos ou aos cervídeos, no que contraria o sábio alemão (Lorenzo-Ruza, 1952).

Em trabalho ulterior, Lorenzo-Ruza (1954, 465, 466) propõe a denominação de "petroglifos gallego-atlânticos" para as gravuras do Norte de Portugal e da Galiza, sustentando que a origem dos motivos geométricos (círculos, espirais e labirintos) residiria na "región mediterránea", enquanto os zoomorfos, designadamente os veados, teriam procedência escandinava. O arqueólogo galego reflecte sobre as gravuras que representam labirintos, procurando a sua origem e cronologia (Lorenzo-Ruza, 1953; 1956). Mais tarde, o mesmo autor aborda o tema das representações solares, discorrendo sobre a sua origem, tanto através de uma via mediterrânica como de outra atlântica (Lorenzo-Ruza, 1956a).

Em extenso texto, datado de 1955, R. S. Lorenzo-Ruza trata a historiografia dos denominados petroglí-

fos "galego-portugueses" ou "galego-atlânticos" que, uma vez mais, relaciona com a exploração metalífera no Noroeste, datando-os do Calcolítico aos inícios da Idade do Ferro. Ali é apresentada uma primeira síntese, de âmbito peninsular, sobre as gravuras filiformes ou aprofundadas por abrasão, técnica de representação que muito dificilmente poderia ser utilizada em suportes graníticos (Lorenzo-Ruza, 1955, 249). Entre a extensa obra que R. S. Lorenzo-Ruza dedicou à arte rupestre, destaca-se, também, trabalho onde estudou ocorrências portuguesas, a partir da bibliografia disponível, integrando-as na sistematização que definiu para o Noroeste Peninsular e onde defende a idade histórica para gravuras como as da Pedra das Gamelas, de Santana do Campo (Arraiolos), que julgou fruto de "cristianização" (Lorenzo-Ruza, 1957, 65).

Nos inícios dos anos cinquenta, Mário Cardozo (1951, 12-14, 13-28, 52, 75, fig. 38), deu a conhecer levantamento integral das gravuras do monte da Saia (Barcelos), identificadas em 1881, por Martins Sarmento, pondo-as em paralelo com outras da Irlanda.



7. Pedra da Escrita (Serrazes, S. Pedro do Sul)
(Seg. D. Seglie e P. Ricchiardi, 1990, 90, fig. 9)

João de Castro Nunes (1955) descobriu, em 1948, três lajes decoradas, com gravuras serpentiformes no dólmen de Barrosa (Âncora), publicadas ulteriormente.

Em 1956 foi editada breve nota sobre as gravuras do Penedo da Moura (Nogueira, Viana do Castelo), não longe do rio Lima, constituídas por conjuntos de círculos concêntricos, reticulados, cruciformes, etc... (Paço e Quesado, 1956).

Constituiu aspecto singular na panorâmica dos estudos da arte rupestre portuguesa, pela qualidade do levantamento efectuado, pela pertinência dos paralelos e das propostas interpretativas alcançadas, assim como pelo facto de corresponder a monografia impressa em brochura avulsa, a obra intitulada *A Pedra Letreira* (Nunes, Pereira e Barros, 1959). Esta rocha, com gravuras abertas por abrasão, figurando escutiformes, armas e diferentes símbolos geométricos, encontra-se no sítio da Fonte Fria (Amieiros, Álvares, Góis).

Os autores daquele estudo confessam que, apesar de conhecerem tais petróglifos, do concelho de Góis, desde 1952, só após a publicação de M. Sayáns Castaños (1956), das gravuras de Azabal e Puerto del Gamo (Cáceres), se atreveram, dadas as semelhanças, a tornarem público o seu achado, no I Congresso Nacional de Arqueologia (1958).

A atribuição de tais gravuras ao "mundo megalítico", então defendida, não nos parece hoje sustentável, tanto em termos iconográficos como conceptuais, embora elas possam, de facto, encontrar-se ligadas aos "buscadores de estanho" e de ouro, da Idade do Bronze, minérios que seriam abundantes na bacia do Alva e, porque não, também, à exploração agro-pastoril daquela região serrana.

No sul da Beira Baixa, mais precisamente em Vila de Rei e junto à ribeira de Codes, afluente do Zêzere, H. C. S. Oliveira Júnior (1955) identificou o importante petróglifo serpentiforme conhecido como "Bicha Pintada", medindo 10.5m de comprimento total. Embora sempre resumidamente referido, haveríamos de o estudar, a partir de levantamento preciso, relacionando-o com a paisagem envolvente e com outras representações congêneres (Oliveira Júnior, 1959; Prior, 1959; 1962; 1962a; C., 1960; Freitas, 1960; Félix, 1969; Gomes, 1999).

Naquele mesmo ano, J. R. dos Santos Júnior (1955) apresentou trabalho genérico sobre arte rupestre, onde publicou seixo de xisto, medindo 0.310 m de comprimento e 0.092 m de largura, encontrado na Freixiosa (Miranda do Douro), decorado com conjunto de linhas onduladas incisadas, que hoje podemos pôr em paralelo com o ídolo de Villafranca del Bierzo, exumado na vizinha provincia de Leão (Mañanes, 1975).

Luis de Albuquerque e Castro, técnico do Serviço de Fomento Mineiro, publicou, a partir de 1957, importantes trabalhos sobre arte rupestre, designadamente megalítica.

Aquele investigador, O. da Veiga Ferreira e A. Viana (1957) estudaram o magnífico dólmen de Antelas (Oliveira de Frades), antes mencionado por A. Girão (1921, 31, 35, 36; 1925, 82), que chamou a atenção para as exuberantes pinturas existentes nos esteios do corredor e da câmara. A imagem de um pente, supostamente "de tipo egípcio", associado, na pedra de cabeceira daquele monumento, a figuração idóliciforme, e linhas em ziguezague, identificadas como representações de água, conduziram os autores a aceitarem influências culturais próximo-orientais e haveriam de condicionar as futuras interpretações da arte megalítica feitas por aquele primeiro, que a chegou a considerar como uma escrita religiosa (Castro, Ferreira e Viana, 1957, 335; Castro, 1959; 1962).

Em 1960 L. de Albuquerque e Castro deu a conhecer o dólmen 2 de Chão Redondo (Talhadas, Severo do Vouga), decorado com gravuras, de carácter geométrico, em alguns dos esteios do corredor, e no de cabeceira com magnífica composição simétrica, de carácter idóliciforme (Castro, 1960).

L. de Albuquerque e Castro e O. da Veiga Ferreira (1960-61) publicaram dois novos abrigos com pinturas, da Serra dos Louçães, denominados Lapa dos Louçães, identificado em 1957, e Igreja dos Mouros, ambos contendo arte esquemática, nomeadamente figuras antropomórficas de diferentes tipos, pintadas em tons da cor vermelha. Foi realizado novo levantamento destas pinturas, muito incompleto e inaproveitável do ponto de vista científico, nos anos noventa (Oliveira e Borges, 1998).

No Baixo Alentejo, A. Viana (1960) escavou a *tholos* da Nora Velha (Ourique), contendo espólios calcolíticos e da Idade do Ferro, mostrando laje, que separa a câmara do corredor, face decorada com covinhas e, a oposta, com duas possíveis figurações antropomórficas esquemáticas.

O arqueólogo acima referido voltou a tratar as gravuras de Lanhelas, também entretanto referidas por R. S. Lorenzo-Ruza (1957, 55), e as de Carreço (Troviscoso), com rectângulos reticulados e círculos, tendo estas desaparecido em 1931 (Viana, 1959-60).

Em 1961, A. do Paço, baseado nas sistematizações elaboradas para os petróglifos do Noroeste por H. Obermaier (1925) e desenvolvidas por F. L. Cuevillas e F. Bouza-Brey (1929), propõe agrupar as gravuras por ele identificadas com E. Jalhay, na Citânia de Sanfins, nas seguintes categorias: a) Sinais alfabéticos; b) Figuras reticuladas; c) Figuras circulares; d) Covinhas abertas nos rochedos; e) Ofiolatria; f) Presumível cena de caça ao veado.

Algumas das gravuras reunidas naquela síntese tinham sido publicadas por E. Jalhay, nomeadamente a "cena de caça" (Jalhay, 1947), importando reter o facto de bom número delas poder ser anterior à edificação do grande povoado fortificado, enquanto outras serão, certamente, suas contemporâneas.

A conhecida "cena de caça" da Citânia de Sanfins, encontra-se gravada, por picotagem, sobre superfície aplanada de bloco de granito, que pode ter feito parte do paramento interior da parede de casa, em cujo solo jazia até 1945. Foi atribuída à Idade do Ferro tardia.

Domingos de Pinho Brandão (1961) estudou monograficamente as gravuras do Monte de Eiró (Penha Longa, Marco de Canavezes), descobertas e publicadas por Pedro Vitorino, em 1924, e por J. Bettencourt Ferreira em 1940.

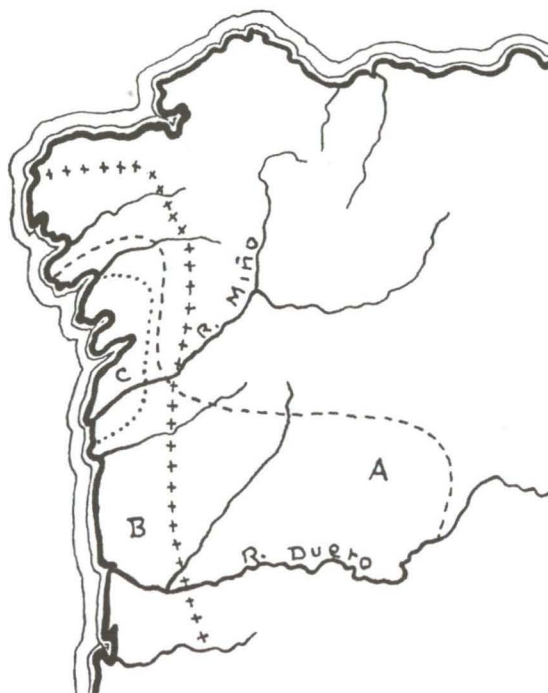
Ainda nos inícios dos anos sessenta A. Vasco Rodrigues (1961, 199, figs 84, 85) deu a conhecer o Penedo do Cavalo Pintado (Arcozelo, Gouveia), imponente afloramento granítico, em uma das faces do qual se encontram gravadas figura zoomórfica, de grandes dimensões, e duas "ferraduras". Este conjunto viria a ser, mais tarde, objecto de trabalho monográfico, sem que, contudo, se

chegasse a propor interpretações concretas, de ordem sócio-religiosa ou cronológicas (González, 1991-92).

Em 1965 Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira (1966) identificaram as gravuras esquemáticas do Penedo Gordo, situadas a norte de Idanha-a-Velha, e da Lapa da Moura (Colmeiais), a nordeste de Monsanto da Beira. Neste último arqueossítio parece também encontrarem-se restos de pinturas onduladas, de cor negra, sobre fundo branco. Na mesma região, um terceiro penedo com gravuras esquemáticas localiza-se na zona do Vale da Figueira (Idanha-a-Velha).

Embora sejam mais comuns os cruciformes, algumas das figurações referidas são claramente antropomórficas, reconhecendo-se a associação de duas delas, uma feminina e outra masculina, na Lapa da Moura, onde também existe signo em forma de besta.

Santos Júnior (1963) dedicou interessante monografia às gravuras de Ridevides, existentes no Vale da Vilariga (Alfândega da Fé), em Trás-os-Montes. Trata-se de duas superfícies, de xisto, medindo a maior, a "Pedra Escrita", cerca de 11 m², nela se observando triângulos, escalariformes, reticulados, cruciformes,



8. Zonas da arte rupestre galega ou do Noroeste Peninsular. A-Área dos cruciformes; B-Área das combinações circulares; C-Área dos zoomorfos esquemáticos (seg. F. Cuevillas, 1943)

canais, covinhas, zigzagues, etc... Algumas gravuras picotadas, em forma de ferradura, não raro com covinha central, sobrepõem as restantes, abertas por incisão linear ou abrasão. Santos Júnior (1963, 144) interpretou este local como "(...) santuário rupestre, possivelmente dedicado aos deuses da guerra (...)", datando-o no "neo-eneolítico" e na Idade do Ferro.

Nas proximidades daquela rocha, a cerca de um quilómetro e junto à margem direita da ribeira da Vila-riça, observa-se a "Pedra Escrita" do Poço da Moura (Assares, Vila Flor), oferecendo iconografia semelhante (Santos Júnior, 1963, 112).

Santos Júnior e Rogério de Azevedo (1960) estudaram as gravuras de Linhares (Carrazeda de Ansiães), que o primeiro havia publicado trinta anos antes (Santos Júnior, 1933a) e o segundo julgou tratar-se de inscrição, pré-romana, de carácter religioso.

Foi publicado, em 1969, artigo de F. Lanhas (1969) sobre as gravuras de Montedor (Carreço, Viana do Castelo), situadas em bloco granítico junto ao mar, entre Viana do Castelo e Vila Praia de Âncora, em local onde parece ter existido assentamento humano proto-histórico.

Alguns daqueles petróglifos haviam sido identificados, nos anos quarenta, por H. Breuil, que, acompanhado por eminentes arqueólogos e geólogos, procedeu na zona a prospecções, tendo em vista o estudo do Paleolítico. E sobre os mesmos fizeram comunicações, em 1967, F. Lanhas e A. do Paço.

Ali se encontram representados, sobre superfície voltada a sul, quadrúpedes esquemáticos, talvez cervídeos e um cão, assim como covinhas e semicírculo ou "ferradura", executados por picotagem, em alguns casos seguida de abrasão, imagens atribuídas "(...) aos primórdios da idade dos metais, senão anterior ainda."

No mesmo trabalho são referidos, como paralelos, outras gravuras, entre as quais serpentiformes, situados em penedo do Monte de S. Romão (Viana do Castelo), na margem direita do rio Neiva (Lanhas, 1969, 382).

Um esteio, com quatro magníficos soliformes e linhas onduladas, e outro, mostrando círculos e ondulados, foram identificados no dólmen de Carapito I (Aguiar da Beira, Viseu), escavado por V. Leisner e L. Ribeiro (1968).

O semi-naturalismo de algumas pinturas da região de Viseu foi objecto de estudo assinado por P. Bosch-Gimpera (1965) que o faz derivar da arte levantina, descendente da arte quaternária, mas respondendo "(...) aos novos modos de vida do Neolítico." A introdução do esquematismo na arte megalítica e ao ar livre seria, para o mesmo autor, da responsabilidade das populações calcolíticas, desenvolvendo-se até à Idade do Bronze.

O autor antes citado tinha defendido, mais de uma década antes, a mesma ideia, ou seja a da arte esquemática ibérica derivar do semi-naturalismo, podendo ser atribuída ao Calcolítico, e predominando até à Idade do Bronze, nomeadamente no Noroeste Peninsular, através das numerosas gravuras aí detectadas.

Bosch-Gimpera (1959, 56-58) reconhecem, naquela região, três grupos de petróglifos com valor crono-estilístico e cultural. Um grupo A, mais antigo, atribuído aos finais do Calcolítico, seria constituído por cruciformes, antropomorfos e zoomorfos muito esquemáticos, a par da representação de idólofomes sintéticos, onde inclui a iconografia do Cachão da Rapa. O grupo B era formado pelas combinações circulares, representações de armas, ídolos cilíndricos e, ainda, por antropomorfos esquemáticos. As relações com a Bretanha e Norte de Inglaterra, seriam demonstradas através das semelhanças iconográficas. O terceiro grupo (C), integrava as grandes combinações circulares, os labirintos (Mogor) e novas figuras zoomórficas, correspondendo à Idade do Bronze Final e à Idade do Ferro.

A síntese *Arte Rupestre della Regioni Occidentali della Penisola Iberica*, de E. Anati (1968), publicada na sequência de alguns artigos por ele elaborados sobre o mesmo assunto, apresenta nova evolução crono-estilística para os petróglifos do Noroeste Peninsular (Anati, 1964; 1966; 1966-67). Este texto, e os que o precederam sobre idêntico tema, assentou na observação directa de numerosos sítios, efectuada em 1961, e em bom número de levantamentos directos, ajudados por contrastes bicromáticos, segundo processo inventado pelo autor, onde se registaram estratigrafias horizontais e verticais, seguindo metodologia segura (Anati, 1976). Trata-se de modelo, cientificamente bem argu-

mentado, a partir de corpo teórico publicado anos antes (Anati, 1960a), que confere à arte rupestre do Noroeste Peninsular o estatuto de ciclo artístico, integrando cinco grandes períodos, com expressão ideológica e cultural, ou seja, abrangendo larga diacronia, como tinham intuído H. Breuil e E. Mac White, desde o Epipaleolítico à Romanização.

Tal como aconteceu com outras primeiras grandes sínteses do mesmo autor, nomeadamente sobre as gravuras do Valcamónica (1960; 1960b), também esta obteve, entre nós, larga repercussão. Noções operativas e terminologias, hoje correntes nos estudos de arte rupestre, foram cedo utilizadas ou introduzidas por E. Anati, a par de numerosos contributos hauridos nas Ciências Sociais e de hipóteses estimulantes que, por vezes, tornam difícil a compreensão da sua obra, embora, decorridas algumas décadas e apesar da evolução própria ao avanço científico, continue a ser referência obrigatória.

Para E. Anati os petróglifos galego-portugueses formam grupo particular de gravuras rupestres no contexto peninsular, sobretudo devido a diferenças na técnica utilizada, repertórios e estilos, variando do sub-naturalismo ao esquematismo, e onde as cenas, de carácter descritivo, são muito raras, embora se reconheçam composições de signos, informação que traduziria, segundo o mesmo autor, "(...) a presença de conceitos e de ideologias diversas (...)" (Anati, 1966-67, 58).

Foi, ainda, na década de sessenta (1963) que surgiu a mais ocidental das grutas-santuário paleolíticas da Europa, perto da aldeia de Santiago do Escoural (Montemor-o-Novo).

Aquela cavidade subterrânea, de origem cárstica e aberta em maciço de calcários cristalofílicos, guardava vestígios da presença humana, do Paleolítico Médio ao Calcolítico, grande conjunto de restos de fauna plistocénica, vasta necrópole neolítica, tal como pinturas, gravuras e escassos artefactos do Paleolítico Superior.

Uma enorme sala, galerias e divertículos adjacentes, constituem o coração do santuário paleolítico, onde se encontram a maioria dos testemunhos artísticos parietais que, graças às diferenças técnico-estilísticas e a algumas observações estratigráficas, podemos atribuir a três grandes momentos.

O primeiro daqueles integra representações zoomórficas pintadas, em contorno, nas cores negra ou vermelha e signos, naquela última cor, ou gravados, com incisões largas e profundas, estando situados em zonas de fácil acesso e bem visíveis, evidenciando atributos técnicos e convencionalismos estilísticos que permitem a sua datação no Gravetense Final-Solutrense Antigo e Médio. Ele corresponde à época da grande expansão da arte quaternária.

Gravuras animalistas, figurando sobretudo cabeças de equídeos, preenchidas por traços múltiplos, constituem um segundo período artístico, que pode ser classificado no Solutrense Superior e Magdalenense Inicial. O último grande período, datável no Magdalenense Médio e Final, é formado, principalmente, por signos geométricos (reticulados, escalariformes, tectiformes, cometas, ...) e manchas (psicogramas), gravados com incisões muito finas, por vezes confundindo-se com as fissuras dos suportes e localizando-se, em geral, em locais dissimulados (Santos, 1964; 1967; 1967a; 1968; 1985, 136; Glory, Vaultier e Santos, 1966; Santos, Gomes e Monteiro, 1980; Gomes, 1983b; 1985a; 1998a, 17, 19; 1990b; 1992; 1994; 1995; 2000, 29-31).

Em meados dos anos noventa foi publicado pretenso *corpus* da arte da gruta do Escoural que, para além de enormes lacunas e erros, em termos metodológicos ou de registo, propõe interpretações ingénuas e destituídas de argumentos científicos, como qualquer



9.a Gravuras da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) (seg. M. V. Gomes)

livro de má divulgação (Araújo e Lejeune, 1995). Em recensão efectuada a tal trabalho, tivemos oportunidade de apresentar cinco importantes figuras zoomórficas inéditas, da mesma cavidade, encontrando-se muitas outras por documentar (Gomes, 1995a).



9.b Pintura da Gruta do Escoural (Montemor-o-Novo) (seg. M. V. Gomes)

5. A perda da inocência (anos setenta)

A inesperada descoberta, em Outubro de 1971, do Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, constituído por mais de vinte mil gravuras, concentradas em diversos núcleos ao longo de sector de ambas margens daquele rio, com cerca de cinquenta quilómetros de extensão, tanto a montante como a jusante das Portas do Ródão, como de alguns dos seus afluentes (Ocrea e Parcana), fez mudar, por completo, o panorama da arte rupestre portuguesa e, também, poucos anos depois, da Arqueologia em Portugal (Serrão *et alii*, 1972; 1972a; 1973; Santos, 1972, 124, 125; 1972a; Soromenho, Serrão e Lemos, 1972; Baptista *et alii*, 1974; Serrão, 1974; 1981). Segundo as palavras autorizadas do saudoso Professor Santos Júnior (1977, 209), a arte do Vale do Tejo "É, no seu género, um dos mais importantes complexos europeus de arte rupestre."

Considerada inicialmente como produzida pelas populações epipaleolíticas e megalíticas (Anati, 1975, 156-158), ou somente por aquelas últimas (Baptista, Martins e Serrão, 1978; Baptista, 1981b; 1986, 41),

podémos, com Jorge Pinho Monteiro, através da análise dos atributos técnicos e estilísticos, das estratégias, verticais e horizontais, ou dos graus de desgaste observados nos mesmos suportes, como dos comportamentos dos signos (antropomorfos, zoomorfos, artefactos, ideomorfos), reconhecer, na arte do Vale do Tejo, longo ciclo artístico correspondendo a evolução cronostilística que integra seis períodos principais, desde o Epipaleolítico aos alvares da Idade do Ferro.

O primeiro daqueles (Sub-naturalista), está representado por grandes animais, em contorno, com os corpos reticulados e as armações em perspectiva. Ao segundo (Estilizado estático), pertencem zoomorfos, algo menores que os anteriores, com o corpo estriado ou preenchido por picotagem, dois dos quais com armas cravadas no dorso. No terceiro (Estilizado dinâmico), surge a figura humana a par de zoomorfos, ainda de menores dimensões que os dos períodos precedentes, com os corpos em geral preenchidos por picotagem, não raro em perspectiva, simulando movimento e integrando cenas. No quarto período (Meridional), observa-se a introdução da arte esquemática e a difusão dos soliformes. No quinto período (Atlântico), surgem os círculos concêntricos, as espirais e os labirintiformes, tal como algumas figurações de armas. Por fim, no sexto período (Círculos e linhas), constata-se o desenvolvimento da iconografia do período anterior, a que se associam representações de armas, de podomorfos, seres híbridos, ou fantásticos, e de imensos círculos. Existem algumas pequenas sínteses e estudos monográficos de rochas do Vale do Tejo (Gomes, 1980; 1983; 1985a; 1987; 1989; 1989a; 1990; 1998a, 12-17; 2000, 26-29; 2000b; 2001; Gomes e Cardoso, 1989).

Além dos trabalhos que os diversos autores portugueses, antes referidos, dedicaram à arte do Vale do Tejo, realizaram-se, a partir de então e ao longo do último quarto de século, importantes descobertas e textos sobre tais manifestações em outras regiões do país. Assim, na esteira dos estudos de A. Girão, Almiro do Vale e Celso Tavares da Silva, identificámos e demos a conhecer, com Jorge Pinho Monteiro, a estela-menir decorada de Caparrosa (Tondela) (Gomes e Monteiro, 1974-77), depois tratada monograficamente (Gomes,

1993), e novo núcleo de rochas gravadas (Alagoa, Picoto, Carregueira, Tojosa, Ferraduras), que integrámos no, então definido, "Complexo Artístico da Vertente Oriental do Caramulo", distribuído entre os vales do Vouga e do Mondego (Gomes e Monteiro, 1974-77a, 151).

Muitas das rochas decoradas da região mencionada mostram representações geométricas (círculos, "ferraduras", quadrados reticulados) e de pegadas humanas calçadas, iconografia quase exclusiva nas rochas da Alagoa (Tondela) (ca 70%) e dos sítios de Tojosa, Carregueira e Picoto, na mesma zona. Tal iconografia deve, provavelmente, encontrar-se conotada com mitos de presença ou de passagem, de heróis civilizadores ou de divindades, demonstrando conduta ritualizada, no quadro de hierofanias com cronologia da Idade do Bronze Final ou dos inícios da Idade do Ferro (Gomes, 1998a, 7-9).

Naquela região da Beira Alta haveria, ainda, o malogrado cónego Celso Tavares da Silva (1978) de identificar outros muito significativos conjuntos de gravuras rupestres, onde se destacam o do povoado da Cárcoda (Carvalhais, S. Pedro do Sul), constituído por quinze rochas decoradas, com covinhas, círculos, espirais, círculos com diâmetros cruzados, quadrados e rectângulos com medianas, linhas onduladas, etc... Outro importante núcleo foi descoberto, pelo mesmo investigador, na Serra da Arada (S. Pedro do Sul), onde duas rochas, com cento e vinte cinco gravuras, mostram iconografia semelhante à acima referida e figuras antropomórficas esquemáticas, entre as quais algumas em forma de *phi* (Silva, 1978, 169).

Integram o conjunto acima mencionado a Pedra do Lobo (S. João do Monte, Caramulo), com zoomorfo esquemático medindo 0.70 m de comprimento, o reticulado da pedra de cobertura do dólmen de Espírito Santo de Arca (Caramulo), a Pedra do Rasto (Queirã, Vouzela), com trinta e quatro podomorfos escavados e duas dezenas de covinhas, e as três rochas da Fonte da Pedra (Picão, Castro Daire), a norte de Viseu, decoradas com círculos, covinhas e linhas onduladas.

Em 1973 a Pedra Escrita de Serrazes (S. Pedro do Sul), foi objecto de levantamento por D. Seglie e P. Ricchiardi (1979-80; 1990), embora não se tivesse elabo-

rado o seu estudo monográfico ou abordado a interpretação deste monólito cuja face sub-vertical, voltada para nascente, medindo 2.40 m de altura e 2.00 m de largura máxima, apresenta conjunto de círculos concêntricos, covinhas e apertado reticulado.

Naquele mesmo ano, H. N. Savory (1973) volta a abordar a problemática das relações culturais entre o Noroeste Peninsular e as Ilhas Britânicas, a partir das semelhanças formais encontradas na arte de algumas decorações megalíticas, nomeadamente de carácter serpentina e meandriforme.

No concelho de Góis, a nordeste da Pedra Letreira, não longe da povoação de Mestras, surgiram rochas decoradas, no sítio da Pedra Riscada (Mestra I, II e III), repletas de figuras picotadas, onde se reconheceram círculos com diâmetros cruzados, reticulados, podomorfos e outras figuras (Nunes, 1971; Nunes e Pereira, 1974; Jorge, 1987, 19).

Luís de Albuquerque e Castro deu a conhecer, em 1970, a Pedra Escrita da Tapada do Cordeiro, no vale da Vilarça (Alfândega da Fé), não longe da rocha decorada de Ridevides, apresentando temática afim daquela (Castro, 1970).



10. Gravuras do Vale do Tejo. Rocha 60 do Alagadouro e Rocha 72 de Fratel (seg. M. V. Gomes)

Em Trás-os-Montes, A. M. Mourinho (1972) estudou o abrigo da Solhapa (Duas Igrejas), com covinhas, canaletos e outra iconografia.

J. R. dos Santos Júnior (1977) dedicou estudo monográfico às gravuras do Outeiro Machado (Val d'Anta, Chaves), identificadas por A. A. Mendes Corrêa em 1928, que atribuiu à Idade do Ferro. Ali foram referidas outras rochas com gravuras no concelho de Chaves (Outeiro do Salto, Outeiro da Moeda, Pedra do Vale da Via, Penedo das Cruzes e Penedo do Vale do Salgueiro), nas freguesias de Mairos, Soutêlo e Sanjurge (Santos Júnior, 1977, 212).

Na Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo) foram descobertos, em 1977, quatro blocos insculturados e possível estela antropomórfica, observando-se linhas onduladas e em ziguezague, círculo com raios no interior e outras figuras de difícil interpretação (Ferreira, Ferreira, Ferreira e Simões, 1980). Na mesma zona havia identificado, nos finais do século XIX, F. Cardozo (1898), penedo com covinhas, conforme anteriormente referimos.

A sul do Tejo, onde os arqueossítios com arte rupestre são mais escassos em comparação com a sua distribuição a norte, sobretudo acima do rio Mondego, foram assinalados alguns penedos e abrigos com gravuras de tipo esquemático, designadamente cruciformes e seus derivados. Além das rochas das Gamelas e da Talisca, em Santana do Campo, registadas por Vergílio Correia (1921, 102-107), foi estudado o Penedo de Almoinha (Brotas, Mora), descoberto por M. Heleno em 1933 e por ele mencionado ulteriormente (Heleno, 1956, 230), sendo referidos os que identificámos, a norte da povoação de Chão da Velha (Nisa), a sul de Nisa (Pedra do Altar) e na ribeira do Pracana, este já na Beira Baixa (Monteiro e Gomes, 1974-77).

O Penedo de Almoinha mostra painel sub-vertical, abrigado e voltado a nascente, com cerca de 2.50 m de comprimento e 1.50 m de altura, onde se reconheceram trinta e cinco figurações, a maioria antropomorfas esquemáticas, de diferentes tipos, mas também linha em ziguezague, círculos e semicírculos. A cronologia neolítica, conferida a estas gravuras, parece-nos não só demasiado alta mas, sobretudo, sumariamente argumentada, apesar dos abundantes paralelos apresentados em estudo monográfico (Zbyszewski, Ferreira, Leitão e North, 1977).

Manuel Heleno deixou informações sobre sítios, a que chamou "santuários", constituídos por grandes afloramentos de granito, com covinhas e outra iconografia gravada, na região do Siborro (Montemor-o-Novo), designadamente no cabeço das Pedras Furadas (Lobeira de Cima), Pêgo de Mourão (Herdade do Paço) e Raposeira, identificados em 1933 (Caderno 16-Escavações nos arredores do Siborro)¹.

Abrigo que integra aquele grupo de manifestações, é a Toca da Galiana (Brinches, Serpa), junto ao Guadiana (Soares, 1992, 301; Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, 25, 128), conhecendo-se, no mesmo concelho, o abrigo, com covinhas, de Galeados e a laje com idêntica decoração do Monte de Santa Justa (S. Salvador, Serpa) (Lopes, Carvalho e Gomes, 1997, 25, 73, 129).

A. Martinho Baptista e M. Martins (1979) reconheceram pequeno grupo de rochas contendo gravuras nas margens do Guadiana, no concelho de Serpa, cerca de vinte quilómetros a montante do Pulo do Lobo, onde reconheceram círculos isolados ou a par (máscara?), antropomorfo esquemático e manchas picotadas, iconografia idêntica à dos períodos terminais da arte do Vale do Tejo.

Quando em 1979 procedíamos ao levantamento da arte parietal da gruta do Escoural, com Rosa Varela Gomes e Manuel Farinha dos Santos, identificámos, nas superfícies das rochas do outeiro onde se abre aquela cavidade subterrânea, numerosas gravuras rupestres que constituem o hoje denominado "santuário exterior" do Escoural.



11. Penedo de Almoinha (Brotas, Mora)
(seg. G. Zbyszewski et alii, 1977, 41, fig. 1)

Tais gravuras ofereciam significativas novidades, tanto ao nível iconográfico, como cronológico e cultural. Ali se observam círculos, covinhas, ondulados e abundantes bucrânios, apenas escassamente representados no Vale do Tejo, mas ainda as figurações, embora muito esquemáticas, de recintos, de um arado e de um carro. E pela primeira vez encontrámos painéis gravados sobrepostos por estruturas, derrubes e níveis de ocupação, calcolíticos, os mais antigos dos quais foram datados, por 14C, nos finais do IV a. C. milénio ou nos inícios do milénio seguinte.

As cerca de milhar e meio de gravuras registadas no "santuário exterior" do Escoural puderam, assim, ser classificadas no Neolítico Final, tal como os aspectos ideológicos, económicos e tecnológicos que elas denunciavam, nomeadamente a prática da agricultura intensiva e em extensão, só possível graças ao concurso de arados e de carros, como à sua tracção por bovídeos domésticos, ali figurados em grande número através dos bucrânios, alguns deles associados em pares (Gomes, 1998a, 238-245, figs 8-10; 1991; 1991a; 1994; 1998a, 19, 20; 2000, 34; Gomes, Gomes e Santos, 1983; 1983-84; 1993; Santos, 1985, 138).

Foi, ainda, na primeira metade dos anos setenta que surgiram trabalhos onde se deram a conhecer menires decorados do Alto Alentejo, nos concelhos de Évora e Reguengos de Monsaraz, nomeadamente os monumentos de Belhoa, Outeiro, Vidigueiras, Santa Margarida, Rocha dos Namorados, dois monólitos do cromeleque dos Almendres e dois outros do cromeleque do Xarez (Gonçalves, 1970; 1972; 1975; 1976; Pina, 1971; 1976). Dois menires, apenas decorados com covinhas, foram identificados na charneca do Vale Sobral, no concelho de Nisa (Monteiro e Gomes, 1977).

A partir de meados dos anos setenta temos vindo a reconhecer, no Barlavento Algarvio, numerosos menires decorados, por vezes integrados em áreas de habitat, isolados ou estruturados em alinhamentos e cromeleques. Mostram forma subcónica, subcilíndrica, alguns naturalisticamente fálica, ou estelar, existindo desde exemplares de pequenas dimensões a outros com cerca de 3.00 m de altura, encontrando-se decorados por relevos, constituídos por cadeias de elipses, por fai-

xas de cordões ondulados, dispostas na vertical, ou por cintas com elementos triangulares. Um dos menires da Caramujeira (Lagoa) conservava restos de pintura de cor vermelha e exemplar da Velarinha (Silves) apresenta representações de "báculos".

Escavações, em povoados e junto a diversos daqueles monumentos, permitiram atribuí-los ao Neolítico, desde os seus primórdios até, provavelmente, à sua fase final (Gomes, 1983a; 1989a, 248-251, figs 11, 12; 1994a; 1997a; Gomes, Monteiro e Serrão, 1978; Monteiro e Gomes, 1979; 1981; Vicente e Martins, 1979, 119-125, 138; Gomes e Silva, 1987; Gomes, Cardoso e Alves, 1995, 16-19, 70-72, 76-82).

Nos inícios dos anos setenta, E. Shee Twohig iniciou os seus trabalhos sobre a arte megalítica da Península Ibérica, onde estuda as técnicas pictóricas utilizadas e, embora isoladamente, os motivos decorativos (Shee, 1974).

M. Farinha dos Santos (1972) publicou obra com grande divulgação, bem ilustrada, onde dedicou especial atenção à arte pré-histórica de todas as Idades. O mesmo livro seria actualizado, na sua terceira edição, em 1985.

6. Tempos de renovação - as duas últimas décadas

Nos últimos vinte anos do século XX surgiram não só novos monumentos funerários megalíticos cujos esteios oferecem pinturas e/ou gravuras, mas, ainda, importantes sínteses que reflectem avanços metodológicos significativos, tanto ao nível das técnicas de registo e de análise, das manifestações artísticas e dos contextos que elas integram, como interpretativos. Entre tais contributos, avultam as datações pelo método do radiocarbono, disponíveis para sepulcros "decorados" como Carapito I e Portela do Pau 2 (Melgaço), ou para as pinturas de cor negra do dólmen de Antelas, permitindo fazer ascender a arte megalítica, e as práticas sócio-religiosas que ela denuncia, à segunda metade do V milénio a. C. e aceitarmos a sua pervivência até aos finais do milénio seguinte, conforme documenta o último monumento referido (Cruz e Vilaça, 1994).

Em 1981 foram dadas a conhecer as gravuras rupes-
tres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta), figuradas
através de picotagem e com alguns sectores regulari-
zados por abrasão, sobre suporte sub-vertical de xisto,
sendo constituídas pelas representações de três equí-
deos, um deles completo, estando os outros dois redu-
zidos aos quartos traseiros, como por parte de duas
cabeças, uma de cervídeo, e conjunto de pequenas man-
chas circulares picotadas. Foram atribuídas, por diver-
sos especialistas, ao Paleolítico Superior (Jorge, Jorge,
Almeida, Sanches e Soeiro, 1981; 1982; Jorge, Jorge,
Sanches e Ribeiro, 1981-82; Gomes, 1994).

Depois da identificação de um cavalo, também gra-
vado em rochedo ao ar livre de Domingo Garcia (Segó-
via), as gravuras de Mazouco vieram alargar os
testemunhos de arte parietal paleolítica a céu aberto,
que dez anos mais tarde as descobertas no vizinho Vale
do Côa e em Siega Verde, no Águeda, haveriam de,
decididamente, não só confirmar como fazer alterar
bom número dos conceitos relativos à arte quaterná-
ria e há muito dados como adquiridos, como os refe-
rentes à interpretação da denominada arte das cavernas,
que tais achados por si só negavam. F. Jordá (1985),
pensando haver somente figurações de equídeos em
Mazouco, interpretou-as como constituindo santuário
monotemático, relacionado com o grupo étnico res-
ponsável pela sua criação (totemismo?).

A principal síntese sobre arte megalítica peninsu-
lar deve-se a E. Shee Twohig (1981), que tratou tal
ocorrência no contexto da Europa Ocidental, embora
tenha excluído a Escandinávia.

Ali foi dada especial atenção à Península Ibérica,
onde são hoje conhecidos mais de meia centena de
monumentos funerários decorados, a grande maioria
dos quais situados no Centro e Norte de Portugal. A
autora referida, depois de estudar as técnicas, a ico-
nografia (reduzida a dez motivos principais), as crono-
logias, as possíveis origens, funções e interpretações,
definiu dois grupos de arte megalítica portuguesa, na
sua vertente funerária. Um deles, situado em torno de
Viseu, entre as bacias dos cursos, médio e alto, dos rios
Vouga e Mondego, apresentando feição semi-natura-
lista, por vezes integrando cenas, e o segundo, locali-

zado a norte do Douro, embora mais concentrado no
Litoral, sendo caracterizado pelo predomínio das figu-
rações geométricas (Twohig, 1981, 35).

Entre as descobertas mais sensacionais de arte mega-
lítica, acontecidas nos últimos anos, conta-se a do
grande dólmen, com espaçosa câmara e longo corre-
dor, orientado para nascente, possuindo mamoa com
27,0 m de diâmetro e originalmente com mais de 3,0
m de altura, denominado Arquinha da Moura (Lajeosa
do Dão, Tondela). Explorado nos inícios dos anos noventa,
por A. Leite da Cunha (1993; 1994; 1995), ofereceu,
além de abundante espólio, dois esteios da câmara con-
tendo pinturas, executadas em dois tons de cor ver-
melha, sobre fundo de cor branca. Ao centro do esteio
de cabeceira observa-se uma figura antropomórfica
maior, fálica, com conjunto de círculos concêntricos
sobre a cabeça, de onde partem dois longos raios (cons-
tituindo possível representação solar) que aquela segura.
Na parte superior dos círculos parece nascer um segundo
antropomorfo, com armação de caprino. Em redor,
encontram-se pares, ou casais, de antropomorfos e cena
de carácter cinegético, onde participam cães e cerví-
deos. Esteio lateral, situado ao centro da metade sul
da câmara, mostra enorme figuração antropomórfica
fálica, com os braços semi-erguidos, mas dobrados para
baixo, sugerindo acolher, em um dos lados, par de antro-
pomorfos e, no lado oposto, antropomorfo isolado. O
contorno do corpo e dos membros do grande antro-
omorfo apresenta pequenos raios.

O contexto funerário das composições referidas seria
suficiente para aceitarmos a sua função no quadro das
atividades sócio-religiosas, ligadas ao mundo dos mor-
tos e dos antepassados. A composição do esteio de cabe-
ceira deste monumento, claramente preponderante, tanto
ao nível da organização do espaço funerário e da pró-
pria arquitectura, como do discurso iconográfico e sim-
bólico, pode ser interpretada como teogonia. Esta deve
encontrar-se conotada com cultos de fecundidade e
com a ideia de renascimento, indicando o antropomorfo
com armação de caprino e a "cena de caça", estreita
ligação com o mundo animal e as forças da Natureza.
O esteio lateral deve figurar divindade tutelar, supor-
tando evidentes paralelos nos grandes antropomorfos,

muitas vezes incorrectamente interpretados como "peles esticadas", identificados em diferentes dólmenes (esteios de cabeceira de Vilarinho da Castanheira e Juncais, ou esteio lateral de Lubagueira 4), a que se ligam hierogâmias ou gémeos primordiais. Estas recorrências sugerem a existência de mensagens estruturadas, próprias de mitologias complexas ainda muito pouco estudadas.

Ainda na Beira Alta, na zona onde eram conhecidos os dólmenes decorados de Chão Redondo 2 e Antelas, têm sido identificados outros monumentos contendo gravuras (Alagoas 1 e 4, Taco 1, Pedra de Moura 1 e Juncal 1). O monumento de Taco 1 (Aliviada, Escariz, Arouca) mostra conjuntos de arciformes e reticulado gravados, a par de pinturas onduladas, observando-se reticulado, também gravado, em Alagoas 4 e ziguezagues, reticulados, círculos e meandros, gravados, embora acompanhando restos de pintura, em dois esteios da câmara de Juncal 1 (Silva, 1984; 1986; 1997; 1998). O dólmen de Fontão (Paranhos da Beira, Seia), onde eram apenas conhecidos restos de pintura, evidenciou representação zoomórfica, com aquela mesma técnica (Silva, 1985), e o dólmen de Areita (S. João da Pesqueira), datado no último quartel do IV milénio a. C., ofereceu gravuras em dois dos esteios da câmara, um dos quais, o da cabeceira, correspondendo a motivos reticulados, círculos, semicírculos e ziguezagues (Gomes, Carvalho, Perpétuo e Marrafa, 1998).

A anta da Cunha Baixa (Mangualde) oferece diversos esteios e lajes de cobertura, da câmara e do corredor, contendo covinhas, assim como pectiforme e possível escutiforme gravados no esteio, do lado direito, que antecede a câmara (Cruz e Vilaça, 1989).

No concelho de Tabuaço foi identificada a Pedra do Cavalho, mostrando covinhas, cruciformes e antropomorfos esquemáticos, iconografia atribuída à Idade do Bronze Final e aos inícios da Idade do Ferro (Jorge, 1985, 442; Silva e Silva, 1993), tendo sido referido, na mesma região, o Penedo da Pomba (Pinheiro, Tabuaço), contendo gravuras semelhantes (Silva e Silva, 1993, 28).

A Orca de Corgos da Matança (Fornos de Algodres) ofereceu gravuras no esteio da cabeceira (serpentiforme), em outro esteio da câmara e em fragmento de esteio (covinha) (Cruz, Cunha e Gomes, 1988-89, 36, 37).

No Litoral Minhoto, onde havia antigas referências a gravuras no dólmen de Barrosa (Âncora, Caminha) e a pinturas em monumento de Esposende, foram detetados novos túmulos megalíticos com esteios decorados, nomeadamente na Eireira (Afife, Viana do Castelo), S. Romão do Neiva 1 (Viana do Castelo) e Rapido 3 (Esposende).

Aquele primeiro sepulcro contém seis esteios decorados com gravuras e um deles com restos de pintura, reconhecendo-se figura antropomórfica esquemática, provida de curiosas mãos, soliforme, ziguezagues e ondulados. O segundo guarda dois esteios gravados, apresentando, o correspondente à cabeceira, dois soliformes, entre outros motivos, exibindo um dos esteios, do corredor, possível zoomorfo esquemático. O dólmen 3 de Rapido ostenta gravuras em três esteios (círculos concêntricos, linhas onduladas, escutiformes, etc...) (Silva, 1988; 1997).

Na Serra da Aboboreira (Baião), o monumento 3 de Chã de Parada, conserva vestígios de pinturas, de cor vermelha, em três dos seus esteios, um dos quais correspondendo a dois círculos concêntricos (Silva, 1985, 49, 50). Orlando de Sousa (1988) ali identificaria cinco círculos pintados. O dólmen de Lapa da Moura, em Chã de Cabanas, na Serra Amarela, apresenta restos de pintura, igualmente de cor vermelha, em três esteios, assim como conjunto de gravuras onduladas e representação de possível punhal (Jorge, 1985, 442; Baptista, 1986, 99, fig. 2; 1990a, 41). A cerca de uma centena de metros do monumento mencionado encontra-se o Penedo das Cruzes e, na mesma região, a Laje das Cruzes e o Penedo de Chã da Coelheira (Mosteirô), com gravuras esquemáticas (Baptista, 1986, 103).

Identificaram-se importantes pinturas e gravuras em dólmenes do Planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Viana do Castelo), onde tais manifestações eram escasas mas existe complexo funerário com mais de uma centena de monumentos megalíticos. Na anta conhecida como Mota Grande, no limite entre os dois países ibéricos, quase todos os esteios se encontram decorados, através de pintura e gravação, um deles com possível idoliforme, observando-se linhas onduladas, meandriiformes e conjunto de círculos concêntricos. No

monumento 2 da Portela do Pau, seis dos sete esteios da câmara mostram decoração, constituída por gravuras, abertas por fina picotagem sobre película de pintura de cor negra (ou de negro de fumo?), desenhando largas bandas de linhas em zigzag, dispostas horizontalmente, a que se associam círculos, meandros e, em um caso, provável figura antropomórfica esquemática. Este monumento foi datado, através de análises de ^{14}C , na segunda metade do V milénio a. C. (Baptista, 1990a, 40; 1997).

Domingos J. da Cruz (1988) abordou o megalitismo do Norte de Portugal, propondo evolução coerentemente argumentada que acompanha síntese sobre a arte dolménica da mesma região, apresentando inventário, com uma dúzia de monumentos, mas não penetrando nas problemáticas concernentes à sua diacronia específica e interpretação. O mesmo autor procedeu a novo estudo da Orca dos Juncais (Cruz, 1993).

A arte megalítica portuguesa, sobretudo do Norte de Portugal contou, ainda, com o labor científico de Marc Devignes (1992; 1992a; 1993; 1994; 1996) que tem reinventariado ocorrências, estudado aspectos construtivos dos monumentos, o que parece ter concorrido para a conservação de tais testemunhos, as técnicas de representação (pinturas e gravuras), concluindo da sua não exclusão e, até, da sua, por vezes, complementaridade, no seio de uma mesma linguagem. As suas análises estendem-se à iconografia, desde os motivos de enquadramento à adopção da linguagem seminaturalista ou esquemática, perspectivada no quadro de uma hierarquia de espaços e suportes, onde a pedra de cabeceira dos dólmenes terá desempenhado maior importância no discurso decorativo e, porventura, sócio-religioso (Devignes, 1992).

No sítio de Lamelas (S. Salvador), no concelho de Ribeira da Pena, foi estudado, por M. J. Carvalho Martins (1981) importante santuário rupestre, não longe da margem esquerda do rio Tâmega, que havia sido mencionado por Manuel Heleno (1956, 230) e classificado na Idade do Bronze ou Idade do Ferro.

A grande laje granítica decorada de Lamelas mede 18,0 m de comprimento por 11,0 m de largura e nela reconhecem-se, além de numerosas covinhas, reticu-

lados, círculos, cruciformes, zoomorfos esquemáticos, etc... (Cruz, 1985, 404). Perto, na denominada "Praiana de Lamelas", existem outras lajes gravadas, com covinhas, serpentiformes e reticulados.

É, ainda, o autor acima citado (Martins, 1981, 29) e J. B. Martins (1978; 1978a; 1978b; 1987; 1989; 1989a; 1989b; 1991; 1991a) que referem o Penedo da Salgueira, não longe do Outeiro Machado, o Penedo da Senhora da Aparecida e o Penedo das Quintas, em Sanjurge (Chaves), decorados com numerosas covinhas, cruciformes e o último com podomorfos, o Penedo das Cruzes e a Pedra do Rego de Faro, naquela última povoação, a Laje Escorregadia (Louzada) e a Fraga das Passadas, no lugar do Crasto, cinco quilómetros a sul de Valpaços, onde também se inventaria a Perna do Mouro (Fragão, Sonim), com representação de arma e já antes conhecida (Amorim, 1951; Martins, 1981, 31-36; 1995, 172; 1995, 172-183).

A Fraga das Passadas foi objecto de notícia preliminar e mostra mais de meio milhar de gravuras picotadas, entre as quais podomorfos, serpentiformes, cruciformes, soliformes, labirintos, círculos concêntricos, "ferraduras" e covinhas, assim como figura antropomórfica (Freitas, Santos e Rolão, 1994).

No concelho de Chaves foram referidas as estações rupestres de Outeiro Machado (Vale da Via, Valdanta), antes mencionada, o Penedo das Meias (Casas de Monforte, Águas Frias), com covinhas e canais, a Fraga das Passadas (Bustelo, Serra do Caspedo), com podomorfos, o Outeiros dos Mouros (Calvão, Castelões), com covinhas, a Pedra do Sol (Tairiz, Castelões), com covinhas e símbolo solar (Martins, 1995, 170). No Castelo do Mau Vizinho (Cimo da Vila da Castanheira), sobranceiro ao rio Mouce, observam-se, em diversas pedras, covinhas a que se associam fossas, escadas e muros. Os Penedos da Moeda, Tripe e Outeiro do Salto (Mairós), mostram simbologia diversa e foram parcialmente estudados, em 1982, por A. Martinho Baptista (Martins, 1995, 171).

As vinte e oito rochas decoradas identificadas em Tripe (Mairós, Chaves), oferecem gravuras figurando diversos tipos de antropomorfos esquemáticos, designadamente em forma de *phi*, de duplo *phi*, em alguns

casos com pontos no interior, a par de semicírculos, de círculos, meandros, podomorfos, covinhas, "palettes" e de um cavaleiro. Foram atribuídas, por A. M. Baptista (1983-84, 75-78), ao seu grupo II, que classificou como proto-histórico. Discordamos desta cronologia tão baixa para o conjunto das gravuras de Tripe, cujos paralelos evidentes, com alguma arte megalítica e com numerosas pinturas em abrigos do Norte de Portugal, poderão fazer ascender certas composições, pelo menos, ao Calcolítico ou, até, ao Neolítico Final.

Covinhas, canais e outras escavações, podem observar-se em penedos dos Castros de Santiago do Monte (Nogueira da Montanha), Castelo dos Mouros (Gondar, Valpaços) e no Castro do Muro (Seara Velha ou Cunhas de Boticas). No lugar do Radouro, junto do caminho que vai de Vilela para Pereira de Selão (Vilela do Tâmega), encontra-se laje de granito com covinhas, círculos, "ferraduras", cruciformes e podomorfos. Outros podomorfos podem ser vistos em laje da encosta da serra que se levanta a norte do Cambedo (Vilarelho da Raia) (Martins, 1995, 171).

No concelho de Boticas, no local conhecido como Cruz da Moça (Marmorais, Ardãos), encontra-se superfície com figura de "criança" e de duas "ferraduras". No mesmo concelho, conhece-se outra "ferradura" no Penedo da Certã (Gestora, Dornelas), enquanto no Poço das Freiras (Bobadela) uma rocha mostra diversas covinhas. Perto do Castro do Lezenho (Campos), existe superfície com diversas gravuras (Martins, 1995, 171, 172).

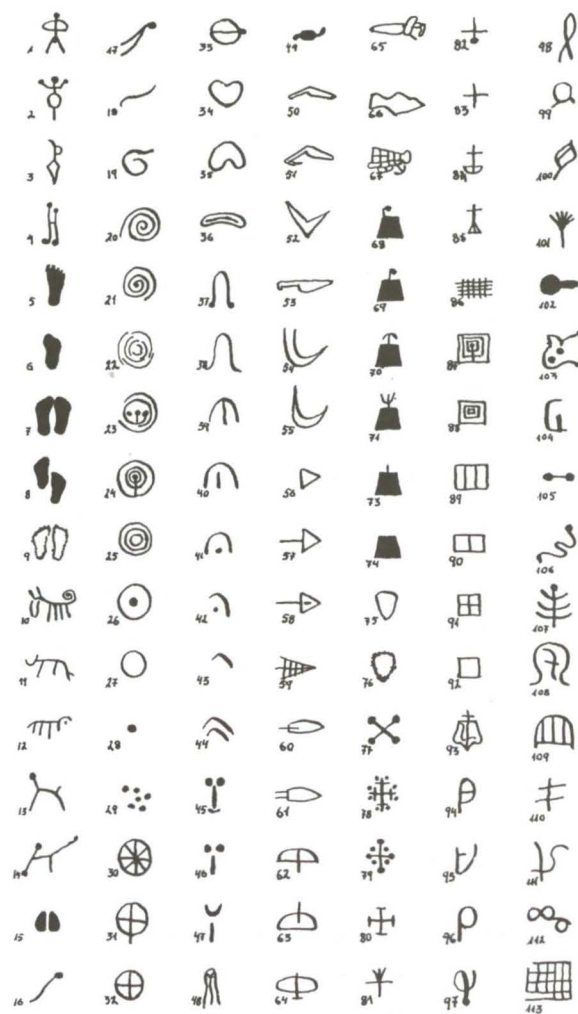
Em Mouril (Cervos), no concelho de Montalegre, encontra-se rocha com covinhas e na Quelha das Hortas (Alfarela de Jales), no concelho de Vila Pouca de Aguiar, surgiu rochedo com representações serpenti-formes e covinhas (Martins, 1995, 172).

Perto de Escariz, na Serra do Alvão, C. Ervedosa (1910) identificou as gravuras do Alto da Mão do Homem (Vila Real), com figura antropomórfica esquemática e grupos de linhas confluentes em um ponto, lembrando dedos de mãos humanas.

E. J. Lopes da Silva e Ana Leite da Cunha, inventariaram em 1979 a arte rupestre do concelho de Valença (Monte de Fortes/ Taião, Regata, Tapada do Ozão, Monte da Laje), tendo elaborado estudo monográfico das duas

rochas decoradas do Monte da Laje, na freguesia de Gandra. Ali reconheceram três enormes representações idólicas, acompanhadas por duas figuras de punhais, covinhas e cruciformes, que atribuem ao Calcolítico ou à Idade do Bronze (Silva e Cunha, 1986). As estações do Monte de Fortes e de Tapada do Ozão mostram conjuntos de círculos concêntricos, de grandes dimensões, covinhas, linhas onduladas, etc... (Cunha e Silva, 1980).

No vizinho concelho de Monção, J. A. Maia Marques (1986) detectou importantes conjuntos de gravuras do Castro da Assunção (Barbeita) e na Chã da Sobreira (Podame). Naquele primeiro sítio registou dois núcleos de superfícies decoradas, no interior do recinto



12. Quadro tipológico das gravuras da Beira-Alta (seg. C. Tavares da Silva, 1978, 177)

muralhado, um dos quais sob casa sidérica de planta circular, mostrando grupo de círculos concêntricos, linhas e covinhas (Marques, 1986, 13). Na Chã da Sobreira, cinco rochas com gravuras apresentam iconografia constituída por círculos concêntricos, espirais, labirintos, covinhas e duas possíveis representações esquemáticas de cavaleiros (Marques, 1986, 13-15).

Na freguesia de Lobelhe, concelho de Vila Nova de Cerveira, foram estudadas, na Serra da Gávea (Senhora da Encarnação), três rochas decoradas. Oferecem abundantes covinhas, por vezes agrupadas e rodeadas por sulcos, formando figuras ovaladas ou sub-retangulares, círculos, alguns em séries concêntricas, temática atribuída à Idade do Bronze (Correia e Recarey, 1988).

Ainda no Minho, A. Martinho Baptista iniciou o estudo das gravuras esquemáticas do Gião (Arcos de Valdevez) (Baptista, 1980; 1981; 1981a), onde reconheceu mais de uma centena de superfícies decoradas, algumas das quais incluídas no muro do enorme recinto conhecido como "Cerca do Gião", em cujo interior se encontra importante manancial e uma mamoa.

Segundo aquele autor, foi possível determinar, através de observações estratigráficas, horizontais e verticais, "sequência evolutiva" com três principais momentos, a que correspondem, essencialmente, figuras reticuladas, antropomorfos em *phi* e antropomorfos de aspecto cruciforme ou dele derivado. A este período pertenceria a construção da "cerca". A presença de acentuado esquematismo e de alguns esteliformes, permitiu considerar, na arte do Gião, forte componente de origem meridional (Baptista, 1981, 62, 63, 65).

Em meados de 1982 uma equipa de prospecção da Universidade do Minho identificou no sítio do Vale da Casa, na margem esquerda do rio Douro e a montante da barragem do Pocinho, núcleo formado por mais de três dezenas de rochas decoradas, hoje submerso pelas águas daquele empreendimento.

As vinte e três rochas levantadas mostram gravuras filiformes, picotadas ou abertas por abrasão, então atribuídas à Idade do Bronze e à Idade do Ferro (Baptista, 1983; 1983-84, 78-81). Todavia, a rocha 10 apresentava numerosas gravuras filiformes de estilo claramente paleolítico, que a análise estratigráfica não

evidenciou a antiguidade, conduzindo as suas afinidades formais com os equídeos de Mazouco, na mesma região, a que A. M. Baptista (1983, 63; 1983-84, 79) questionasse, em dois textos, a cronologia paleolítica a eles atribuída.

Quanto a nós, algumas gravuras do Vale da Casa devem auferir de datação neolítica, conforme exemplifica orante fálico, semelhante a figura do Vale do Tejo (rocha CAL 69) ou a outros identificados nas pinturas megalíticas da região de Viseu, mas, também, calcolítica, que podemos conferir a antropomorfos esquemáticos e a círculos, produzidos por picotagem. Pertencerão à Idade do Bronze Final os podomorfos executados com aquela mesma técnica. Aliás, A. M. Baptista atribuiu as gravuras picotadas a fase anterior às filiformes. Estas enformam cavaleiros, cenas de caça, guerreiros afrontados, armados com capacetes, escudos, lanças, dardos e espadas, algumas falcatas, arcos e flechas, ou estes artefactos isolados, certamente com cronologia sidérica, tal como a inscrição alfabética também ali reconhecida.

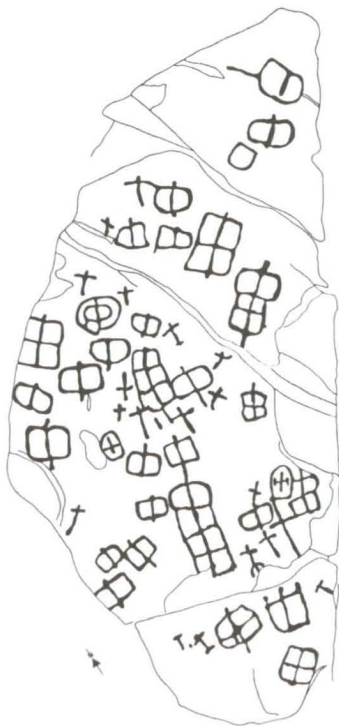
A. Martinho Baptista (1981c; 1983-84, 74-75, est. I; 1985; 1990), deu a conhecer a rocha 1 da Bouça do Colado (Parada, Lindoso), situada em terrenos do Parque Nacional da Peneda-Gerês, onde reconheceu, centralmente, grande figuração idolíformo, interpretação que julgamos difícil de suportar, e que se ficou, por certo, a dever à influência de alguns textos de E. Anati, a quem segue muito de perto em outras considerações, designadamente no estudo da estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca) (Baptista, 1985, 36-38, 44). Segundo o autor citado aquele santuário rupestre teria cronologia situada entre os finais do III milénio e os finais do milénio seguinte, correspondendo ao Calcolítico Final e às Idades do Bronze Inicial e Médio.

Nas imediações da Bouça do Colado encontra-se, no sítio de Porto Chão (Lindoso, Ponte da Barca), laje com gravuras ainda inédita (Baptista, 1986a, 101, 102). O investigador que temos vindo a referir identificou rochas decoradas nos locais de Balsa (Vale), Pedra da

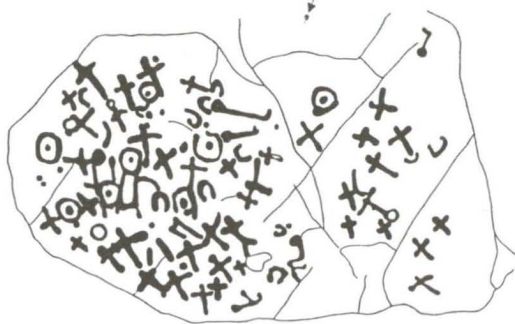
13. A-Bouça do Colado (Lindoso, Ponte da Barca), rocha 1; B-Gião, rocha 15; C-Tripe (Mairos, Chaves), rocha 1 (seg. A. M. Baptista, 1983-84, ests I e II)



A



B



C

Gão 1
Rocha 15

Costa (Álvora) e Penedo do Violão, no concelho de Arcos-de-Valdevez, assim como o conjunto de Chão de Rapada, na freguesia de Britelo, com reticulados, espirais, serpentiformes e antropomorfos de diferentes tipos (Baptista, 1986a, 102, 103).

Nos inícios dos anos oitenta, E. Shee Twohig estudou a "Pedra Partida" de Ardegães (Maia), em cuja iconografia encontra ligações com a arte megalítica e que data, em nosso entender muito prematuramente, no III milénio a. C. (Twohig, 1981, 54). No mesmo ano, J. Quintas Neves (1981) publicou a rocha decorada com conjuntos de círculos concêntricos e outros motivos, conhecida por "Pratinhos da Nossa Senhora da Boa Nova", na freguesia de Rebordões, em Ponte de Lima.

Em trabalho de síntese sobre a arte rupestre do Norte de Portugal, A. Martinho Baptista (1983-84), sem dúvida o melhor dos seus conhecedores, propõe desconstruir alguns conceitos, por vezes mais formais que estruturantes. Assim, começa por repudiar a denominação abrangente de galaico-portuguesa, conferida por muitos autores à arte rupestre do Noroeste Peninsular, criticando a possível existência de um grande ciclo artístico naquela região, ideia desenvolvida por E. Anati (1968) e que a descoberta das gravuras do Vale do Côa viria, afinal, não só a consolidar, como a alargar em termos temporais. Em contrapartida, A. M. Baptista propõe "(...) dois grupos maiores de gravuras, de estilos, técnicas e cronologias diferentes(...)".

Em termos de dispersão geográfica e de conteúdo imagético aqueles grupos correspondem às zonas A e B defendidas por F. L. Cuevillas em 1943, e, sobretudo, por R. S. Lorenzo-Ruza (1952), influenciados pela antiga periodização de H. Obermaier (1925). Contudo, o autor português confere cronologia demasiadamente restrita ao seu grupo I, que situa na Idade do Bronze, e baseia a sua existência no comércio do estanho, ocorrido durante o II milénio a. C., ideia bem expressada por H. Obermaier e, afinal, seguida por quase todos quantos, até aos anos oitenta, estudaram a arte rupestre do Noroeste Peninsular (Baptista, 1983-84, 73, 74; 1986, 46-51).

O grupo II, com algumas especificidades técnicas e uma espécie de horror ao vazio, a que M. Baptista confere tendência mais continental, ao que nos parece

esquecendo muitas ocorrências de estações de arte rupestre litorâneas onde, de igual modo, se reconhecem uma maior síntese formal e o geometrismo dos ideogramas, muito simples, que o constituem. Contudo, o maior esquematismo observado na arte rupestre nas zonas meridionais do Noroeste Peninsular pode, na verdade, dever-se à influência da arte dos abrigos pintados de entre Tejo e Douro, situados nos contrafortes das serras de Guadarrama e Gredos, em Espanha (Bradley e Fábregas-Valcarce, 1996).

A cronologia apresentada por A. M. Baptista (1983-84, 75-77) é, uma vez mais, excessivamente redutora, situada entre a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro, embora em inteligente discurso conciliador, para com os adeptos das cronologias históricas conferidas a grande parte do repertório iconográfico referido, como J. Ferro-Couselo (1952), ou, em tempos mais recentes, R. Bradley e R. Fábregas-Valcarce (1996), aceite a sua pervivência até à Alta Idade Média.

Os paralelos com a arte de alguns abrigos, na mesma região, deveriam, dadas as suas relações com contextos materiais, indicar importante recuo na cronologia proposta. Todavia, os dois grandes grupos de A. Martinho Baptista, embora sob outra roupagem, não são, afinal, senão os tipos "minhoto", algo alargado geograficamente, e "transmontano", de J. R. dos Santos Júnior (1945, 82), construídos na esteira de H. Obermaier (1925), de F. L. Cuevillas (1943) e, sobretudo, de R. S. Lorenzo-Ruza (1955, 247). Enfim, parece que nada mudou.

No estudo que temos vindo a criticar propõe-se a existência de um "ciclo filiforme", inspirado, como em muitas outras passagens, na leitura de R. S. Lorenzo-Ruza (1955, 249), mas baseado em abordagem puramente técnica, descurando a vertente cultural, pelo que deve ser liminarmente rejeitado (Baptista, 1983-84, 81). Este "círculo rupestre", como lhe chamou A. M. Baptista (1986, 52-54), então distribuído pela Beira Alta e Trás-os-Montes, teria de ser alargado ao Alto Alentejo, com as novas descobertas de Aguaita e São Cristóvão (Reguengos de Monsaraz), junto ao Guadiana.

O mesmo autor pôs em causa a idade paleolítica das gravuras de Mazouco, não sendo capaz de reco-

nhecer a sua contemporaneidade com algumas das gravuras do Vale da Casa que estudou. Afinal o "(...) alerta para o enganoso de atribuições cronológicas ou culturais baseadas em meros conceitos estilísticos (...)", conforme ele próprio escreveu (Baptista, 1983-84-79), não foi, no presente caso, pertinente.

Nova síntese de A. M. Baptista (1986) tratou os mesmos aspectos, em três grandes temas (pinturas esquemáticas, arte do Vale do Tejo e petróglifos galaico-portugueses), reafirmando a convicção de as espirais do Vale do Tejo serem anteriores ou, pelo menos, contemporâneas dos grandes animais de estilo sub-naturalista e, portanto, com cronologia do Neolítico Antigo (Baptista, 1986, 41). Também ali se continua a não valorizar a existência de representações de armas na arte do Vale do Tejo, o que permite avaliar a continuidade daquele ciclo até, pelo menos, à Idade do Bronze Final. Esta pervivência revela-se, de igual modo, nos picotados com característica forma de "bago de arroz", produzidos com artefactos metálicos, de bronze ou, quiçá, de ferro.

Na Beira Alta, no sítio da Tapada (Covelo de Paiva), no concelho de Castro Daire, foi descoberta a Pedra dos Pratos, grande laje de xisto onde se encontram gravadas dezoito espirais e sete covinhas. Os responsáveis pelo estudo desta rocha continuaram a, anacronicamente, aceitar o vale do rio Vouga como limite da "expansão" das espirais, esquecendo-se do grande número de tais elementos iconográficos, existentes e publicados, na arte rupestre do Vale do Tejo (Rodrigues, Silva, Almeida e Vaz, 1989). A Pedra dos Pratos voltou a ser publicada por A. Tomás Santos (2000), não apresentando, todavia, quaisquer novidades.

Em Ribafeita, no concelho de Viseu, identificou e estudou Celso Tavares da Silva (1980), duas rochas gravadas com grandes labirintos, espirais e reticulado, que atribuiu aos séculos VI-IV a. C., depois de discorrer sobre a definição, os tipos e a dispersão daquelas primeiras figurações. No mesmo concelho, na quinta de Ferronhe (Vil de Soito) detectaram-se duas rochas de granito, separadas cerca de duzentos metros, decoradas com covinhas, círculos isolados ou organizados em conjuntos concêntricos, rectângulos com medianas

e diagonais, etc... (Silva, 1989). Os rectângulos são semelhantes aos descobertos por C. Tavares da Silva (1989, 284) no Castelo de Cedrim (Sever do Vouga). O mesmo arqueólogo elaborou síntese sobre a dispersão, iconografia e atribuição cronológico-cultural das gravuras da região do Vouga (Silva, 1985).

As gravuras do Vale do Vouga foram, ainda, utilizadas no estudo das convergências culturais observadas, naquela região, durante a Proto-História (Tavares, 1986-87).

As rochas decoradas de Molelinhos, cuja documentação e estudo iniciámos com Jorge Pinho Monteiro em meados da década de setenta, foram objecto de novo levantamento que constituiu notícia preliminar, da autoria de Ana Leite da Cunha (1991), embora carecendo de análise profunda, dado ali não se observar qualquer sugestão interpretativa, apesar da rica



14. Gravuras do santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo) (seg. M. V. Gomes)

iconografia que mostram e da existência de diferentes modelos que a tentaram explicar (Cortez, 1951; 1955; Anati, 1968; Gomes e Monteiro, 1976-77).

Conjunto constituído por sete rochas decoradas, com espirais, par de pegadas, soliforme, dois antropomorfos esquemáticos e possível zoomorfo, foi identificado nas proximidades da capela de Santa Bárbara em Ribafeita (Viseu), merecendo trabalho monográfico, tendo em vista o esclarecimento de sobreposições e a interpretação possível (Silva, Vaz e Pedro, 1997).

O monumento 3 da necrópole da "Casinha Derribada" (Viseu), uma cista contendo espólio da Idade do Bronze, era coberta por tampa contendo reticulado gravado, semelhante a muitos encontrados em rochas ao ar livre. Esta importante descoberta, que alarga o surgimento de iconografia afim detectada em cistas do Noroeste Peninsular (Penedo-Romero e Fábregas-Valcarce, 1997), foi datada, por 14 C, na segunda metade do II milénio a. C. (Cruz, Gomes e Carvalho, 1998, 22, 51, 52, est. 2). Fragmento de laje, de granito, com reticulado gravado, talvez possível estela ou tampa de sepultura, provém do povoado, da Idade do Bronze Final, de Canedotes (Vila Nova de Paiva) (Canha, 1999, 288, fig. 5-7).

Importante abrigo com pinturas, conhecido como Fraga d'Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira), foi identificado em 1987, sendo escavado e as suas manifestações artísticas estudadas, embora de forma preliminar, logo no ano seguinte (Jorge, Baptista, Jorge, Sanches, Silva, Silva e Cunha, 1988; Jorge, Baptista e Sanches, 1988).

Ali se observam dois painéis, ambos com pinturas de cor vermelha, embora se tenham utilizado diferentes tons, do vermelho claro ao vinho. Um dos painéis mostra figura antropomórfica, armada de arco, e veado, de estilo semi-naturalista, constituindo "cena de caça", enquanto o outro apresenta composição em friso, formada por dez figuras antropomórficas e um quadrúpede, todos de menores dimensões que as do primeiro painel.

As pinturas da Fraga d'Aia foram inicialmente atribuídas aos finais do III milénio a. C. ou aos inícios do milénio seguinte e, em trabalho ulterior (Jorge, 1991,

183) a "cena de caça" foi datada nos finais do IV milénio ou nos inícios do III milénio a. C., e o segundo painel em momento ulterior "pré ou proto-histórico".

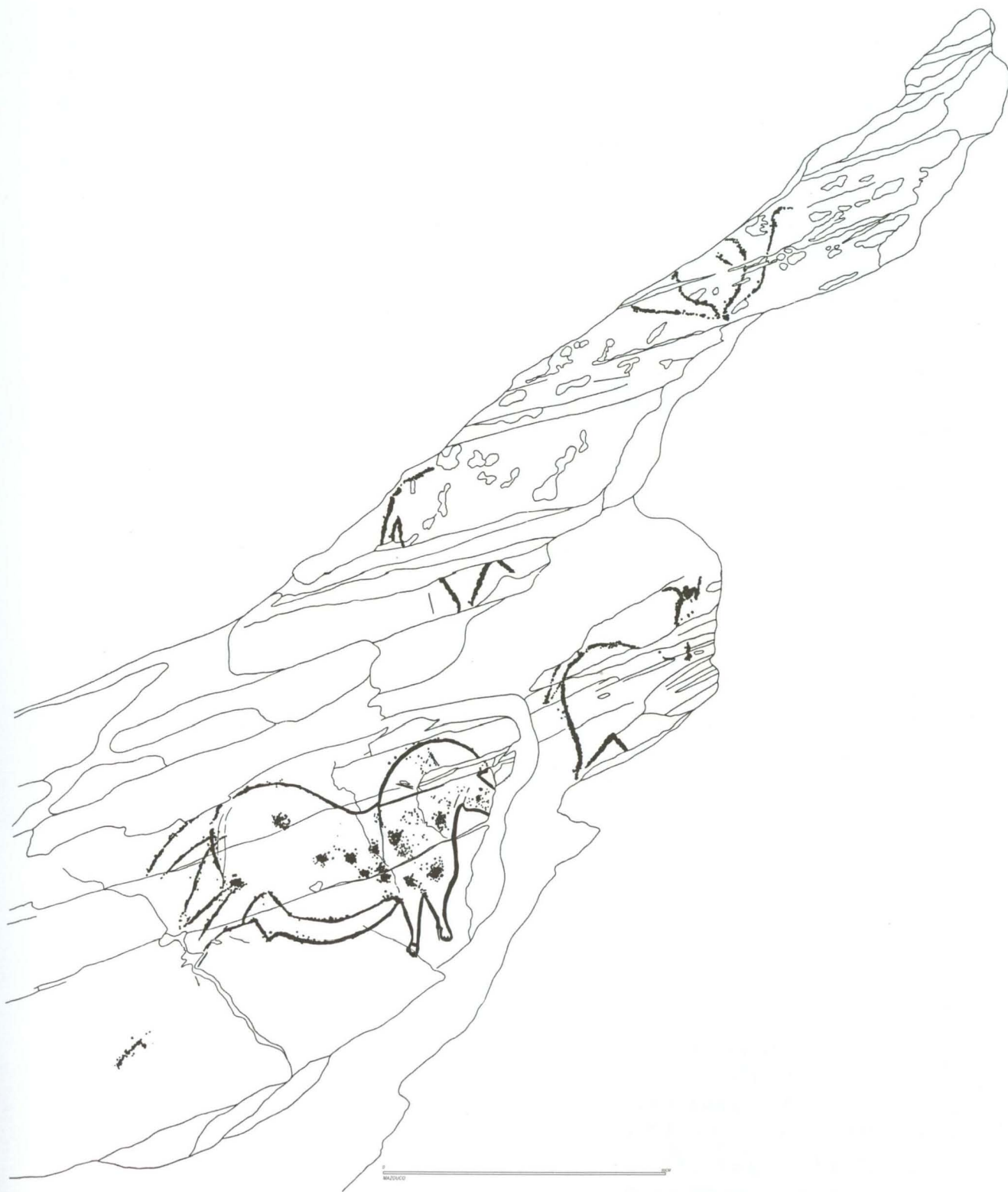
Quanto a nós, o painel primeiramente referido deve, de facto, constituir o conjunto mais recuado e auferir de cronologia neolítica, diríamos do Neolítico Antigo, enquanto as figuras do segundo conjunto, onde algumas, apesar de formalmente oferecerem tendência esquemática, podem encontrar-se associadas a outras mais naturalistas, devem ser classificadas no Neolítico Médio-Final. Não devemos descartar o facto de, por exemplo, grande parte da arte megalítica da vizinha região de Viseu mostrar, a par e contemporaneamente, figurações naturalistas e esquemáticas.

A estratigrafia cromática das pinturas da Fraga d'Aia terá de ser, no sentido da sua melhor clarificação cronológica, como da própria interpretação, mais aprofundada. Os paralelos com a Orca dos Juncas e a Arquinha da Moura, tal como com pinturas de outros abrigos da Beira Alta e de Trás-os-Montes, permitem aceitar a datação por nós sugerida, confirmada nas gravuras do Vale do Tejo, onde se reconheceram sobreposições e evolução estilística capazes de suportarem tal diacronia, assim como através de quatro datações, por radiocarbono, de níveis de ocupação do abrigo, duas das quais, quando calibradas a 2 *sigma*, ascendem à segunda metade do VI milénio A. C. (Jorge, 1993, 421, 427, 428).

Em 1988 Maria de Jesus Sanches (1988) descobriu no Regato das Bouças, situado na encosta leste da Serra de Passos (Mirandela) conjunto de oito abrigos abertos em fragas de xistos quartzíticos, contendo pinturas esquemáticas, em diversos tons de cor vermelha, sendo o maior e mais decorado conhecido como Casinha de Nossa Senhora.

A iconografia ali detectada é constituída por motivos antropomórficos esquemáticos, pectiformes, arboriformes, rectângulos segmentados, escalariformes, esteliformes, grupos de pontos e possível cavaleiro. As pinturas nas cores vermelha clara, vermelha alaranjada e amarela, constituem período mais antigo (fase I), sendo, por vezes, sobrepostas por pinturas de cor ver-

15. Gravuras de Mazouco (Freixo-de-Espada-à-Cinta) (seg. M. V. Gomes)



melha, mas de tom vinho (fase II), embora todas elas tenham sido atribuídas ao III milénio a. C. (Sanches e Santos, 1987, 27-29, ests VII-X; Sanches, 1990).

No abrigo denominado Buraco da Pala, situado próximo daqueles e com ocupações do III milénio a. C., encontram-se quatro motivos esquemáticos, pintados de cor vermelha escura, e de tom vinho, em geral mais tardia que as pinturas de cor vermelha clara (Sanches e Santos, 1987, 29, nota 1). Ainda no concelho de Mirandela, foram reconhecidas as gravuras do Fragão (Aguieiras), que haviam sido referidas por F. M. Alves (1934, 611, 612), contendo numerosas covinhas e sulcos, e a Fraga do Corvo, conservando restos de pinturas de cor vermelha (Sanches e Santos, 1987, 25, 26, ests III-VII).

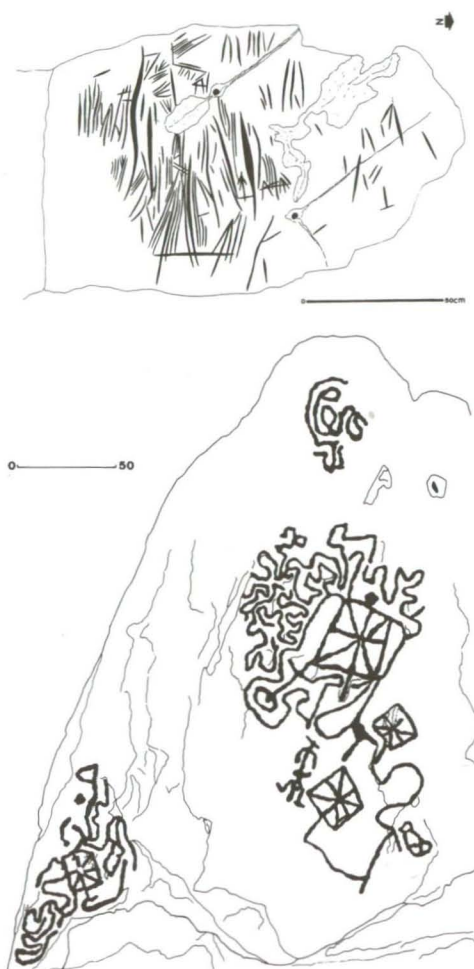
J. R. dos Santos Júnior (1980) deu a conhecer as gravuras da Fonte do Prado da Rodela (Meirinhos, Mogadouro), situadas, conforme o micro-topónimo indica, perto de manancial. Ali se encontram incisões filiformes ou abertas por abrasão, do tipo das denominadas "unhadas do Diabo", de aspecto fusiforme. Pelo menos algumas destas figuras, conhecidas em ambas margens do Mediterrâneo, podem auferir de cronologia paleolítica ou epipaleolítica (Cadenat, 1965; Aparício, 1977; González-Morales, 1980; Diez-Coronel, 1986-87).

Maria de Jesus Sanches, Francisco Sande Lemos e D. S. Marcos, descobriram e estudaram novos abrigos com gravuras, pré ou proto-históricas, do Planalto Mirandês, onde também existem abrigos com pinturas esquemáticas, um dos quais a "Fraga das Letras", em Penas Róias (Mogadouro), dado a conhecer por Carlos Alberto Ferreira de Almeida e António Maria Mourinho (1981) (Sanches, 1992, 47, 48, est. XVIII-B).

Um daqueles locais, as Fragas do Diabo, na ribeira da Veiga dos Moinhos, afluente do Douro (Vilarinho dos Galegos-Vilar do Rei, Mogadouro) é constituído por seis abrigos, onde predominam os conjuntos de curtos traços sub-verticais, abertos por abrasão, formando longas séries paralelas, e que terão sugerido o nome do local, reconhecendo-se, ainda, motivo reticulado (Lemos e Marcos, 1984; Sanches, 1992, 45, 46, ests XVII, XVIII-A). Nos vales das ribeiras das Veigas e do Vale de Palheiros, situam-se outros oito abrigos, onde se contam mais de duas dezenas de rochas decoradas. Junto ao pri-

meiro curso de água mencionado, as Fragas da Lapa, mostram gravuras abertas por picotagem, reconhecendo-se, sobretudo, figurações quadrangulares envolvidas por meandros, mas, também, uma dupla espiral, cruciformes e antropomorfos esquemáticos, enquanto os cinco abrigos de Vale dos Espinheiros oferecem linhas sinuosas, com covinhas alinhadas horizontalmente e sulcos abertos por abrasão ("unhadas do Diabo") (Marcos, 1984; Sanches, 1985-86; Sanches, 1992, 43, 44, ests XI-XIII, XV).

Na ribeira de Vale de Palheiros, as Fragas das Aguçadeiras e outros abrigos apresentam, principalmente, séries de curtos sulcos incisos por abrasão, com diferentes orientações (Sanches, 1992, 44, 45, est. XVI).



16. Fraga da Fonte do Prado da Rodela (Mogadouro) e Fraga da Lapa (painel 3) (seg. M. de J. Sanches, 1992, ests X e XIII)

Na mesma região, onde se conhecia a Fraga da Fonte do Prado da Rodela (Meirinhos, Mogadouro), identificaram-se a Fraga do Rebolhão (S. Martinho de Angueira, Miranda do Douro), afloramento de xisto com covinhas, e a Fraga das Cruzes (Sampaio, Azinhoso, Mogadouro), com três dezenas de figuras (cruciformes, cruciformes duplos, antropomorfos em forma de *phi*, ovais segmentadas, etc...) (Sanches, 1992, 41-43, est. X).

O abrigo com gravuras de Solhapa (Duas Igrejas, Miranda do Douro) foi objecto de novo estudo, com levantamento integral das suas manifestações iconográficas, constituídas sobretudo por covinhas e canais, tendo sido classificado na Idade do Bronze Final ou em época ulterior (Sanches e Lebre, 1986; Sanches, 1992, 46, 47)).

Orlando de Sousa procedeu a novo levantamento das pinturas da Pala Pinta (Alijó), atribuindo-as ao Calcolítico (Sousa, 1989).

Na Beira Baixa, para além das gravuras do Vale do Tejo e de rocha com covinhas e incisões abertas por abrasão na ribeira do Pracana (Monteiro e Gomes, 1974-77), surgiram outras na mesma zona, nos concelhos de Idanha-a-Nova (Cabeço Mouro-Santa Marina, Santa Madalena, Couto da Espanhola, Cabeço Alto), Castelo Branco (Senhora das Neves-São Domingos) e Vila Velha de Ródão (Malaguarda, Vilas Ruivas, Ocrea), correspondendo a superfícies com conjuntos de covinhas ou contendo figuras geométricas isoladas (Henriques, Caninas e Henriques, 1982; Henriques, Caninas e Chambino, 1995). Todavia, no vizinho concelho de Mação foi detectada importante superfície decorada com círculos simples ou concêntricos, espirais e outros motivos, que se conserva no local de Cobragança².

C. Batata (1997, 167) referiu e ilustrou com algumas fotografias duas superfícies com arte rupestre do concelho da Sertã. Uma encontra-se no sítio da Fechadura (Serra do Figueiredo) e mostra gravuras filiformes ou abertas por abrasão, de carácter geométrico, enquanto a segunda, a dois quilómetros da primeira, situa-se no local da Lajeira (Serra do Cabeço Rainho) e oferece gravuras picotadas, representando espirais, meandros, círculos e antropomorfo esquemático.

Jorge Pinho Monteiro identificou, em 1981, novo abrigo com pinturas esquemáticas, situado no lado nas-

cente da serra do Monte Novo (Arronches), pertencente aos contrafortes da serra de S. Mamede, hoje com o seu nome, não longe da Lapa dos Gaivões, estudada nos inícios do século XX por H. Breuil, e dos abrigos ali anteriormente descobertos por L. de Albuquerque e Castro e O. da Veiga Ferreira (Lapa dos Louçães e Igreja dos Mouros) (1960-61) (Gomes, 1989a, 229-231; 1998a, 10, 11).

Os trabalhos que desenvolvemos no abrigo Pinho Monteiro permitiram determinar três grandes períodos de execução das pinturas (Neolítico Final, Calcolítico e Idade do Bronze Final), estrutura que delimitava o santuário, assim como recuperar algum material arqueológico, integrando duas etapas de ocupação, correspondentes às duas fases iconográficas mais antigas. Estas apresentam antropomorfos esquemáticos de diferentes tipos, soliformes, uma "máscara", rectângulos segmentados, traços e pontos, nas cores vermelha alaranjada ou vermelha viva (períodos I e II). São de cor vermelha vinhosa algumas outras figuras, classificadas na Idade do Bronze Final (período III), entre as quais se reconheceu possível mitografia, de origem oriental, formada por personagem itifálico, ostentando bastão



17. Pinturas do esteio de cabeceira (C9) da Arquinha da Moura (Tondela) (seg. A. L. da Cunha, 1995, est. X)

e capacete de cornos, e figura feminina de pé sobre o dorso de quadrúpede (Gomes, 1985; 1989a, 232-238, figs 4-7; 1990a, 59-67; 1998a, 11, 12).

A arte megalítica do Alto Alentejo tem vindo a ser revelada desde os trabalhos iniciados, nos anos sessenta, por Henrique Leonor Pina e José Pires Gonçalves, conforme antes indicámos. Ela corresponde, sobretudo, a relevos e gravuras, que têm como suporte as superfícies de menires, isolados ou integrados em cromeleques. Às primeiras descobertas de menires gravados, como o da Belhoa, ainda um dos mais paradigmáticos, das Vidigueiras, de Vale de Rodrigo e de um dos que constituem o cromeleque dos Almendres, ou de mais alguns monólitos decorados apenas com covinhas, conhecem-se, depois das escavações e levantamentos que executámos durante os últimos quinze anos, principalmente no recinto acima mencionado e nos de Portela de Mogos e Xarez, mais de três dezenas de menires decorados. Este acervo iconográfico veio enriquecer e complexificar as problemáticas relacionadas com o megalitismo daquela região, nomeadamente em relação às interpretações de âmbito sócio-religioso (Gomes, 1983a; 1989a, 257, 258, 264, 265, 269, figs 18, 19, 23; 1994a; 1997; 1997b; 1997c; 1998; 1998a, 20-22).

No concelho de Reguengos de Monsaraz, foram descobertas duas enormes estelas-menir. Uma, medindo cerca de 5.00 m de altura e 1.00 m de largura máxima, provém do Monte da Ribeira, mostra gravuras e relevos em ambas faces, nomeadamente duas figurações de báculos, uma delas sobrepondo linha serpentiforme, círculos, covinhas e outras figuras (Gonçalves, Balbín-Behrmann e Bueno-Ramírez, 1997). As estratigrafias, horizontal e vertical, evidenciam diferentes fases de gravação, em uma das quais se reconhece intenção antropomórfica (marcação da cintura), podendo corresponder a período compreendido entre os finais do Neolítico Médio e o Neolítico Final ou, até, a épocas mais tardias. O segundo monumento, que estudámos em 1995, encontra-se tombado *in loco*, ao centro de recinto, na herdade do Barrocal. Apesar de fracturado na extremidade distal, mede 5.72 m de altura e 1.68 m de largura máxima. Na face exposta, identificam-se linhas onduladas, círculos, círculos concêntricos, báculo e covinhas.

Estudo sistemático do cromeleque do Xarez, ainda no concelho de Reguengos de Monsaraz, veio revelar, para além dos três monólitos onde já se tinham reconhecido covinhas, um menir com báculo em relevo (m. 37) e outro com grande círculo e linha horizontal gravados (m. 24) (Gomes, 2000a).

O repertório iconográfico detectado nos monumentos acima referidos mostra escutiformes, cajados, "báculos", representações solares, antropomorfos esquemáticos, círculos, semicírculos, linhas onduladas ou zigzagueantes, covinhas, etc... Acresce a tal documentação a descoberta, inesperada, nos cromeleques de Almendres e Portela de Mogos, de treze estátuas-menires antropomórficas, com face contendo olhos, nariz e raramente a boca, enorme lúnula sobre o peito, por vezes decorada, e, em alguns exemplares, seios, cintos e outros adereços. Estes monumentos, que aproveitam menires, foram classificados no Neolítico Final, constituindo novo grupo de estátuas-menires, integrando ocorrências que se detectam desde o Sudeste da Ucrânia e da Crimeia, passando pela Zona Alpina e Sul de França, atingindo, agora, o Extremo Ocidente da Europa (Gomes, 1998; 1998a, 22-25; 2000, 39, 40). Talvez interesse encontrar relações entre as estátuas-menires da zona de Évora e as numerosas estátuas-estelas do Cabeço da Mina, no Vale da Vilariça, em Trás-os-Montes, estudadas por Orlando de Sousa, mas a grande maioria das quais ainda inédita.

A arte megalítica do Sul de Portugal, foi, igualmente, objecto de algumas sínteses, em torno do seu discurso imagético, da integração ideológico-cultural e dos possíveis significados (Gomes, 1983a; 1989a, 245-266; 1994a; 1997a; 1998; 2000, 31-40; Vilaça, 1986; Bueno-Ramírez e Balbín-Behrmann, 1995; 1996).

Importa, também, referir, no Vale do Guadiana (concelhos de Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão), as gravuras identificadas em S. Geães (Monsaraz) por Francisco Serpa, as por nós reconhecidas em S. Cristóvão, a partir de informação de João Caninas, e as da Aqualta, Pipas e Defesinha, na mesma zona, registadas pela equipa da EDIA, e que constituem um grupo de arte rupestre inédito, formado por gravuras filiformes e picotadas, possivelmente proto-histórico e, quiçá,

mais extenso do que aparentava ser³. Ali se detectaram quatro dezenas de outros locais com arte rupestre, alguns deles com covinhas, mas de grandes dimensões (Foz dos Pardais e Defesinha), existindo, ainda, abrigos com idêntica decoração (Boavista e Rocha da Moura), tal como menires e estelas-menires (Roncão 3, Monte das Freiras, Monte Musgos e Monte do Tosco 1) (Silva, 1999, 137, 204, 205, 221, 223, 225, 243, 247, 283, 312, 323, 337, 345).

Em região por ora pobre no que concerne a testemunhos de arte pré-histórica, os maciços calcários a sul de Coimbra, que constituem as serras de Condeixa, Sicó e Alvaiázere, foi identificado, no Vale do Poio Novo (Redinha, Pombal), abrigo com gravuras, a maioria das quais antropomórficas, possivelmente proto-históricas, sem que se possa descartar a hipótese de algumas serem mais antigas (Aubry e Moura, 1990, 15-19, ests X-XIV). Mais para sul, no Vale do Lapedo (Leiria) foi descoberto, em 1998, abrigo com pinturas antropomórficas esquemáticas de cor vermelha (Zilhão, 2000, 25).

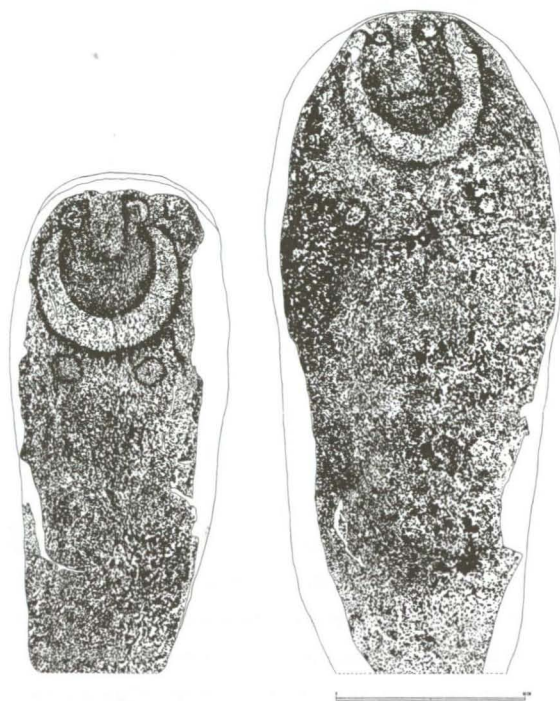
Em 1985 foi identificado um dos raros conjuntos de gravuras rupestres da Península de Lisboa, no sítio conhecido por Laje Erguida, perto da arriba litoral, a norte da praia do Magoito (S. João das Lampas, Sintra) e hoje irremediavelmente destruído. Ali se observavam diversos afloramentos de arenito com superfícies gravadas, existindo uma maior, inclinada cerca de 60° e com mais de 2.00 m de comprimento onde se reconheceu figura antropomórfica masculina, nua, com corpo rectangular e braços semierguidos, com os dedos abertos. Media 0.41 m de altura. Em seu redor observavam-se sulcos, covinhas, círculos, alguns dos quais com raios interiores, cruciformes, escalariformes, etc... (Beltrán, 1987, 54; 1989, 166; 1995a, 189; Sousa, 1990).

Tal iconografia permite a datação deste "santuário" na Idade do Ferro, embora tenha sido produzida em momentos distintos, e que a relacionemos com os mitos pré-romanos, existentes no Ocidente Peninsular, conotados com o desaparecimento quotidiano do Sol no Ocaso e, especificamente, nas águas do Oceano. A cerca de um quilómetro, no Pinhal dos Cochós, descobriu-se urna cinerária, da Idade do Ferro, que guarda

o Museu Regional de Sintra e que poderá ajudar a contextualizar aquelas manifestações artísticas.

Nos finais dos anos oitenta (1989) tivemos oportunidade de identificar, no Algarve, as primeiras superfícies com gravuras rupestres. Trata-se do santuário do sítio da Rocha (Vale Fuzeiros, S. Bartolomeu de Messines), com pegadas, covinhas e outra iconografia, datável no Calcolítico e na Idade do Bronze Final (Gomes, 1994b, 92). Novas superfícies decoradas foram, também, por nós descobertas no concelho de Vila do Bispo (Casa do Francês, Milrei I e Cardoso) (Gomes e Silva, 1987, 48, 52, 63) e, mais recentemente, reconhecemos, com Luís Miguel Cabrita, pequeno santuário, que inclui abrigo, nos arredores de S. Bartolomeu de Messines (Penedo), contendo arte esquemática e espólio neolítico.

Vítor de Oliveira Jorge tem apresentado pequenas sínteses, com carácter divulgativo, sobre a arte rupestre portuguesa (Jorge, 1983; 1986; 1987; 1991a; 1994; 1996-97; 1997; Jorge e Jorge, 1990; 1991; 1995), onde, a par de resumos mais ou menos descritivos, aborda sobretudo aspectos metodológicos, criticando negativamente a maioria dos trabalhos existentes, sobretudo



18. Estátuas-menir (25, 28) do Cromleque da Portela de Mogos (Évora) (seg. M. V. Gomes)

as perspectivas de carácter interpretativo, que, embora timidamente, surgiram, nos últimos anos, defendendo análises do tipo estruturalista, seduzido pela obra de A. Leroi-Gourhan dedicada à arte quaternária em grutas. Em alguns dos seus textos mais radicais, e por isso talvez para nós também mais interessantes, faltam-lhe, apenas, deixar explícitas palavras de ordem, como "É proibido interpretar". Oliveira Jorge, a quem a Arqueologia deve profundo empenhamento e muito fez em defesa da conservação das gravuras de Foz Côa, apesar das auto-críticas com que se penitencia, incorre em erros semelhantes quando, apesar de raramente, tenta os difíceis caminhos da interpretação, mesmo generalista, onde não chega a aplicar as metodologias que defende e a propor modelos para melhor tentarmos compreender o mundo simbólico e das ideologias, reflectido na arte, ou seja, a abordagem do que hoje integra a chamada Arqueologia Cognitiva.

Em 1986 foi publicada sinopse sobre a arte rupestre da Europa Ocidental, da autoria de J. Abélanet, onde se refere, de modo muito sucinto e seguidista, a arte megalítica portuguesa, os abrigos pintados do nosso país, a arte do Vale do Tejo e as gravuras do Norte de Portugal (Abélanet, 1986, 70-72, 101, 104, 105).

Adepto das "cronologias baixas" para a arte rupestre holocénica, tanto para o Ciclo Levantino como para o do Noroeste, Francisco Jordá (1983-84, 89, 90) defendeu, em diversos trabalhos, um "(...) hiatus rupestre epipaleolítico (...)", a par de profundas diferenças entre a arte funerária megalítica e a arte rupestre ao ar livre, mormente no Noroeste Peninsular; aspecto que deveria, segundo o mesmo autor, reflectir diacronia ou a presença de comunidades humanas com tradições culturais distintas (Jordá, 1983-84, 93), e que julgamos corresponder sobretudo à primeira premissa.

A. Beltrán (1993; 1995) publicou algumas reflexões sobre a arte rupestre do Ocidente Peninsular, procurando originalidades e interações culturais. O mesmo autor abordou as gravuras do Noroeste Peninsular, relacionando-as com as últimas fases do Vale do Tejo e com "mundo atlântico" que alcançaria as Canárias (Beltrán, 1995a, 181, 182).

As gravuras rupestres do Norte de Portugal foram genericamente referidas por R. Bradley (1997), em síntese demasiadamente especulativa, onde também aborda a arte do Vale do Tejo. A localização desta e alguns aspectos distintos da arte do Noroeste Peninsular permitiram, àquele autor, conferir-lhe entidade própria, embora considere que tais manifestações, como as gravuras do Noroeste, pertenceriam a um mesmo grande momento cultural, conclusão própria de interpretação idealista, que a evidência arqueológica desmente. Ela faz recuar em um século a investigação, havendo o perigo de, caso a seguirmos, considerássemos contemporâneo todo o espólio de qualquer sítio (Bradley, 1997, 163, 165, 202).

As descobertas de arte móvel do Paleolítico Superior, rara no nosso país, foram iniciadas com os trabalhos de J. Zilhão (1988; 1989) na gruta do Caldeirão (Tomar), de onde provém, além de significativa colecção de objectos de adorno, placa gravada em ambas faces, uma das quais com possível figuração feminina estilizada. No Cabeço de Porto Marinho (Rio Maior), surgiu seixo de quartzito com restos de ocre vermelho e na cavidade subterrânea conhecida como Buraca Grande (Vale do Poio, Redinha, Pombal), foram exumados fragmento de zagaia magdalense, com ambas faces decoradas (incisões paralelas e séries de covinhas), e de placa de xisto com restos de ornamentação, talvez de carácter zoomórfico, da mesma idade (Zilhão, 1997, 837, 838, 843). Por fim, no sítio do Xarez (Reguengos de Monsaraz), perto do Guadiana identificámos diversos artefactos do Paleolítico Superior e fragmento mesial de seixo, de xisto jaspóide, decorado nas duas faces, em uma das quais com série vertical de finas incisões em forma de V, atribuível ao Magdalenense (Gomes, 2000a, 97).

Pode relacionar-se com a arte móvel paleolítica, a placa óssea polida, de elefante ou baleia, de Alpena (Trafaria), conservando restos de coloração de cor vermelha (Zbyszewski, 1977)

7. O fechar do século

A identificação, em 1981, das gravuras paleolíticas ao ar livre de Mazouco, em penhasco sobranceiro ao rio Douro (Mazouco), das gravuras paleolíticas e sidéricas

do Vale da Casa (Foz Côa), ainda no Douro, e de abrigo com pinturas zoomórficas (ave e quadrúpede), possivelmente quaternárias (Penedo do Gato), não longe do vale daquele mesmo rio, preludiavam o excepcional conjunto de sítios, ao ar livre ou em abrigos, que hoje constituem o complexo artístico do Vale do Côa, considerado o maior ciclo de arte rupestre da Europa.

A primeira superfície decorada com gravuras indiscutivelmente paleolíticas haveria de ser reconhecida, em 1991, por Nelson Rebanda, o achador das gravuras de Mazouco dez anos antes, embora as grandes descobertas se tenham processado a partir dos finais de 1994.

Foram inicialmente estudadas meia centena de rochas decoradas paleolíticas, de um total que ascende a mais de duzentas, algumas das quais contendo várias dezenas de figuras, onde se contaram cerca de três centenas de representações zoomórficas, assim como não poucas sequências estratigráficas. Estas oferecem, por vezes, longas séries de motivos, onde se individualizam sucessivos momentos de gravação, permitindo reconhecer evolução crono-estilística e convenções gráficas genericamente idênticas às evidenciadas pelos "santuários clássicos", em grutas, com arte parietal paleolítica.

Outra característica da arte paleolítica do Côa é a de reproduzir comportamentos característicos da vida social de algumas espécies de animais, figurando-se manadas ou grupos de quadrúpedes, cenas de pré-acasalamento ou mesmo de cópula (Penascosa), a que se associa, não raro, a tentativa de reproduzir animação, através da figuração de uma ou, até, de três cabeças em um mesmo animal, e, raramente, mais de dois pares de membros, tentando simular movimento, o que também acontece com alguns animais gravados na vertical, como que se precipitando dos altos penhascos envolventes.

A arte do Côa utiliza como suporte as superfícies verticais de grandes blocos de xisto dos afloramentos que emergem nas encostas sobranceiras àquele rio, não longe do actual leito, mas também nos vales de ribeiras seus afluentes ou em outros subsidiários do Douro.

A localização referida contrasta, desde logo, com a da grande maioria da restante arte parietal quaterná-

ria europeia, produzida na escuridão e no silêncio do interior das grutas. Esta particularidade conduziu a que tenha sido interpretada, desde o período em que foi descoberta, nos finais do século XIX, como uma arte hermética, com acesso e compreensão restritos a alguns iniciados. Bem pelo contrário, a arte do Côa é de ar livre, possivelmente de fruição generalizada, muito embora a sua leitura pudesse não ser compreensível por todos quantos frequentavam os locais onde se encontra. Também não podemos pôr, liminarmente, de parte a hipótese de as gravuras terem sido produzidas durante a noite e em condições semelhantes às existentes nas cavidades subterrâneas.

A distribuição das rochas gravadas do Vale do Côa integra quatro grandes zonas, com características geográficas e artísticas algo diferenciadas. A situada mais a montante (Faia), mostra pinturas e gravuras paleolíticas e pós-paleolíticas, em abrigos de rochas graníticas e quartzíticas; a segunda ocupa zona onde o rio alarga, junto de terraços quaternários (Quinta da Barca e Penascosa); a terceira inclui um ribeiro (Piscos) e sector do Côa próximo da sua foz com o Douro e, por fim, a quarta abrange pequenos vales subsidiários daquele grande rio e as gravuras existentes nas suas margens, aí se reconhecendo, além das paleolíticas, algumas de outros períodos pré-históricos e numerosas da Idade do Ferro.

A eleição dos painéis utilizados como suporte das gravuras, como os repertórios iconográficos neles representados durante diferentes períodos, devem-se, por certo, a "programas" específicos que decorreram da percepção do espaço estruturado pelo rio Côa e os relevos envolventes, mas também dos recursos nele existentes, contribuindo, em conjunto, para a construção de paisagem cultural, com valores polissémicos, de que gravuras e assentamentos humanos são os mais expressivos vestígios.

As gravuras utilizaram três técnicas distintas, embora com variantes: a picotagem, directa ou indirecta e mais ou menos profunda e contínua, a incisão linear ou filiforme, de traço simples ou estriado, e a abrasão, não raro tendo-se associado na mesma figura mais de uma delas ou, até, as três. Linhas filiformes múltiplas, por

vezes acumulam-se em densas redes e raspagens, ou formam traços largos e áreas, preenchendo a cabeça, a frente ou até a totalidade dos corpos de certos animais, valorizando aspectos anatómicos, como as pelagens, e dando a sensação de volumes, como que substituindo a pintura policroma.

Os testemunhos arqueológicos e estilísticos disponíveis permitem considerar que a arte do Côa surgiu, com grande vigor, nos finais do Gravetense (antes de 20.000 a.C.), período a que pertencem os importantes assentamentos do Salto do Boi (Cardina I) e de Olga Grande (Aubry, Carvalho e Zilhão, 1997; Zilhão *et alii*, 1998-99).

Equídeos, bovídeos e caprinos, foram então os animais preferencialmente figurados (82,5%), em geral de perfil, embora as armações daqueles segundos se apresentem quase sempre em perspectiva semi-torcida. As cabeças mostram o olho, a narina e a boca.

Nos cavalos as crinas fazem ângulo recto com a testa, a extremidade do focinho apresenta-se arredondada, por vezes algo descaída ou em "bico de pato", e a curva mandibular é acentuada. Estas últimas características são ainda comuns a alguns bovídeos e caprinos. As linhas cérvico-dorsais são onduladas e os ventres proeminentes, assentando em membros com forma de V, que apenas mais tarde terminam em cascos.

Duas figurações de caprinos da Penascosa (rochas 3 e 8) mostram a cabeça vista de frente, com as armações em V, aspecto raro na arte quaternária.

Pertencem a este mesmo período alguns signos geométricos, designadamente pequenos grupos de manchas circulares picotadas, que parecem reproduzir as abundantes pontuações pintadas das grutas paleolíticas. Aliás, algumas gravuras pintadas de cor vermelha (Faia VI), permitem pensar que muitas das restantes insculturas poderiam ser igualmente coloridas, tendo-se perdido o cromatismo por acção dos agentes meteóricos.

Durante os finais do Solutrense e nos inícios do Magdalenense foi, sobretudo, usada a gravação filiiforme, através de contornos simples, estriados ou múltiplos, e de raspagens que preenchem, em parte ou na totalidade, alguns dos animais. Constata-se o acréscimo de representações de cervídeos e de caprinos,

mostrando, em geral, menores dimensões que as do período precedente.

Atribuímos ao Magdalenense Pleno-Final representações zoomórficas com linhas cérvico-dorsais pouco onduladas, as ventrais reduzidas e as cabeças geometrizarantes, oferecendo a extremidade do focinho aplanada, por vezes individualizada por um ou dois traços paralelos e mostrando dois outros traços paralelos, figurando a boca e a narina. As armações dos auroques são típicas, encurvadas e voltadas para diante, em perspectiva semi-torcida, ou, em fase ulterior, vistas de perfil. Nos cavalos observa-se a cabeça espessa, as crinas baixas, demarcadas do pescoço por linha. Os olhos são ovalados e, não raro, surgem cascos.

Este período integra algumas representações de peixes, numerosos "sinais complementares" ou ideogramas, a par de pequenas composições geométricas (escalari-formes, reticulados, tectiformes, claviformes, flechas, cometas, ondulados, etc...) e abstractas (psicogramas), assim como raras figuras antropomórficas paleolíticas, como a identificada na ribeira de Piscos. Trata-se de imagem correspondendo a indivíduo do sexo masculino, de pé, itifálica, gravada com traço fino, mas seguro, algo gestual. A cabeça encontra-se de perfil, identificando-se a boca aberta, um olho ovalado e uma das orelhas, com fisionomia caricatural, como é, aliás, comum a outras das representações humanas de mesma idade. O corpo foi figurado em perspectiva semi-torcida e tanto as mãos como os pés não foram delineados.

Animais produzidos por picotagem pouco precisa, de contorno geometrizarante e os membros representados apenas por um traço, despojados de alguns pormenores anatómicos, e fugindo aos cânones da arte dos períodos precedentes, integram o denominado estilo subnaturalista, podendo ser classificados nos primeiros tempos holocénicos, quando ainda se praticava economia de caça e recollecção. Em certos exemplares, a cabeça mostra maior cuidado, exibindo, a meio do corpo, a "linha da vida", como também acontece com imagens congêneres do Vale do Tejo e do Noroeste Peninsular.

Pinturas de cor vermelha escura, dos abrigos da

19. Gravuras do Vale do Côa (Quinta da Barca, r. 23) (seg. M. V. Gomes)

Faia, mostram personagens antropomórficos, com corpos e membros muito longos e finos, um deles parecendo transportar, na mão, um arco, assim como zoomorfos, podendo ser comparáveis com motivos da arte megalítica.

Antropomorfos e zoomorfos esquemáticos, onde se identificam bucrânios, encontram-se gravados em rochas

ao ar livre ou pintados em abrigos, devendo integrar manifestações tardo-neolíticas e calcolíticas.

Durante a Idade do Ferro a arte do Côa torna-se muito expressiva, correspondendo a gravuras filiformes, com grande sintetismo formal, onde se reconhecem animais isolados ou constituindo cenas, em algumas das quais participam antropomorfos. É possível que tais



cenar reproduzam mitografias relacionadas com a guerra e a caça, surgindo imagens de príncipes-guerreiros e, talvez, de heróis ou divindades, a pé ou montados a cavalo, armados com capacete, lança, espada e escudo, sendo acompanhados por cães. Guerreiros nus, com cinturões largos, afrontam-se aos pares, recordando "combates rituais", processados na região e relatados por alguns autores da Antiguidade (Estrabão, Apiano, Tito Lívio).

A arte do Vale do Côa perviveu ainda durante diferentes idades históricas, reflectindo poética e religiosidade populares, como documenta curiosa representação do milagreiro "Menino Jesus da Cartolinha", do século XVII, cujo culto é bem conhecido naquela zona (Baptista e Gomes, 1995; 1995a; 1997; Gomes e Baptista, 1996; 1998; Jorge, 1998; Zilhão, 1995; 1995a; Zilhão *et alii*, 1998-99; Gomes, 1998a, 3-7; 2000, 24-26).

No sítio do Fariseu, perto da foz da ribeira de Piscos surgiu, em Dezembro de 1999, novo painel decorado com gravuras, relacionado com sequência de níveis arqueológicos, o mais antigo atribuído ao Gravetense e o mais recente ao Magdalenense. Este entregou seixo de xisto decorado, nas duas faces, com motivos zoomórficos algo estilizados.

No Verão de 2000 surgiram no vale do rio Ocreza, afluente da margem direita do Tejo e não longe dos painéis com gravuras holocénicas, pelo menos duas rochas com iconografia paleolítica. Uma delas oferece representação, gravado através de picotagem, de equídeo, incompleta ou propositadamente acéfalo, figurada através de picotagem e de estiloolutense (Bahn, 2000).

Não devemos, ainda, esquecer alguns trabalhos que interpretam como manifestações artísticas, pré-históricas, ocorrências naturais, sem intervenção humana e que comumente se denominam "jogos da Natureza".

Encontram-se naquela situação os seixos do concheiro epipaleolítico do Vale da Fonte da Moça 2, em Almeirim, onde se pretendeu reconhecer figuras de animais gravadas, e a fractura podomórfica de Peroliva (Reguengos de Monsaraz) (Santos, 1993; Santos, Rolão e Marques, 1986-87). Também o seixo de sílex com forma vagamente antropomórfica, recolhido na Toca do Pai Lopes, em Setúbal, merece estudo aprofundado,

tendo em vista esclarecer a existência de vestígios de afeiçoamento e a sua própria origem (Santos, 1980-81). Não é sem imensas reservas que assistimos a atribuição de cronologia pré-histórica, apesar dos argumentos apresentados, à laje do Vale de Juncal (Mirandela), que bem pode, dada a sua forma e a iconografia que exhibe, tratar-se de tampa de sepultura medieval (Sanchez, 1994).

8. Conclusões

Podemos terminar este breve e, por certo, muito incompleto "estado da arte", constatando o pouco que se conhecia, em Portugal, nos inícios do século XX sobre as diversas manifestações rupestres e o facto de, no seu final, reconhecermos ser, certamente, o país da Europa que guarda maior densidade e variedade de tais testemunhos.

Aqueles não valem, em termos históricos, por si só, pelo que, para além da sua identificação e as necessárias tomadas de medidas tendo em vista a sua conservação, urge valorizá-los, estudando-os e tentando compreender as suas mensagens, mesmo sabendo encontrarmo-nos condicionados pela ideologia do nosso Tempo. Não podemos demitirmo-nos da abordagem arqueométrica, nem de elaborar as sínteses, tentando descodificar não só os aspectos económicos, sociais e tecnológicos, mas, sobretudo, os cognitivos, das comunidades humanas responsáveis pela sua produção.

Não esqueçamos que a Arqueologia estuda o Homem; os artefactos, as edificações ou a arte devem ser, apenas, meios para alcançarmos esse fim.

A historiografia sobre arte rupestre portuguesa é quase nula e a documentação disponível, apesar de vasta, apresenta, conforme observámos, grande desequilíbrio, correspondendo a esmagadora maioria dos títulos a notícias de descoberta, como se identificar arqueossítios fosse significativo, como não os tentássemos interpretar, ou a trabalhos preliminares, faltando as monografias, bem documentadas, onde se inventariem atributos pertinentes, se levantem questões e propo-

20. Gravuras do Vale do Côa (Penascosa, r. 16) (seg. A. M. Baptista e M. V. Gomes)

nham modelos interpretativos, conforme vai acontecendo em outras áreas da Pré e Proto-História. Importante lacuna respeita a inexistência de teses académicas sobre o mesmo assunto.

Sintoma claro da falta de vitalidade, na investigação sobre arte rupestre, encontra-se patente no facto de se repetir, por vezes até à saciedade, aquilo que os outros disseram, e, bem pior, quando se travestem ideias, por vezes velhas de quase um século, fazendo-as passar por recentes, esquecendo os primeiros que lhes deram autoria.

Por outro lado, a interpretação no domínio que temos vindo a tratar por vezes surge ferida de lógica. Por exemplo, não há qualquer razão de ordem ambiental ou histórica, para acreditar na existência de *hiatus* na produção de arte rupestre, entre os finais do Paleolítico Superior e o Neolítico, como grande número de autores defendem ou "esquecem". Gravuras do Vale do Tejo, de estilo sub-naturalista e situadas na base de

algumas seqüências estratigráficas, como outras identificadas no Vale do Côa, demonstram, entre nós, essa evidente continuidade.

Recordemos, ainda no mesmo âmbito, o facto de a "cena de caça" do esteio lateral (C1) da Orca dos Juncais, dado o seu carácter semi-naturalista, ter chegado a ser atribuída ao Epipaleolítico (Zbyszewski e Ferreira, s/data, 94), enquanto para outro autor ela demonstraria relevante papel económico da caça na sociedade neolítica, a par da agricultura e da pastorícia (Vilaça, 1986, 26). Contudo, a pintura referida não só tem como suporte elemento arquitectónico de monumento funerário inequivocamente neolítico, como a simples constatação da ausência total, na arte megalítica ibérica, de alusões às práticas económicas produtivas acima mencionadas, conduzem a reconhecermos que aquela arte não pretendeu mimetizar o real, não auferindo de carácter narrativo estrito, tanto ao nível do discurso iconográfico como no respeitante ao significado ime-



diato. Ela deve denunciar conceptualizações, muitas das quais captadas em estados de consciência alterada, ou no transcendente, podendo reflectir um tempo mítico.

As aparentemente ingénuas cenas de caça, apesar dos convencionalismos figurativos, mas onde se reconhecem antropomorfos naturalistas e outros esquemáticos, idoliformes, etc..., devem referir-se a universo religioso complexo e, em especial, à fertilidade, tanto dos campos como dos rebanhos, no quadro de sociedades perfeitamente neotilizadas, onde a caça estimulava, através do seu ritual, de sangue e morte, a renovação e a fecundidade, aludindo, afinal, ao controlo do Homem sobre a Natureza (Gomes, 2001, 31-33).

Por outro lado, a procura de contextos arqueológicos para a arte rupestre, que constituiu, desde os anos setenta, uma das nossas preocupações e motivações a nível metodológico, faz com que se tornem incompreensíveis alguns estudos, como o da arte funerária megalítica, quando desligada da arquitectura que lhe serve de suporte ou dos espólios e dos gestos ritualizados que integraram as manifestações sócio-religiosas desenroladas em tais monumentos.

Apesar dos convencionalismos, próprios de todas as expressões visuais, importará cada vez mais tentarmos identificar, na arte rupestre, círculos artísticos regionais, devidamente integrados com outros testemunhos da presença humana, e compreendê-los em termos diacrónicos, fazendo estalar os rígidos conceitos estilísticos que ordenaram a esmagadora maioria dos textos produzidos no século XX. A inclusão da arte rupestre em paisagens rituais parece ser caminho promissor e a explorar.

No mesmo quadro, o desenvolvimento de técnicas de datação absoluta para a arte rupestre ao ar livre terá grande importância, dado que, actualmente, apenas se podem obter tais cronologias, com fiabilidade, para pinturas onde se utilizaram matérias orgânicas ou foram cobertas por calcite.

Para concluirmos, não devemos deixar de manifestar que não poderia existir, para todos quantos se interessam pela arte pré-histórica e pelos aspectos cognitivos dos nossos antepassados, melhor fim de século, que a descoberta do verdadeiro tesouro da Humanidade que

constituem as gravuras de Foz Côa, apesar mesmo da actual quase nula investigação das mesmas, depois do activíssimo período de 1994-95. E não fora o desastroso e irremediável afogamento de muito significativos conjuntos de gravuras no Guadiana, devido à construção da barragem do Alqueva, como o pouco que ficaremos a saber sobre as mesmas, e tínhamos encerrado a centúria, e o milénio, com "chave de ouro".

Uma das principais problemáticas que, certamente, será tratada no século XXI respeita às origens da arte, que o século XX demonstrou não ser exclusiva do *Homo Sapiens Sapiens*, e à descoberta dos mecanismos psico-sociais que tornaram possível a sua existência, reflectindo pensamento simbólico e a conceptualidade.

No final do século, depois dos espartilhos analítico-tipológicos impostos pelas correntes estruturalistas, surgiram os primeiros sinais de que a arte rupestre não pode ser estudada, em termos metodológicos, como qualquer conjunto de artefactos. E não duvidamos de que ela desempenhará, na próxima centúria, papel fundamental para a compreensão das sociedades pretéritas, constituindo contributo incontornável ao "ofício de historiador", não só no campo económico, social e tecnológico, mas como meio privilegiado para o entendimento da complexa vida ideológica e cognitiva do Homem. Ao século XXI caberá, serenamente, aprofundar e consolidar a universalidade daquela herança.

Bibliografia

- ABÉLANET, J., 1986, *Signes sans Paroles. Cent Siècles d'Art Rupestre en Europe Occidentale*, Hachette, 345 pp., 74 figs, 34 ests, Paris.
- AGUIAR, J. M. de, e SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1940, O menhir de Luzim (Penafiel), *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 207-217, 6 ests, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa.
- ALARCÃO, J. de, 1986, Apresentação, *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, vol. 1, pp. 11-14, Publicações Alfa, Lisboa.
- ALMAGRO, M., 1952, *El Covacho con Pinturas Rupestres de Cogul (Lerida)*, Instituto de Estudios Ilerdenses, 93 pp., 58 figs, 1 est., Lerida.
- ALMEIDA, C. A. F. de, e MOURINHO, A. M., 1981, Pinturas esquemáticas de Penas Róias, Terra de Miranda do Douro, *Arqueologia*, nº 3, pp. 43-48.
- ALMEIDA, F. de, e FERREIRA, O. da V., 1966, Descoberta das primeiras insculturas com figuração humana estilizada nos arredores de Idanha-a-Velha, *Lucerna*, vol. V, pp. 425-433, II ests.
- ALMEIDA, L. F., 1965, Alguns documentos para a história da Arqueologia em Portugal, *Conimbriga*, vol. IV, pp. 103-108.
- ALMEIDA, F. M., 1934, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, tomo IX, Tipografia da Empresa Guedes Ltda, 718+26 pp., Porto.
- ALVES, F. M., 1938, *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, tomo X, Tipografia da Empresa Guedes Ltda, 845+21 pp., Porto.
- AMORIM, J. V. de, 1951, Curiosidades arqueológicas. Pinturas rupestres. A Perna-do-Mouro de Sonim, *Anuário de Chaves*, nº 2, pp. 10-13.
- ANATI, E., 1960, *La Grande Roche de Naquane*, Institut de Paléontologie Humaine, 189 pp., 49 figs, III ests, Paris.
- ANATI, E., 1960a, Quelques réflexions sur l'art rupestre d'Europe, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo LVII, pp. 692-712.
- ANATI, E., 1960b, *La Civilisation du Valcamonica*, Col. Mondes Anciens, Arthaud, 264 pp., 103 figs, 48 ests, Paris.
- ANATI, E., 1964, The rock-carvings of "Pedra das Ferraduras" at Fentans (Pontevedra), *Miscelánea en Homenaje al Abate Henri Breuil*, tomo I, pp. 123-135, Barcelona.
- ANATI, E., 1966, El arte rupestre galaico-portugués, *Simpósio de Arte Rupestre*, pp. 195-254, Diputación Provincial de Barcelona, Barcelona.
- ANATI, E., 1966-67, L'arte rupestre galiego-portuguese: Evoluzione e cronologia, *Arquivo de Beja*, vols XXIII-XXIV, pp. 51-122.
- ANATI, E., 1968, *Arte Rupestre nelle Regioni Occidentali della Penisola Iberica*, Archivi di Arte Preistorici, vol. 2, Edizioni del Centro Camuno di Studi Preistorici, 140 pp., 143 figs, 1 mapa, Capo di Ponte.
- ANATI, E., 1975, Incisioni rupestre nell'Alta Valle del fiume Tago, Portugallo, *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. 12, pp. 156-160.
- ANATI, E., 1976, *Metodi di Rilevamento e di Analisi dell'Arte Rupestre*, Studi Camuni, nº 7, Centro Camuno di Studi Preistorici, 64 pp., 23 figs, Capo di Ponte.
- APARÍCIO, J., 1977, Incisiones rupestres fusiformes en la Cuenca del Mediterraneo Occidental, *Trabajos de Prehistoria*, vol. 34, pp. 313-326.
- ARAÚJO, A. C., e LEJEUNE, M., 1995, *Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica*, Trabalhos de Arqueologia, nº 8, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 252 pp., 42+4+49 figs, Lisboa.
- ARGOTE, J. C. de, 1732, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, Officina de Joseph Antonio da Sylva, tomo I, 455 pp., Lisboa Occidental.
- ARGOTE, J. C. de, 1734, *Memorias para a Historia Ecclesiastica do Arcebispado de Braga, Primaz das Hespanhas*, Officina de Joseph Antonio da Sylva, tomo II, 933 pp., Lisboa Occidental.
- ARGOTE, J. C. de, 1738, *De Antiquitatibus Conventus Bracaraugustani*, Typis Silvianis, 626 pp., Ulyssipone Occidentali.
- AUBRY, T., CARVALHO, A. F., e ZILHÃO, J., 1997, *Arqueologia, Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa, Trabalhos de 1995-1996*, pp. 77-209, Ministério da Cultura, Lisboa.
- AUBRY, T., e MOURA, M. H., 1990, Redinha (Pombal)- Subsídios para a Carta Arqueológica da Freguesia, *Conimbriga*, vol. XXIX, pp. 5-37, XIV ests
- BAHN, P. G., 1998, *Prehistoric Art*, The Cambridge Illustrated History, Cambridge University Press, XXXII + 302 pp., Cambridge.
- BAHN, P. G., 2000, New rock-art find in Portugal, *Antiquity*, vol. 74, pp. 753, 754, figs 4, 5.
- BAPTISTA, A. M., 1980, Introdução ao estudo da arte pré-histórica do Noroeste Peninsular. 1. Gravuras rupestres do Gião, *Minia*, 2ª série, nº 4, pp. 80-100.
- BAPTISTA, A. M., 1981, A arte do Gião, *Arqueologia*, nº 3, pp. 56-66.
- BAPTISTA, A. M., 1981a, A arte do Gião, *Terra de Val de Vez*, nº 2, pp. 87-113.
- BAPTISTA, A. M., 1981b, *A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, Monografias Arqueológicas, nº 1, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, 85 pp., 20 figs, XVI ests, Porto.
- BAPTISTA, A. M., 1981c, O complexo de gravuras rupestres da Bouça do Colado (Parada-Lindoso), *Giستا*, ano I, nº 4, pp. 6-16.
- BAPTISTA, A. M., 1983, O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, nº 8, pp. 57-69.

- BAPTISTA, A. M., 1983-1984, Arte rupestre do Norte de Portugal: Uma perspectiva, *Portugália*, nova série, vols IV, V, pp. 71-82, IV ests.
- BAPTISTA, A. M., 1985, A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal), *O Arqueólogo Português*, série IV, vol. 3, pp. 7-44.
- BAPTISTA, A. M., 1986, Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, pp. 30-55, Publicações Alfa, Lisboa.
- BAPTISTA, A. M., 1986a, Adenda à notícia explicativa da Carta Geológica de Portugal, folha 1-D (Arcos de Valdevez)-Arqueologia, *Terra de Val de Vez*, nº 9, pp. 97-116, 1 mapa.
- BAPTISTA, A. M., 1990, Monumentos Arqueológicos do Parque Nacional -2- O santuário rupestre pré-histórico da Bouça do Colado (Parada-Lindoso), *Juriz*, nº 5, ano II, pp. 5, 6.
- BAPTISTA, A. M., 1990a, Actividades do Departamento de Arqueologia do PNPG, *Juriz*, nº 6, 7, ano II, pp. 40-42.
- BAPTISTA, A. M., 1997, Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza), *Bri-gantium*, vol. 10, pp. 191-216.
- BAPTISTA, A. M., e GOMES, M. V., 1995, Arte Rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras impressões, *Dossier Côa*, pp. 48-118, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto.
- BAPTISTA, A. M., e GOMES, M. V., 1995a, A arte do Vale do Côa. Resultados dos primeiros trabalhos, *Férvedes*, nº 2, pp. 143-149.
- BAPTISTA, A. M., e GOMES, M. V., 1997, Arte Rupestre, *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa, Trabalhos de 1995-1996*, pp. 211-406, Ministério da Cultura, Lisboa.
- BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V., LEMOS, F. S., MARQUES, T., MARTINS, M., MONTEIRO, J. P., RAPOSO, L. F., SERRÃO, V. M., SILVA, A. C., QUEROL, M. de los A., e SERRÃO, E. da C., 1974, O Complexo de Arte Rupestre do Tejo- Processos de Levantamento, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, pp. 293-323, IV ests, Ministério da Educação Nacional, Porto.
- BAPTISTA, A. M., e MARTINS, M., 1979, Gravuras rupestres do Vale do Guadiana: Notícia da sua descoberta, *Informação Arqueológica*, nº 1, pp. 17, 18, 25.
- BAPTISTA, A. M., MARTINS, M. M., e SERRÃO, E. da C., 1978, Felskunst im Tejo-tal-S. Simão (Nisa, Portalegre), Portugal, *Madri-der Mitteilungen*, vol. 19, pp. 89-111, ests 25-29.
- BATATA, C., 1997, A Sertã na transição entre a Pré-História Recente e a Proto-História, *Estudos Pré-Históricos*, vol. V, pp. 163-167, II ests.
- BELTRÁN, A., 1987, Algunas notas sobre el arte rupestre pre-histórico en Portugal, *Arqueologia*, nº 16, pp. 51-55.
- BELTRÁN, A., 1989, *El Arte Rupestre Aragones. Aportaciones a las Pinturas Prehistoricas de Albalate del Arzobispo y Estadilla*, Ibercaja, 178 pp., Zaragoza.
- BELTRÁN, A., 1993, Algunas consideraciones sobre el arte rupestre del Noroeste de la Peninsula y las relaciones atlánticas, *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 19-24, Zaragoza.
- BELTRÁN, A., 1995, Algunos planteamientos sobre el arte rupestre del Noroeste Peninsular. Relaciones y cuestiones de base, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (2), pp. 225-232.
- BELTRÁN, A., 1995a, El arte rupestre del Noroeste Español y las corrientes culturales entre el Atlantico, la Meseta e el Mediterraneo, *Revista de Guimarães*, vol. 105, pp. 173-202.
- BOAS, F., 1955, *Primitive Art*, Dover Publications, 372 pp., 308 figs, XV ests, New York.
- BOSCH-GIMPERA, P., 1954, La Edad del Bronce de la Península Ibérica, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. 27, pp. 45-92.
- BOSCH-GIMPERA, P., 1965, La chronologie de l'art rupestre seminaturaliste et schematique et la culture megalithique portugaise, *In Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. I, pp. 113-122, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BOUZA-BREY, F., 1940, Grabados rupestres serpentiformes de Lugo y la ofiolatria en Galicia y Norte de Portugal, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 291-302, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa.
- BRADLEY, R., 1997, *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*, Routledge, 238 pp., 40 ests, London.
- BRADLEY, R., e FÁBREGAS-VALCARCE, R., 1996, Petroglifos gallegos y arte esquemático: una propuesta de trabajo, *Complutum Extra*, nº 6 (II), pp. 103-110.
- BRANDÃO, D. de P., 1961, Insculturas do Monte de Eiró, Penha Longa (Marco de Canaveses), *Lucerna*, vol. I, pp. 45-58, VI ests.
- BRANDÃO, D. de P., e SOUSA, E. F. de, 1966, A "Penha-Fidelis", o seu petróglifo e os seus problemas, *Lucerna*, vol. V, pp. 434-441, I est.
- BREUIL, H., 1912, L'âge des cavernes et roches ornées de France et d'Espagne, *Revue Archéologique*, tomo XIX.
- BREUIL, H., 1917, La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près Arronches (Portalegre), *Terra Portuguesa*, ano 2º, nºs 13, 14, pp. 17-27.
- BREUIL, H., 1933, *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. I Au Nord du Tage*, Imprimerie de Lagny, 76 pp., 40 figs, XXIV ests, Lagny-sur-Marne.
- BREUIL, H., 1933a, *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. II Bassin du Guadiana*, Imprimerie de Lagny, 192 pp., 50 figs, XLII ests., Lagny-sur-Marne.
- BREUIL, H., 1933b, *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. III Sierra Morena*, Imprimerie de Lagny, 125 pp., 54 figs, LIX ests, Lagny-sur-Marne.

- BREUIL, H., 1934, Presidential address, *Proceedings of the Pre-historic Society of East Anglia*, vol. 7, pp. 289-322.
- BREUIL, H., 1935, *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique. IV Sud-Est et Est de l'Espagne*, Imprimerie de Lagny, 166 pp., 90 figs, XLV ests, Lagny-sur-Marne.
- BREUIL, H., 1940, Quelques observations sur les peintures schématiques de la Péninsule Ibérique, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 253-263, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa.
- BREUIL, H., 1974, *Quatre Cents Siècles d'Art Pariétal- Les Cavernes Ornées de l'Âge du Renne*, Éditions Max Fourny, 417 pp., 531 figs, Paris.
- BUENO-RAMÍREZ, P., e BALBÍN-BEHRMANN, R., 1995, La graphie du serpent dans la culture mégalithique péninsulaire. Représentations de plein air et représentations dolméniques, *L'Anthropologie*, tomo 100, pp. 357-381.
- BUENO-RAMÍREZ, P., e BALBÍN-BEHRMANN, R., 1996, El papel del elemento antropomorfo en el arte megalítico ibérico, *Revue Archéologique de l'Ouest*, supp. n.º 4, pp. 41-64, IV ests.
- C., 1960, Passeio "Arqueológico", *O Distrito de Portalegre*, ano 77, n.º 4685, p. 8.
- CABRAL, A. P., 1910, "Castrum Baniensium", *Ilustração Transmontana*, vol. 3, pp. 58-64.
- CABRÉ, J., 1916, *Arte Rupestre Gallego y Portugués (Eira d'os Mouros y Cachão da Rapa)*, Memórias da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, n.º II, 28 pp., 6 figs, V ests, Lisboa.
- CABRÉ, J., 1918, Extracto del avance al estudio de la escultura prehistórica de la Península Ibérica, *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, vol. XII, n.º 2, pp. 78-93.
- CADENAT, P., 1965, La station rupestre de "Beit-el-Ghaoula" près de Tiaret (Algerie), *In Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. I, pp. 145-152, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- CANHA, A., 1999, Canedotes (Vila Nova de Paiva), povoado do Bronze Final. Notícia preliminar das escavações do sector II, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VII, pp. 281-291.
- CARDOSO, F., 1897, Penedo com insculpturas, nos arredores de Vianna do Castello, *O Archeologo Português*, vol. III, pp. 170-172.
- CARDOZO, M., 1941, La "Pedra da Escrita" de Serrazes, *Archivo Español de Archeologia*, vol. 42, p. 152.
- CARDOZO, M., 1994, La "Pedra da Escrita" de Serrazes, *Obras de Mário Cardozo*, vol. I, pp. 403-407, Fundação Eng. António de Almeida, Porto.
- CARDOZO, M., 1950, Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento, *Revista da Guimarães*, vol. LX, pp. 405-486.
- CARDOZO, M., 1951, Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento, *Revista de Guimarães*, vol. LXI, pp. 6-80.
- CARTAILHAC, E., 1886, *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, Ch. Reinwald Libraire, XXXV + 347 pp., 450 figs, IVests, Paris.
- CARVALHO, A. F. de, 1981, *A Terra de Besteiros e o Actual Concelho de Tondela (Esboço Histórico e Toponímico)*, 2ª edição, Câmara Municipal de Tondela, 315 pp. Tondela.
- CARVALHO, P. S. de, e GOMES, L. F. C., 2000, O dólmen da Fonte Coberta (Alijó, Vila Real), *Estudos Pré-Históricos*, vol. VIII, pp. 19-47, V ests.
- CASTAÑOS, M. S., 1956, Petroglifos en la Alta Extremadura, *Alcántara*, vol. XII, pp. 57-66, 7 figs.
- CASTELO-BRANCO, F., 1974, Significado cultural das Academias de Lisboa no século XVIII, *Bracara Augusta*, vol. XXVIII, pp. 31-57.
- CASTRO, L. de A. e, 1959, A arte megalítica e as escritas ideográficas, *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, pp. 251-259, Instituto de Alta Cultura, Lisboa.
- CASTRO, L. de A. e, 1960, Monumentos megalíticos de Chão Redondo, *Estudos, Notas e Trabalhos do Serviço de Fomento Mineiro*, vol. XIV, pp. 145-174, VI ests.
- CASTRO, L. de A. e, 1962, A simbólica e a evolução dos ondulados, *Studium Generale*, vol. IX, pp. 100-108, IV ests.
- CASTRO, L. de A. e, 1966, L'art mégalithique au Portugal, *Atti del VI Congresso Internazionale delle Scienze Preistoriche e Protostoriche*, pp. 370-374, V ests, Roma.
- CASTRO, L. de A. e, 1970, A pedra escrita da tapada do Cordeiro, *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I, pp. 291-296, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- CASTRO, L. de A. e, e FERREIRA, O. da V., 1960-1961, As pinturas rupestres esquemáticas da Serra das Louções, *Conimbriga*, vols II-III, pp. 203-222, V ests.
- CASTRO, L. de A. e, FERREIRA, O. da V., e VIANA, A., 1957, O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo XXXVIII, pp. 325-346, XI ests.
- COELHO, J., 1912, *A Prêistória e o seu Ensino, Mamaltar do Vale de Fachas*, Estudos Prêistóricos, Typographia Minerva, 60 pp., Famalicão.
- COELHO, J., 1924, *Policromia Megalítica*, Estudos Préhistóricos II, Edição do Autor, 67 pp., 2 figs, Viseu.
- COELHO, J., 1931, Polychromie mégalithique dans la Beira Alta, *XVe Congrès International d'Anthropologie & d'Archéologie Préhistorique*, pp. 362-368, Librairie E. Nourry, Paris.
- CORRÊA, A. A. M., 1924, *Os Povos Primitivos da Lusitânia*, Casa Editora de A. Figueirinhas, 390 pp., 32 figs, XXI ests, Porto.
- CORRÊA, A. A. M., 1924a, Arte préhistórica na Beira (pinturas), *Notícias de Viseu*, n.º 292, p. 2.
- CORRÊA, A. A. M., 1924b, Nótulas arqueológicas, *Revista de Estudos Históricos*, vol. I, pp. 65-70.

- CORRÊA, A. A. M., 1926, Prehistória no distrito do Porto. O petróglifo do guerreiro no castro pré-romano do Reguengo, *A Águia*, 3ª série, nºs 34-48, pp. 56-58.
- CORRÊA, A. A. M., 1927, O petróglifo do guerreiro lusitano no Monte do Castelo de Penafiel, *Brotéria*, vol. IV, pp. 16-29.
- CORRÊA, A. A. M., 1928, Le serpent, totem dans la Lusitanie proto-historique, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, vol. XV, pp. 185-189.
- CORRÊA, A. A. M., 1928a, Nouveaux documents sur l'art pré-historique du Portugal, *Revue Anthropologique*, vol. XXXVIII, pp. 169-176.
- CORRÊA, A. A. M., 1929, Art rupestre en Traz-os-Montes (Portugal), *Revue Archéologique*, tomo XXIX, pp. 121-136.
- CORRÊA, A. A. M., 1929a, As pinturas do dólmen do Padrão (Vandoma), *O Archeologo Português*, vol. XXVII, pp. 128-136.
- CORRÊA, A. A. M., 1931, L'art rupestre préhistorique dans le nord-ouest de la Péninsule Ibérique, *XV^e Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 383-386, Librairie E. Nourry, Paris.
- CORRÊA, A. A. M., 1933, Les peintures mégalithiques de Côta (Beira Alta), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, pp. 157-160.
- CORRÊA, A. A. M., 1947, Histoire des recherches préhistoriques en Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XI, pp. 115-170.
- CORREIA, V., 1916, Pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII, *Terra Portuguesa*, anno 1º, nº 4, pp. 116-119.
- CORREIA, V., 1916a, Pinturas rupestres da Srª da Esperança (Arronches), *Terra Portuguesa*, anno 1º, nº 5, p. 158.
- CORREIA, V., 1917, Gravuras do "dolmen" da Pedra dos Mouros (Belas), *Terra Portuguesa*, anno 1º, nº 12, pp. 185, 186.
- CORREIA, V., 1917a, A proposito da "Arte rupestre gallego y portugues" do Sr. Juan Cabré Aguiló, *Terra Portuguesa*, anno 1º, nº 12, pp. 186-188.
- CORREIA, V., 1917b, Os ídolos-placas. Arte Preistórica, *Terra Portuguesa*, anno 2º, nºs 13, 14, pp. 29-35.
- CORREIA, V., 1921, *El Neolítico de Pavia (Alentejo- Portugal)*, Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, nº 27, 113 pp., 87 figs, XXVIII ests, 1 mapa, Madrid.
- CORREIA, V. H., e RECAREY, M. A., 1988, Insculpturas rupestres da Serra da Gávea: Senhora da Encarnação, *Actas do Colóquio em Homenagem a Manuel Boaventura*, pp. 93-111, Câmara Municipal de Esposende, Esposende.
- CORTEZ, F. R., 1951, Das populações pré-celtas do Norte de Portugal, *Boletim da Associação de Filosofia Natural*, vol. II, pp. 163-184.
- CORTEZ, F. R., 1952, *Contributo para o Estudo do Neolítico de Portugal*, Instituto de Alta Cultura, 60 pp., IX ests, Lisboa.
- CORTEZ, F. R., 1955, Contribucion al estudio de la Protohistoria de los "Lusitani" (entre el Duero y el Tajo), *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXVIII, pp. 90-101.
- COSTA, A. C. da, 1712, *Corografia Portuguesa e Descrição Topografica do Famoso Regno de Portugal*, tomo III, Typographia de Domingos Gonçalves Gouvea, XLVIII+463 pp., Lisboa.
- CRUZ, D. J. da, 1985, A necrópole megalítica da Serra do Alvão, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXV, pp. 396-406.
- CRUZ, D. J. da, 1988, O megalitismo do Norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVIII, pp. 15-56.
- CRUZ, D. J. da, 1993, A Orca dos Juncais (Queiriga, Vila Nova de Paiva, Viseu), *Estudos Pré-Históricos*, vol. I, pp. 67-81.
- CRUZ, D. J. da, CUNHA, A. M. L. da, e GOMES, L. F. C., 1988-1989, A orca de Corgas da Matança (Fornos de Algodres), *Portugalia*, nova série, vols IX-X, pp. 31-48, 5 ests.
- CRUZ, D. J. da, GOMES, L. F. C., e CARVALHO, P. M. S. de, 1998, O grupo de tumuli da "Casinha Derribada" (Concelho de Viseu), *Conimbriga*, vol. XXXVII, pp. 5-76, 8 ests.
- CRUZ, D. J. da, e GONÇALVES, A. A. H. B., 1994, Novas pinturas no dólmen do Padrão (Baltar, Paredes, Porto), *Estudos Pré-Históricos*, vol. 2, pp. 383-393, IV ests.
- CRUZ, D. J. da, e VILAÇA, R., 1989, A anta da Cunha Baixa (Mangualde) - Escavação, restauro e conservação de um monumento megalítico, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, pp. 51-60, Governo Civil do Distrito de Viseu, Viseu.
- CRUZ, D. J. da, e VILAÇA, R., 1994, O dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): Novas datações de carbono 14, *Estudos Pré-Históricos*, vol. II, pp. 63-68.
- CUEVILLAS, F. L., 1943, Las insculpturas del Outeiro da Cruz, *Boletín del Museo Arqueológico Provincial de Orense*, vol. I, pp. 95-101.
- CUEVILLAS, F. L., 1948, El Nordeste de Portugal y el arte megalítico, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXI, pp. 245-254.
- CUEVILLAS, F. L., 1951, La clasificación tipológica del arte rupestre del Noroeste Hispánico y una hipótesis sobre la cronología de alguno de sus tipos, *Zephyrus*, vol. II, pp. 73-81.
- CUEVILLAS, F. L., e BOUZA-BREY, F., 1929, Os Oestrim(n)ios, os Saefes e a ofiolatria en Galiza, *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, vol. II, pp. 27-193.
- CUEVILLAS, F. L., e PINTO, R. de S., 1934, Estudos sobre a Edade do Ferro no Noroeste da Peninsula - A relixião, *Arquivos do Seminario de Estudos Galegos*, vol. VI, pp. 295-367.
- CUNHA, A. L. da, 1991, Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, pp. 253-265, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- CUNHA, A. L. da, 1993, Pinturas rupestres na anta da Arquinha da Moura (conc. de Tondela, Viseu): Notícia preliminar, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 1, pp. 83-95.

- CUNHA, A. L. da, 1994, Un dolmen peint portugais. Anta da Arquinha da Moura, *Archéologia*, nº 304, pp. 50-53.
- CUNHA, A. L. da, 1995, Anta da Arquinha da Moura (Tondela), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (3), pp. 133-151.
- CUNHA, A. M. L. da, e SILVA, E. J. L. da, 1980, Gravuras rupestres do concelho de Valença, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, pp. 121-131, II ests, 1 mapa, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- DÉCHELETTE, J., 1912, Une nouvelle interpretation des gravures de New Grange et de Gavrilnis, *L'Anthropologie*, vol. XXIII, pp. 29-52.
- DEVIGNES, M., 1992, Analyse du phénomène des dolmens peints ibériques, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXII, pp. 113-140.
- DEVIGNES, M., 1992a, L'art des dolmens peints, *Archéologia*, nº 280, pp. 50-57.
- DEVIGNES, M., 1993, Contribution a l'étude de l'art mégalithique peint ibérique, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 33 (1-2), pp. 69-91.
- DEVIGNES, M., 1994, L'art mégalithique peint. Récentes découvertes, *Archéologia*, nº 304, pp. 44-49.
- DEVIGNES, M., 1996, Les rapports entre peintures et gravures dans l'art mégalithique ibérique, *Revue Archéologique de l'Ouest*, supp. nº 8, pp. 9-22.
- DÍEZ-CORONEL, L., 1986-87, Grabados rupestres prehistóricos en el Pirineo Leridano y Andorrano del tipo "Roca de les Bruixes I", *Bajo Aragon Prehistoria*, vols VII-VIII, pp. 235-264.
- ERVEDOSA, C., 1990, As gravuras rupestres do Alto da Mão do Homem (Vila Real), *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. I, pp. 179-182, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- FÉLIX, J. M., 1969, *Vila de Rei e o seu Concelho*, Tipografia Minerva, 724 pp., Vila Nova de Famalicão.
- FERNÁNDEZ, J. L., 1940, El símbolo solar en el NW de la Península, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 265-289, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa.
- FERREIRA, J. de B., 1924, Vestígios do culto da serpente (ofiolatria) na Prehistória lusitânica, *A Águia*, vol. V, 3ª série, nº 5 28-30, pp. 123-132.
- FERREIRA, J. de B., 1929, Contribuição para o estudo das representações da serpe no culto ofiolátrico, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, vol. XXIV, pp. 230-244.
- FERREIRA, J. de B., 1935, *O Ofidismo. No seu Aspecto Histórico e Actual*, Biblioteca de Altos Estudos, Academia das Ciências de Lisboa, 48 pp., Lisboa.
- FERREIRA, J. de B., 1939, Contribuição para o estudo das representações da serpe no culto ofiolátrico, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, vol. XXIV, pp. 230-244.
- FERREIRA, J. de B., 1940, A pedra gravada (votiva) de Monte Eiró-Vestígios do culto ofiolátrico na antiga Lusitânia, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 303-310, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa.
- FERREIRA, J. de B., e SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1931, Sobre o ofidismo em Portugal- Medicina popular das mordeduras de víbora, *XV^e Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 704-709, Librairie E. Nourry, Paris.
- FERREIRA, J. de B., e SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1931a, Algumas considerações sobre medicina popular das mordeduras de víbora. A pedra de cobra, *Revista Lusitana*, vol. XXIX, pp. 203-216.
- FERREIRA, O. da V., FERREIRA, S. da V., FERREIRA, F. D., e SIMÕES, S., 1980, Novas insculpturas pré-históricas descobertas na Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Gallaecia*, nº 6, pp. 217-227.
- FERRO-COUSELO, J., 1952, *Los Petroglifos de Termino y las Insculpturas Rupestres de Galicia*, Edição do Autor, 269 pp., Orense.
- FIGUEIREDO, M. R., 1973, Outra vez coa ofiolatria: dous achádegos interessantes, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXII, pp. 249-260, XII ests.
- FONTES, J., 1928, Uma excursão arqueológica à Galiza, *Arqueologia e História*, vol. V, pp. 25-60, II ests.
- FONTES, J., 1932, Sobre algumas figuras rupestres do santuário pré-histórico do Gião, *Revista de Arqueologia*, tomo I, pp. 75-82.
- FONTES, J., 1932a, Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião (Arcos do Val-de-Vez), *Revista de Arqueologia*, tomo I, pp. 235-243.
- FONTES, J., 1933, Figuras rupestres astraís no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Valdevez), *Homenagem a Martins Sarmiento*, pp. 120, 121, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- FONTES, J., 1903, A necropole dolmenica de Salles (Terras de Barroso), *Portugalia*, tomo I, pp. 665-686.
- FONTES, J., 1906, A sepultura da quinta da Agua Branca (Edade do Cobre), *Portugalia*, tomo II, pp. 241-252.
- FORTES, J., 1907, La spirale préhistorique et autres signes gravés sur pierre. Étude sur les relations antéhistoriques de l'Ibérie avec l'Irland, *Revue Préhistorique*, nº 10, pp. 5-16.
- FORTES, J., 1907a, A propos des sculptures sur les mégalithes du Portugal, *Deuxième Congrès Préhistorique de France*, Imprimerie Monnoyer, separata com 5 pp., Le Mans.
- FREITAS, A., SANTOS, M. F. dos, e ROLÃO, J. M. F., 1994, Notícia preliminar sobre "Fraga das Passadas" (Valpaços, Portugal), *Zephyrus*, vol. XLVIII, pp. 353-363.
- FREITAS, J. J., 1960, Notícias da Região, *Nova Aliança*, ano VIII, nº 155, pp. 3, 4.
- GIRÃO, A. de A., 1921, *Antiguidades Pré-Históricas de Lafões*, Memórias e Notícias, nº 2, Publicações do Museu Mineralógico e Geológico da Universidade de Coimbra, 68 pp., 14 figs, Coimbra.

- GIRÃO, A. de A., 1923, A "Pedra Escrita" de Serrazes, *A Beira*, ano I, nº 40.
- GIRÃO, A. de A., 1924, Monumentos pre-históricos do concelho de Viseu, *O Archeologo Português*, vol. XXVI, pp. 282-288
- GIRÃO, A. de A., 1925, Arte rupestre em Portugal (Beira Alta), *Biblos*, vol. I, nº 3, pp. 81-95.
- GLORY, A., VAULTIER, M., e SANTOS, M. F. dos, 1966, La grotte ornée d'Escoural (Portugal), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo LXIII, pp. 110-117.
- GOMES, L. F. C., CARVALHO, P. S. de, PERPÉTUO, J. M. A., e MARRAFA, C., 1998, O dólmen de Areita (S. João da Pesequeira, Viseu), *Estudos Pré-Históricos*, vol. 6, pp. 33-93.
- GOMES, M. V., 1980, Arte do Vale do Tejo, *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. XX, pp. 1300-1303, Editorial Verbo, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1983, Arte esquemática do Vale do Tejo, *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 277-285.
- GOMES, M. V., 1983a, Aspects of megalithic religion according to the portuguese menhirs, *Valcamonica Symposium III*, pp. 385-401, Centro Camuno di Studi Preistorici, Capo di Ponte.
- GOMES, M. V., 1983b, A gruta do Escoural, um santuário paleolítico, *História de Portugal*, vol. I, pp. 60, 61, Publicações Alfa, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1985, Abrigo Pinho Monteiro-1982, *Informação Arqueológica*, nº 5, pp. 90, 91.
- GOMES, M. V., 1985a, Arte rupestre, *Dicionário Ilustrado da História de Portugal*, pp. 188-190, Edições Alfa, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1987, Arte rupestre do Vale do Tejo, *Arqueologia do Vale do Tejo*, pp. 26-43, Instituto Português do Património Cultural, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1989, Arte rupestre do Vale do Tejo- Um santuário pré-histórico, *Cuadernos de San Benito*, vol. 2, pp. 49-75.
- GOMES, M. V., 1989a, Arte rupestre e contexto arqueológico, *Almansor*, nº 7, pp. 225-269.
- GOMES, M. V., 1990, A rocha 49¹ de Fratel e os períodos estilizado-estático e estilizado-dinâmico da arte do Vale do Tejo, *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. I, pp. 151-177, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1990a, O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na Proto-História do Sul de Portugal: *smiting gods* ou deuses ameaçadores, *Estudos Orientais*, vol. I, pp. 53-106.
- GOMES, M. V., 1990b, A importância dos elementos naturais e do ambiente na arte rupestre, *Jornadas sobre Parques con Arte Rupestre*, pp. 123-148, Diputacion General de Aragon, Zaragoza.
- GOMES, M. V., 1991, Corniformes et autres figures associées de deux sanctuaires rupestres dans le Sud du Portugal. Chronologie et interprétation, *Colloque le Mont Bego. Une Montagne Sacrée de L'Âge du Bronze*, tome I, pp. 434-469, Tende.
- GOMES, M. V., 1991a, Corniformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação, *Almansor*, vol. 9, pp. 17-74.
- GOMES, M. V., 1992, L'art rupestre au Portugal, *La Naissance de l'Art en Europe*, pp. 56-59, União Latina, Paris.
- GOMES, M. V., 1993, O Marco de Anta ou estela-menir de Caparrosa (Tondela, Viseu), *Estudos Pré-Históricos*, vol. I, pp. 7-27.
- GOMES, M. V., 1994, Escoural et Mazouco. Deux sanctuaires paléolithiques du Portugal, *Les Dossiers d'Archeologie*, nº 198, pp. 4-9.
- GOMES, M. V., 1994a, Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português-trabalhos recentes e estado da questão, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 3, pp. 241-261.
- GOMES, M. V., 1994b, *A Necrópole de Alfarrobeira (S. Bartolomeu de Messines) e a Idade do Bronze no Concelho de Silves*, *Xelb*, nº 2, Câmara Municipal de Silves, 162 pp., 80 figs, Silves.
- GOMES, M. V., 1995, Cavalo, de cor vermelha, da gruta do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora), *Estudos de Arte e História. Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*, pp. 295-305, Editorial Vega, Lisboa.
- GOMES, M. V., 1995a, O que é que temos que fazer?, *Al-Madan*, II série, nº 4, pp. 150-153.
- GOMES, M. V., 1997, O menir da Herdade das Vidigueiras (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados dos trabalhos de 1988, *Cadernos de Cultura de Reguengos de Monsaraz*, nº 1, pp. 17-37.
- GOMES, M. V., 1997a, Megalitismo do Barlavento Algarvio-Breve síntese, *Setúbal Arqueológica*, vols 11, 12, pp. 147.190.
- GOMES, M. V., 1997b, Cromeleque dos Almendres. Um dos primeiros grandes monumentos públicos da Humanidade, *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, pp. 25-34, Câmara Municipal de Évora, Évora.
- GOMES, M. V., 1997c, Cromeleque da Portela de Mogos. Um monumento sócio-religioso megalítico, *Paisagens Arqueológicas a Oeste de Évora*, pp. 35-39, Câmara Municipal de Évora, Évora.
- GOMES, M. V., 1998, Estátuas-menires antropomórficas do Alto-Alentejo. Descobertas recentes e problemática, *Bri-gantium*, vol. 10, pp. 255-279.
- GOMES, M. V., 1998a, L'art rupestre au Centre et Sud du Portugal, *I Jornadas sobre el Patrimonio Cultural y Natural en el Parque Cultural del Rio Martin*, pp. 1-28, Ariño.
- GOMES, M. V., 1999, A "Bicha Pintada" (Vila de Rei, Castelo Branco) e as serpentes na Proto-História do Centro e Norte de Portugal, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VII, pp. 221-240, IV ests.
- GOMES, M. V., 2000, Arte preistorica del Portogallo, *40000 Anni di Arte Contemporanea, L'Art Preistorica d'Europa*, pp. 23-41, Centro Camuno di Studi Preistorici, Capo di Ponte.

- GOMES, M. V., 2000a, Cromeleque do Xarez- A ordenação do Caos, *Memórias d'Odiana*, nº 2, pp. 17-190.
- GOMES, M. V., 2000b, A rocha 175 de Fratel-Iconografia e interpretação, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VIII, pp. 81-112, 11 ests.
- GOMES, M. V., 2001, Arte rupestre do Vale do Tejo (Portugal)-Antropomorfos (estilos, comportamentos, cronologias e interpretações), *Semiótica del Arte Rupestre*, pp. 53-88, Diputación Provincial de Valencia, Valencia.
- GOMES, M. V., e BAPTISTA, A. M., 1996, Arte Rupestre do Vale do Côa: Espaço iconografia, estudo e conservação, *Quaderni della Scuola Italiana di Madrid*, vol. 4, pp. 63-70.
- GOMES, M. V., e BAPTISTA, A. M., 1998, A arte rupestre de Foz Côa- Importância científica e perspectivas, *O Tratado de Alcanices e a Importância Histórica das Terras de Riba Côa*, pp. 63-80, Universidade Católica, Lisboa.
- GOMES, M. V., e CARDOSO, J. L., 1989, A mais antiga representação de *Equus* do Vale do Tejo, *Almansor*, vol. 7, pp. 167-181.
- GOMES, M. V., CARDOSO, J. L., e ALVES, F. J. S., 1995, *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Lagoa*, Câmara Municipal de Lagoa, 108 pp., 70 figs, Lagoa.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., e SANTOS, M. F. dos, 1994, O santuário exterior do Escoural- Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora), *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. II, pp. 93-108, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, M. V., e MONTEIRO, J. P., 1974-77, A estela-menir decorada da Caparrosa, Beira Alta. Nota de descoberta, *O Arqueólogo Português*, série III, vols VII-IX, pp. 89-93.
- GOMES, M. V., e MONTEIRO, J. P., 1974-77a, As rochas decoradas da Alagoa. Tondela-Viséu, *O Arqueólogo Português*, série III, vols VII-IX, pp. 145-164.
- GOMES, M. V., e MONTEIRO, J. P., 1976-77, As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja)-Estudo Comparado, *Setúbal Arqueológica*, vols II-III, pp. 281-343.
- GOMES, M. V., MONTEIRO, J. P., e SERRÃO, E. da C., 1978, A estação pré-histórica da Caramujeira. Trabalhos de 1975/76, *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I, pp. 33-72, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, R. V., GOMES, M. V., e SANTOS, M. F. dos, 1983, O santuário exterior do Escoural. Sector NE (Montemor-o-Novo, Évora), *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 287-307.
- GOMES, R. V., GOMES, M. V., e SANTOS, M. F. dos, 1983-84, Santuário exterior e povoado calcolítico do Escoural, *Clio/Arqueologia*, vol. 1, pp. 77, 78.
- GOMES, R. V., GOMES, M. V., e SANTOS, M. F. dos, 1993, O santuário exterior do Escoural- Sector SE (Montemor-o-Novo, Évora), *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. 2, pp. 93-108, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- GOMES, M. V., e SILVA, C. T. da, 1987, *Levantamento Arqueológico do Algarve. Concelho de Vila do Bispo*, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, 84 pp., 38 figs, Faro.
- GONÇALVES, A. A. H. B., 1984, Inéditos de Rui de Serpa Pinto, *Arqueologia*, nº 9, pp. 122-127.
- GONÇALVES, A. A. H. B., 1990, Registos arqueológicos do Prof. Doutor Mendes Corrêa (1920-1934), *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, vol. I, pp. 193-204, Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- GONÇALVES, A. M., 1963, Alberto Souto e o Museu de Aveiro, *Lucerna*, vol. III, pp. 324-338, 1 est.
- GONÇALVES, J. P., 1970, Menires de Monsaraz, *Arqueologia e História*, vol. II, pp. 151-176.
- GONÇALVES, J. P., 1972, Arte rupestre de Monsaraz, *Arquivo do Centro Cultural Português*, vol. V, pp. 489-502.
- GONÇALVES, J. P., 1975, Roteiro de alguns megálitos da Região de Évora, *A Cidade de Évora*, nº 58, pp. 241-261, 12 ests.
- GONÇALVES, J. P., 1976, Novos menires gravados no paraíso megalítico de Monsaraz, *Actas del V Congreso de Estudios Extremeños*, pp. 41-48, 10 ests, Badajoz.
- GONÇALVES, V. dos S., BALBÍN-BEHRMANN, R., e BUENO-RAMÍREZ, P., 1997, A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal), *Brigantium*, vol. 10, pp. 235-254.
- GONZÁLEZ, C. D. F., 1991-1992, El grabado de la Peña del Cavallo Pintado, *Zephyrus*, vols XLIV-XLV, pp. 251-267.
- GONZÁLEZ-MORALES, M. R., 1980, Grabados exteriores lineales de surco profundo en cavernas de Llanes (Asturias): Cueto de la Mina, Samoreli y el Covaron, *Altamira Symposium*, pp. 267-276, Ministerio de Cultura, Madrid.
- HAZARD, P., 1971, *Crise da Consciência Europeia*, Edições Cosmos, 364 pp., Lisboa.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. C., e CHAMBINO, M., 1995, Rochas com covinhas na região do Alto Tejo português, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (4), pp. 191-206.
- HENRIQUES, F. R., CANINAS, C., e HENRIQUES, A., 1982, Levantamento de algumas gravações antigas sobre rocha do Sul da Beira Interior, *Beira Alta*, vol. XLI, pp. 703-715, VI ests.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E., 1916, Pinturas prehistóricas y dólmenes de la región de Albuquerque (Extremadura) según datos y dibujos de Aurelio Cabrera, *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, vol. XIV.
- HERNÁNDEZ-PACHECO, E., e CABRERA, A., 1916, Pinturas Prehistoricas y Dólmenes de la Región de Albuquerque (Extremadura), Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas, nota número 8, 12 pp., 10 figs, II ests, Madrid.
- JALHAY, E., 1926, Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia: Alrededores de Oya. Provincia de Pontevedra, *Boletín de la Comisión Povincial de Monumentos de Orense*, vol. VII, pp. 373-385.

- JALHAY, E., 1929, Os Estrimnios, os Sefes e a ofiolatria na Galiza, *Brotéria*, vol. IX, fasc. V, pp. 311-324.
- JALHAY, E., 1932, Novas descobertas pré-históricas no Sudoeste da Galiza e Norte de Portugal, *Asociación Española para el Progreso de las Ciencias*, pp. 121-128, XIII ests, Madrid.
- JALHAY, E., 1947, Uma notável gravura rupestre da citânia de Sanfins, *Brotéria*, vol. XLIV, pp. 554-563, IV ests.
- JORDÁ, F., 1983-84, Algunas consideraciones sobre los problemas del arte rupestre del area centroccidental lusoespañola, *Portugalia*, nova série, vols IV, V, pp. 89-95.
- JORDÁ, F., 1985, Los grabados de Mazouco, los santuarios monotematicos y los animales dominantes en el arte paleolitico peninsular, *Revista de Guimarães*, vol. XCIV, pp.
- JORGE, S. de O., JORGE, V. de O., ALMEIDA, C. A. F. de, SANCHES, M. de J., e SOEIRO, M. T., 1981, Gravuras rupestres de Mazouco, *Arqueologia*, nº 3, pp. 3-12.
- JORGE, S. de O., JORGE, V. de O., ALMEIDA, C. A. F. de, SANCHES, M. de J., e SOEIRO, M. T., 1982, Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada-à-Cinta (Portugal), *Zephyrus*, vols XXXIV-XXXV, pp. 65-70.
- JORGE, V. de O., 1983, Gravuras portuguesas, *Zephyrus*, vol. XXXVI, pp. 53-61.
- JORGE, V. de O., 1985, Sessões Científicas e Conferências, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXV, pp. 440-447.
- JORGE, V. de O., 1986, Arte rupestre em Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVI, pp. 27-50.
- JORGE, V. de O., 1987, Arte rupestre em Portugal, *Revista de Arqueologia*, nº 76, pp. 10-19.
- JORGE, V. de O., 1991, Novos dados sobre a Fraga d'Aia (Paredes da Beira-S. João da Pesqueira), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXI, pp. 181-185.
- JORGE, V. de O., 1991a, Le rôle social des phénomènes symboliques (tombes, art rupestre, proto-statuaire) dans la Pré-histoire Récente du Nord du Portugal (IV^e-II^e miell. av. J. C.), *Revista de História*, vol. XI, pp. 255-260.
- JORGE, V. de O., 1993, Novas datas de C14 para estações pré-históricas do Norte de Portugal, *Revista da Faculdade de Letras-História*, II série, vol. X, pp. 417-432.
- JORGE, V. de O., 1994, L'art mégalithique peint, *Archéologia*, nº 304, p. 42.
- JORGE, V. de O., 1996-97, Em torno da arte megalítica: Revisitando uma visão de 1981, *Portugalia*, Nova série, vols XVII-XVIII, pp. 51-76.
- JORGE, V. de O., 1997, Questões de interpretação da arte megalítica, *Brigantium*, vol. 10, pp. 47-65.
- JORGE, V. de O., 1998, Algumas reflexões em torno da arte rupestre do Centro-Interior do país, com principal referência ao Côa, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 6, pp. 195-206, IV ests.
- JORGE, V. de O., BAPTISTA, A. M., e SANCHES, M. de J., 1988, A Fraga d'Aia (Paredes da Beira-S. João da Pesqueira)- arte rupestre e ocupação pré-histórica, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVIII, pp. 201-233.
- JORGE, V. de O., BAPTISTA, A. M., JORGE, S. de O., SANCHES, M. de J., SILVA, E. J. L. da, SILVA, M. S., e CUNHA, A. L. da, 1988, O abrigo-com pinturas rupestres da Fraga d'Aia (Paredes da Beira-S. João da Pesqueira). Notícia preliminar, *Arqueologia*, nº 18, pp. 109-130.
- JORGE, V. de O., e JORGE, S. de O., 1990, Statues-menhirs et stèles du Nord du Portugal, *Revista da Faculdade de Letras-História*, II série, vol. VII, pp. 299-324.
- JORGE, V. de O., e JORGE, S. de O., 1991, Figurations humaines préhistoriques du Portugal: dolmens ornés, abris peints, rochers gravés, statues-menhirs, *Revista da Faculdade de Letras-História*, II série, vol. VIII, pp. 341-384.
- JORGE, V. de O., JORGE, S. de O., 1995, Portuguese rock art: A general view, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (4), pp. 323-347.
- JORGE, V. de O., JORGE, S. de O., SANCHES, M. de J., e RIBEIRO, J. P., 1981-82, Mazouco (Freixo de Espada-à-Cinta)- Nótula arqueológica, *Portugalia*, nova série, vols II, III, pp. 143-145.
- KÜHN, H., 1929, *Kunst und Kultur der Vorzeit Europas. Das Palaeolithikum*, vol. I, Berlin.
- LANHAS, F., 1969, As gravuras rupestres de Montedor, *Revista de Etnografia*, vol. XIII, nº 26, pp. 367-386.
- LEMOES, F. S., e MARCOS, D., 1984, As gravuras rupestres das Fragas do Diabo (Mogadouro), *Cadernos de Arqueologia*, série II, vol. I, pp. 137-142.
- LEISNER, G., 1935, Die malereien des dolmen Pedra Coberta, *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, vol. 9, pp. 23-44, ests 10-16.
- LEISNER, G., 1944, O dólmen de falsa cúpula de Vale-de-Rodrigo, *Biblos*, vol. XX, pp. 23-52, XIV ests.
- LEISNER, V., e RIBEIRO, L., 1968, Die dolmen von Carapito, *Madriker Mitteilungen*, vol. 9, pp. 11-62, 16 figs, 14 ests.
- LOPES, M. C., CARVALHO, P. C., e GOMES, S. M., 1997, *Arqueologia do Concelho de Serpa*, 175 pp., 2 mapas, Câmara Municipal de Serpa, Serpa.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1946, Los signos podomorfos del petroglifo de Santa Tecla y los del mismo tipo conocidos hasta la fecha en Europa, *El Museo de Pontevedra*, vol. IV, pp. 131-134.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1946a, Acerca de los signos del petroglifo de Eira d'os Mouros, *El Museo de Pontevedra*, vol. IV, pp. 137-142, IV ests.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1951, Petróglifos e labirintos, *Revista de Guimarães*, vol. LXI, pp. 378-393, IV ests.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1952, Origen de los petroglifos gallego atlánticos, *Zephyrus*, vol. III, pp. 125-149.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1953, Los motivos de labirintos y su influencia en los petroglifos gallegos atlánticos, *Revista de Guimarães*, vol. LXIII, pp. 56-82, VII ests.

- LORENZO-RUZA, R. S., 1954, Petroglifos prehistoricos europeos, *Congreso Internacional de Ciencias Préhistóricas y Protohistóricas*, pp. 465-468, Ministério de Cultura, Madrid.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1955, Datos para el estudio de los petroglifos de tipo atlántico, *III Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 224-260, XI ests, Zaragoza.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1956, Ensayo de datacion de los labirintos grabados europeos tipo Tagliatella, *Revista de Guimarães*, vol. LXVI, pp. 426-444.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1956a, Ensayo sobre los motivos de discos solares en los petroglifos gallego atlánticos, *Zephyrus*, vol. VII, pp. 11-19.
- LORENZO-RUZA, R. S., 1957, Bosquejo para un estudio de los petroglifos portugueses, *Caesaraugusta*, vols 7, 8, pp. 49-65.
- MAC WHITE, E., 1951, *Estudios sobre las Relaciones Atlánticas de la Península Hispanica en la Edad del Bronce*, Disertaciones Matritenses, II, 151 pp., 38 figs, XXXV ests, Madrid.
- MAÑANES, T., 1995, Un nuevo idolo de la Edad del Bronce y una punta de lanza del Museo de Villafranca del Bierzo (Leon), *Trabajos de Prehistoria*, vol. 32, pp. 187-193.
- MARCOS, D. S., 1984, Descoberta de gravuras rupestres em Atenor-Miranda do Douro, *Arqueologia*, nº 9, pp. 139, 140.
- MARRO, G., 1931, La scoperta di incisioni rupestri preistoriche in Val Camonica, *X Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 386-395, Librairie E. Nourry, Paris.
- MARTINS, J. B., 1978, Arte rupestre no Vale Salgueiro-Sanjurje, *Notícias de Chaves*, nº 1456, pp. 1, 2.
- MARTINS, J. B., 1978a, Arte rupestre no Penedo das Cruzes-Sanjurje, *Notícias de Chaves*, nº 1458, pp. 1, 4.
- MARTINS, J. B., 1978b, Arte rupestre na Laje Escorregadia da Louzada-Sanjurje, *Notícias de Chaves*, nº 1461, pp. 1, 5.
- MARTINS, J. B., 1987, Arte rupestre no Penedo das Quintas-Sanjurje (Chaves), *Notícias de Chaves*, nº 1919, p. 11.
- Martins, J. B., 1989, Para a História de Sanjurje (Chaves)-XXIII, *Notícias de Chaves*, nº 2027, p. 7.
- MARTINS, J. B., 1989a, Para a História de Sanjurje (Chaves)-XXIV, *Notícias de Chaves*, nº 2028, p. 25.
- MARTINS, J. B., 1989b, Concelho de Boticas. A sua História V, *Notícias de Chaves*, nº 2035, pp. 8, 9.
- MARTINS, J. B., 1991, Achado de arte rupestre em Sanjurje-Chaves, *Notícias de Chaves*, nº 2101, p. 2.
- MARTINS, J. B., 1991a, Concelho de Valpaços- A sua História V, *Notícias de Chaves*, nº 2125, p. 8.
- MARTINS, J. B., 1995, Arte rupestre em Sanjurje, *Aquae Flaviae*, nº 13, pp. 167-186.
- MARTINS, M. J. C., 1981, *O Santuário Rupestre de Lamelas (Ribeira de Pena)*, Câmara Municipal de Ribeira de Pena, 40 pp., 10 figs, Ribeira de Pena.
- MARQUES, J. A. M., 1986, As gravuras da Chã da Sobreira e a arte rupestre no concelho de Monção, *Revista de Ciências Históricas*, vol. I, pp. 11-29.
- MEDINA, J., 1994, O "Estado Novo"- I O Ditador e a Ditadura, *História de Portugal*, vol. XII, 409 pp., Ediclube, Lisboa.
- MESQUITA, H. de, e CORREIA, V., 1922, Arte Rupestre em Portugal, A Pala Pinta, *Terra Portuguesa*, vol. IV, nºs 33, 34, pp. 145-147.
- MONTEIRO, J. P., e GOMES, M. V., 1974-77, Rocha com covinhas na ribeira do Pracana, *O Arqueólogo Português*, série III, vols VII-IX, pp. 95-99.
- MONTEIRO, J. P., e GOMES, M. V., 1977, Os menires da charneca do Vale Sobral (Nisa), *Revista de Guimarães*, vol. LXXXVII, pp. 189-206, 6 figs, III ests.
- MONTEIRO, J. P., e GOMES, M. V., 1979, Menires do Algarve, *Actas del XV Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 355-374, Zaragoza.
- MONTEIRO, J. P., e GOMES, M. V., 1981, The menhirs of Portugal, *Bollettino del Centro Camuno di Studi Preistorici*, vol. XVIII, pp. 75-88.
- MOURINHO, A. M., 1972, O abrigo rupestre da «Solhapa»- em Duas Igrejas, Miranda do Douro, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, pp. 33-61, XVIII ests.
- NEIVA, J. M. C., 1938, O dólmen da Fonte Coberta (na Chã de Alijó), *Boletim da Associação da Filosofia Natural*, vol. 1, pp. 61-82.
- NEVES, L. Q., 1954, O petróglifo de Cambezes (Monção), *Arquivo do Alto Minho*, vol. IV, pp. 15-19.
- NEVES, L. Q., 1981, Os pratinhos de Nossa Senhora, *I Colóquio Galaico-Minhoto*, vol. II, pp. 178, 179, Associação Cultural Galaico-Minhota, Ponte de Lima.
- NUNES, J. de C., 1955, Escavações no dólmen da Barrosa (Âncora), II Insculturas, *Revista de Guimarães*, vol. LXV, pp. 154-159, IV ests.
- NUNES, J. de C., 1971, A Pedra Riscada, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II, pp. 622-623, Ministério da Educação Nacional, Coimbra.
- NUNES, J. de C., e PEREIRA, A. N., 1974, A Pedra Riscada, *Revista dos Cursos de Letras*, vol. I, pp. 1-27.
- NUNES, J. de C., PEREIRA, A. N., e BARROS, A. M., 1959, *A Pedra Letreira*, Memórias Arqueológicas do Concelho de Góis, Câmara Municipal de Góis, 36 pp., 14 figs, X ests, Góis.
- BERMAIER, H., 1920, Die dolmen Spaniens, *Mitteilungen der Anthropologischen Gesellschaft*, vol. L, pp. 105-132.
- BERMAIER, H., 1921-22, Palaeolithikum und steinzeitliche felskunst in Spanien, *Prähistorische Zeitschrift*, tomos XIII, XIV, pp. 177-199.
- BERMAIER, H., 1923, Impresiones de un viaje prehistórico por Galicia, *Boletín Arqueológico de la Comisión Provincial de Monumentos Historicos y Artísticos de Orense*, vol. VII, nºs 148, 149, separata com 45 pp., Orense.
- BERMAIER, H., 1925, Die bronzezeitlichen felsgravierungen von Nordwestspanien (Galicien), *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, vol. I, pp. 51-59, ests 13-19.

- OBERMAIER, H., 1925a, *El Hombre Fósil*, Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas, nº 4, 457 pp., 179 figs, Madrid.
- OBERMAIER, H., e WERNET, P., 1919, *Las pinturas rupestres del Barranco de Valltorta (Castellón)*, Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistoricas, nº 23.
- OBERMAIER, H., e WERNET, P., 1929, La edad cuaternaria de las pinturas rupestres del Levante Español, *Memorias de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, tomo XV, pp. 527-537.
- OLIVEIRA, J. de, e BORGES, S., 1998, Arte rupestre no Parque Natural da Serra de S. Mamede, *Ibn Maruán*, nº 8, pp. 193-202.
- OLIVEIRA JÚNIOR, A. C. S., 1955, A "Mara Pintada", *III Congreso Nacional de Arqueología*, pp. 507-509, Zaragoza.
- OLIVEIRA JÚNIOR, A. C. S., 1959, A Mara Pintada, *Jornal de Abrantes*, ano 60, nº 3075, p. 6.
- PAÇO, A. do, 1932, XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-histórica, *Arqueologia e História*, vol. X, pp. 39-58.
- PAÇO, A. do, 1942, Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo), *O Instituto*, vol. 100, pp. 271-274.
- PAÇO, A. do, 1961, Citânia de Sanfins. VI-Fundo Pré-Histórico, *Lucerna*, vol. I, pp. 106-119, II ests.
- PAÇO, A. do, 1970, XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica, *Trabalhos de Arqueologia de Afonso do Paço*, vol. I, pp. 85-105, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- PAÇO, A. do, e QUESADO, A. do P., 1956, Digressões arqueológicas pelo Alto Minho, *Arquivo do Alto Minho*, vol. 6, pp. 80-90 e pp. 168-179.
- PENEDO-ROMERO, R., e FABREGAS-VALCARCE, R., 1997, Cistas decoradas de Galicia y su contexto regional, *Brigantium*, vol. 10, pp. 333-342.
- PERICOT, L., 1933, La representacion serpentiforme de la citania de Troña (Galicia), *Homenagem a Martins Sarmiento*, pp. 281-286, Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- PERROT, G., e CHIPIEZ, C., 1882, *Histoire de l'Art dans l'Antiquité*, tomo I, Librairie Hachette, 879 pp., 591 figs, XIV ests, Paris.
- PINA, H. L., 1971, Novos monumentos megalíticos do distrito de Évora, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 151-162, Ministério da Educação Nacional, Coimbra.
- PINA, H. L., 1976, Cromlechs und menhire bei Évora in Portugal, *Madrider Mitteilungen*, vol. 17, pp. 9-20, ests 1-5.
- PINHO, J. de, 1931, Certaines pierres branlantes ne sont-elles pas des vrais mégalithes?, *XVe Congrès International d'Anthropologie Et d'Archeologie Préhistorique*, pp. 358-362, Librairie E. Nourry, Paris.
- PINHO, J. de, 1933, Le grand échiquier dans l'art rupestre portugais, *XVe Congrès International d'Anthropologie Et d'Archeologie Préhistorique (suite)*, pp. 373-376, Librairie E. Nourry, Paris.
- PINTO, R. de S., 1929, Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal, *Nós*, ano XI, nº 62, pp. 19-26.
- PINTO, R. de S., 1931, Nota sobre as cartas de Portugal pre-historico, *XVe Congrès International d'Anthropologie Et d'Archeologie Préhistorique*, pp. 463-465, Librairie E. Nourry, Paris.
- PINTO, R. de S., 1932, O abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, pp. 245, 246.
- PINTO, S. da S., e BRANDÃO, D. de P., 1966, Nova iconografia do petróglifo do Monte de Penhafidelis e suas implicações interpretativas, *In Memoriam do Abade Henri Breuil*, vol. II, pp. 261-267, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- PRIOR, J. A., 1959, "Bicha Pintada" e a paganismo, *Jornal de Abrantes*, ano 60, nº 3067, pp. 1, 4.
- PRIOR, J. A., 1962, Curiosidades da minha região-Matagoza, *Jornal de Abrantes*, ano 63, nº 3203, pp. 1, 2.
- PRIOR, J. A., 1962a, Curiosidades da minha região-Matagoza, *Jornal de Abrantes*, ano 63, nº 3204, p. 2.
- ROCHA, A. dos S., 1895, A arte nas estações neolíticas do concelho da Figueira, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. IV, nº 13, pp. 1-22.
- ROCHA, A. dos S., 1899, As Arcainhas do Seixo e da Sobreda, *Portugália*, vol. 1, pp. 13-22.
- RODRIGUES, A. V., 1961, *Arqueologia da Península Hispânica-Do Paleolítico à Romanização*, Porto Editora, 487 pp., 245 figs, Porto.
- RODRIGUES, J. B., SILVA, C. T. da, ALMEIDA, D., e VAZ, J. L. I., 1989, A Pedra dos Pratos, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, pp. 275-281, Governo Civil do Distrito de Viseu, Viseu.
- SANCHES, M. de J., 1985-86, O abrigo com gravuras esquemáticas das Fragas da Lapa, Atenor, Miranda do Douro, *Portugália*, nova série, vols VI, VII, pp. 7-20, XV ests.
- SANCHES, M. de J., 1988, Descoberta de novos abrigos com pintura esquemática no Norte de Portugal, *Arqueologia*, nº 18, p. 205.
- SANCHES, M. de J., 1990, Os abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos-Mirandela, no conjunto da arte rupestre desta região. Algumas reflexões, *Revista da Faculdade de Letras-História*, II série, vol. VII, pp. 335-367.
- SANCHES, M. de J., 1992, *Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes)*, Monografias Arqueológicas, nº 3, 170 pp., 28 figs, LXXIII ests, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto, Porto.
- SANCHES, M. de J., 1994, Laje de Vale de Juncal (Mirandela), *Estudos Pré-Históricos*, vol. II, pp. 395-414, II ests.
- SANCHES, M. de J., e LEBRE, A. G., 1986, O abrigo com arte esquemática de Solhapa (Duas Igrejas-Miranda do Douro), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVI, pp. 129-152, VIII ests.

- SANCHES, M. de J., e SANTOS, B. do C. T. O., 1987, Levantamento arqueológico do concelho de Mirandela, *Portugália*, nova série, vol. VIII, pp. 17-56, XIX ests.
- SANTOS, A. T., 2000, A Pedra dos Pratos (Covelo de Paiva, Moledo, Castro Daire, Viseu). Breve estudo interpretativo, *Estudos Pré-Históricos*, vol. VIII, pp. 113-124, III ests.
- SANTOS, M. F. dos, 1964, Vestígios de pinturas rupestres descobertas na gruta do Escoural, *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. V, pp. 5-47, XIV ests.
- SANTOS, M. F. dos, 1967, Novas gravuras rupestres descobertas na gruta do Escoural, *Revista de Guimarães*, vol. LXXVII, pp. 18-34.
- SANTOS, M. F. dos, 1967a, *Arqueologia do Concelho de Montemor-o-Novo-Realizações, Problemas e Perspectivas*, Grupo dos Amigos de Montemor-o-Novo, 19 pp., Montemor-o-Novo.
- SANTOS, M. F. dos, 1968, Gruta do Escoural, *Enciclopédia Verbo de Cultura*, vol. VII, pp. 940-943, Editorial Verbo, Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos, 1972, *Pré-História de Portugal*, Biblioteca das Civilizações Primitivas, Editorial Verbo, 174 pp., 158 figs, Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos, 1972a, Prehistoric rock engravings at Fratel, Portugal, *Antiquity*, vol. XLVI, p. 238, ests XXVIII-XXX.
- SANTOS, M. F. dos, 1980-81, Estatueta paleolítica descoberta em Setúbal (notícia preliminar), *Setúbal Arqueológica*, vols VI-VII, pp. 29-37.
- SANTOS, M. F. dos, 1985, Manifestações neolíticas no contexto dos testemunhos pré-históricos do outeiro da herdade da Sala (Escoural, Montemor-o-Novo, Portugal), *XVII Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 135-144, Zaragoza.
- SANTOS, M. F. dos, 1985a, *Pré-História de Portugal*, Biblioteca das Civilizações Primitivas, Editorial Verbo, 214 pp., 188 figs, Lisboa.
- SANTOS, M. F. dos, 1993, Seixos gravados da jazida epipaleolítica do Vale da Fonte da Moça 2 (Almeirim), *Mediterrâneo*, nº 2, pp. 233-244.
- SANTOS, M. F. dos, GOMES, M. V., e MONTEIRO, J. P., 1980, Descobertas de arte rupestre na Gruta do Escoural (Évora, Portugal), *Altamira Symposium*, pp. 205-242, Ministerio de Cultura, Madrid.
- SANTOS, M. F. dos, ROLÃO, J. M. F., e MARQUES, M. G. O., 1986-87, O podomorfo de Peroliva (Reguengos de Monsaraz, Portugal), no contexto das pegadas humanas rupestres do território português, *Bajo Aragon Prehistoria*, vols VII-VIII, pp. 273-278.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1930, *Pinturas megalíticas do Concelho de Carrazeda de Anciães*, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 38 pp., 7 figs, IV ests, Porto.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1931, As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro (Moncorvo, Trás-os-Montes), *XVe Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 413-417, Librairie E. Nourry, Paris.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1931a, As ruínas castrejas da Cigadonha (Carviçais), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. IV, pp. 433-
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1933, O abrigo pré-histórico de "Pala Pinta", *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, pp. 33-43.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1933a, Gravuras rupestres de Linhares (A Fraga das Ferraduras), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, pp. 141-148.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1934, As pinturas pré-históricas do Cachão da Rapa, *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. VI, pp. 185-222, IX ests.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1936, Arte rupestre, *Naturalia*, vol. I, nº 2, pp. 70-81.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1940, Arte rupestre, *Congresso do Mundo Português*, vol. I, pp. 327-376, XVIII ests, Comissão Executiva dos Centenários, Lisboa.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1944, Nova contribuição sobre a arte rupestre transmontana. Os petroglifos de Ribalonga, *Las Ciências*, vol. IX, nº 2, pp. 1-11, II ests.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1945, Gravuras rupestres de Lomar (Penafiel), *Câmara Municipal de Penafiel*, pp. 77-82.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1955, Algumas considerações sobre arte rupestre, *III Congreso Nacional de Arqueologia*, pp. 535-540, Zaragoza.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1963, As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XIX, pp. 111-114, XVIII ests.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1977, As gravuras rupestres do Outeiro Machado (Val d'Anta -Chaves), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIII, pp. 207-234, VI ests.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, 1980, As gravuras rupestre da Fonte do Prado da Rodela (Meirinhos-Mogadouro), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIII, pp. 594-599, II ests.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. dos, e AZEVEDO, R. de, 1960, Gravuras rupestres de Linhares-Ensaio interpretativo, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVIII, pp. 43-62.
- SARMENTO, F. M., 1876, Os gregos no Noroeste da Ibéria, *O Instituto*, vol. XXIII, pp. 1, 49.
- SARMENTO, F. M., 1878, Signaes gravados em rochas, *A Renascença*, p. 25.
- SARMENTO, F. M., 1882, Se antes da invasão romana havia uma arte entre nós, *A Arte Portuguesa*, ano I, pp. 1, 19, 26.
- SARMENTO, F. M., 1883, *Expedição Científica à Serra da Estrella em 1881. Secção de Archeologia*, Sociedade de Geographia de Lisboa, 26 pp., X ests, Imprensa Nacional, Lisboa.

- SARMENTO, F. M., 1894-95, Materiais para a Arqueologia da comarca de Barcelos, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, vol. III, pp. 62, 186.
- SARMENTO, F. M., 1899-03, A arte mycenica no Noroeste de Hispanha, *Portugália*, tomo I, fasc. 1, pp. 1-12.
- SARMENTO, F. M., 1902, Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, vol. XIX, pp. 109-119.
- SARMENTO, F. M., 1904, Materiaes para a archeologia do concelho de Guimarães, *Revista de Guimarães*, vol. XXI, pp. 49-63.
- SAVORY, H., 1973, Serpentine forms in megalithic art: A link between Wales and the Iberian North-West, *Cuadernos de Estudios Gallegos*, tomo XXVIII, pp. 80-89.
- SCHLIEMANN, H., 1878, *Mycenae; A narrative of researches and discoveries at Mycenae and Tiryns*, Jonh Murray, 384 pp., 549 figs, XXIX ests, 7 mapas, London.
- SEGLIE, D., e RICCHIARDI, P., 1979-80, Il monumento megalitico di Pinhal da Pedra Escrita-Portogallo. Un contributo allo studio delle religioni post-paleolitiche, *Annali del Museo Civico della Spezia*, vol. II, pp. 155-167.
- SEGLIE, D., e RICCHIARDI, P., 1990, The megalithic monument at Pinhal da Pedra da Escrita, Portugal. A contribution to the study of post palaeolithic religions, *Bollettino del Centro Studi e Museo d'Arte Preistorica di Pinerolo*, nº 6, pp. 80-93.
- SERRÃO, E. da C., 1974, L'art rupestre de la Vallée du Tage, *Les Dossiers de l'Archéologie*, nº 4, pp. 47-51.
- SERRÃO, E. da C., 1981, As estações de arte rupestre do Vale do Tejo, *Arqueologia*, nº 3, pp. 121-123.
- SERRÃO, E. da C., LEMOS, F. de S., MONTEIRO, J. P., QUEROL, M. de los A., JORGE, S. de O., e JORGE, V. de O., 1972, O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, (Vª Vª de Ródão-Nisa). Primeiras hipóteses e programa de trabalhos, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. VI, pp. 63-77, XIV ests.
- SERRÃO, E. da C., LEMOS, F. de S., MONTEIRO, J. P., QUEROL, M. de los A., JORGE, S. de O., e JORGE, V. de O., 1972a, O Complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão-Nisa): Notícia preliminar, *Arqueologia e História*, 9ª série, vol. IV, pp. 349-380, 18 figs.
- SERRÃO, E. da C., LEMOS, F. de S., MONTEIRO, J. P., e QUEROL, M. de los A., 1973, Notícia de novas descobertas no Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo, *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I, pp. 159-179, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- SHEE, E., 1974, Painted megalithic art in Western Iberia, *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, pp. 105-123, Ministério da Educação Nacional, Porto.
- SILVA, A. C., 1999, Salvamento Arqueológico no Guadiana, *Memórias d'Odiana*, vol. 1, 415 pp.
- SILVA, C. T. da, 1978, Gravuras rupestres inéditas da Beira Alta, *Actas das III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, vol. I, pp. 165-184, Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- SILVA, C. T. da, 1980, As gravuras rupestres de Lufinha. Dois motivos labirínticos da região de Viseu, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, pp. 155-169, IV ests, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.
- SILVA, C. T. da, 1985, A arte rupestre na região do Vouga e a problemática da sua cronologia, *Os Portugueses e o Mundo-Congresso Internacional*, vol. VI, pp. 179-197, Fundação Engenheiro António de Almeida, Porto.
- SILVA, C. T. da, 1989, Gravuras rupestres de Ferronhe (Viseu), *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, pp. 283-288, Governo Civil de Viseu, Viseu.
- SILVA, C. T. da, VAZ, J. I., e PEDRO, I., 1997, As gravuras rupestres de Santa Bárbara, Viseu, *Máthesis*, nº 6, pp. 41-50.
- SILVA, E. J. L. da, 1985, Notícia sobre a descoberta de novas pinturas rupestres no dólmen de Fontão (Paranhos da Beira, Seia), *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXV, pp. 381-385.
- SILVA, E. J. L. da, 1988, A mamoa de Afife: Breve síntese de 3 campanhas de escavação, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 28, pp. 127-135.
- SILVA, E. J. L. da, 1997, Arte megalítica da Costa Norte de Portugal, *Brigantium*, vol. 10, pp. 179-189.
- SILVA, E. J. L., e CUNHA, A. M. C. L. da, 1986, As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença), *Arqueologia*, nº 13, pp. 143-158.
- SILVA, E. J. L., e SILVA, J. M. L. da, 1993, A arte rupestre da Pedra do Cavallo (Tabuaço), *Revista de Ciências Históricas*, vol. VIII, pp. 27-46.
- SILVA, F. A. P. da, 1984, A arte parietal do dólmen da Aliviada-Escariz, *Aveiro e o seu Distrito*, nº 33, pp. 37-45.
- SILVA, F. A. P. da, 1985, Escavação da mamoa 3 de Chã de Parada-Serra da Aboboreira, concelho de Baião, 1982-1983, *Arqueologia*, vol. 11, pp. 39-51.
- SILVA, F. A. P. da, 1986, Monumentos megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca)-Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVI, pp. 51-74.
- SILVA, F. A. P. da, 1997, A arte megalítica da Bacia do Médio e Baixo Vouga, *Brigantium*, vol. 10, pp. 123-148.
- SILVA, F. A. P. da, 1998, Um novo dólmen pintado e gravado da Bacia do Médio Vouga-O dólmen do Juncal (Manhouce, S. Pedro do Sul). Notícia preliminar, *Estudos Pré-Históricos*, vol. 6, pp. 95-103.
- SILVA, J. P. N. da, 1878, *Noções Elementares de Archeologia*, Lallement Frères, 314 pp., 324 figs, Lisboa.

- SILVA, J. P. N., da, 1887, Inscriptio très ancienne et rare gravée et peinte sur un rocher en Portugal, *Congrès de Grenoble*, Association Française pour l'Avancement des Sciences, pp. 105, 106, 1 mapa, Paris.
- SILVA, J. P. N. da, 1887a, Sinais sôbre um penhasco no lugar de Linares, na Província do Douro, *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeólogos Portuguezes*, tomo V, nº 5, pp. 78-80.
- SIMÕES, A. F., 1878, *Introdução à Archeologia da Peninsula Iberica*, Livraria Ferreira, 177 pp., 80 figs, Lisboa.
- SIRET, L., 1931, Origine et signification du décor spiralé, *XVe Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 465-482, Librairie E. Nourry, Paris.
- SOARES, A. M., 1992, O povoado calcolítico dos Três Moínhos (Baleizão, conc. de Serpa). Notícia preliminar, *Setúbal Arqueológica*, vols IX-X, pp. 291-314.
- SOBRINO-BUHIGAS, R., 1935, *Corpus Petroglyphorum Gal-laeciae*, Seminario de Estudos Galegos, 61 pp., LXXXVII ests, S. Tiago de Compostela.
- SOROMENHO, P. C., SERRÃO, E. da C., e LEMOS, F. de S., 1972, Arte rupestre tagana, *Olisipo*, ano XXV, nº 135, pp. 1-20.
- SOUSA, E. M. de, 1990, Núcleo de gravuras rupestres proto-históricas descoberto a N. do Cabo da Roca: Breve notícia, *Zephyrus*, vol. XLIII, pp. 363-369.
- SOUSA, O. de, 1988, As pinturas rupestres da mamoa 3 de Chã de Parada-Baião. Notícia preliminar, *Arqueologia*, nº 17, pp. 119, 120.
- SOUSA, O. de, 1989, O abrigo de arte rupestre da Pala Pinta-Alijó, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXIX, pp. 191, 192, VI ests.
- SOUTO, A., 1931, Un document nouveau de l'art rupestre galaico-portugais. Les sculptures de l'Arestal, *XV^e Congrès International d'Anthropologie Et d'Archéologie Préhistorique*, pp. 410-413, Librairie E. Nourry, Paris.
- SOUTO, A., 1932, Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, vol. V, pp. 285-300, II ests.
- SOUTO, A. de, 1938, Arqueologia préhistorica do distrito de Aveiro-Arte rupestre. As insculpturas do Arestal e o problema das combinações circulares e espiralóides do Noroeste Peninsular, *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. IV, pp. 5-19.
- TAVARES, A. A., 1967, Ofiolatria, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. I, pp. 97-106.
- TAVARES, A. A., 1983, Representações serpentiformes e cultos ofiolátricos, *Estudos da Alta Antiguidade*, pp. 89-130, Editorial Presença, Lisboa.
- TAVARES, A. A., 1986-87, Convergências de povos e culturas no Noroeste Peninsular, no Bronze Final (através da arte rupestre do Vale do Vouga), *Bracara Augusta*, vol. XL, pp. 1-24.
- TAVARES, A. A., e SILVA, C. T. da, 1971, Gravuras e inscrições rupestres da Região de Viseu, *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. I, pp. 261-270, V ests, Ministério da Educação Nacional, Coimbra.
- TAVARES, C., 1947, Vestígios pré-históricos de Bêsteiros. I-A Laja das Côcas, *Beira Alta*, vol. VI, pp. 291-300, 4 figs.
- TWOHIG, E. S., 1981, A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas (Concelho da Maia), *Arqueologia*, nº 3, pp. 49-55.
- TWOHIG, E. S., 1981, *The Megalithic Art of Western Europe*, Clarendon Press, 259 pp., 290 figs, 14 mapas, 13 quadros, 41 ests, Oxford.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1896, Um monumento nacional, *O Archeólogo Português*, vol. II, p. 225.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1897, *Religiões da Lusitânia*, vol. I, Imprensa Nacional, 440 pp., 112 figs, Lisboa.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1898, Circular do Revdo Bispo de Bragança sobre Archeologia, *O Archeólogo Português*, vol. IV, pp. 58-62.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1901, F. Martins Sarmiento, *O Archeólogo Português*, vol. VI, pp. 30-48.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1902, Sepulturas prehistoricas de caracter mycenense, *O Archeólogo português*, vol. VII, pp. 129-134.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1902a, Notícias várias, *O Archeólogo Português*, vol. VII, pp. 283-288.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1907, Peintures dans des dolmens du Portugal, *L'Homme Préhistorique*, vol. V, pp. 33-37, II ests.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1910, Esculpturas prehistoricas do Museu Ethnologico Português, *O Archeólogo Português*, vol. XV.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1913, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Imprensa Nacional, 636 pp., 339 figs, Lisboa.
- VASCONCELLOS, J. L. de, 1917, Coisas velhas, *O Archeólogo Português*, vol. XXII, pp. 107-169.
- VAUFREY, R., 1936, L'âge des spirales de l'art rupestre nord-africain, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo XXXIII, pp. 624-638, IV ests.
- VAUFREY, R., 1939, L'âge de l'art rupestre Nord-Africain, *Jahrbuch für Prähistorische und Ethnographische Kunst*, vol. 12, pp. 10-29, 10 ests.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1887, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. II, Imprensa Nacional, pp. 297-609, XII+IVests, Lisboa.
- VEIGA, S.P.M.E. da, 1891, *Antiguidades Monumentaes do Algarve*, vol. IV, Imprensa Nacional, 346 pp., XLV ests, Lisboa.
- VIANA, A., 1929, As insculpturas rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto-Minho), *Portucale*, vol. II, nº 10, 11, pp. 282-290, 350-356.
- VIANA, A., 1959-60, Insculpturas rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço-Viana do Castelo, Portugal), *Boletim de la Comisión de Monumentos de Orense*, tomo XX, pp. 209-231.

- VIANA, A., 1960, Nossa Senhora da Cola. Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo. V- Monumento da Nora Velha, *Arquivo de Beja*, vol. XVII, pp. 181-188.
- VIANA, T. S., 1930, O petroglifo de S. Mamede, *Arqueologia e História*, vol. VIII, pp. 131-133, 1 est.
- VILLA MAIOR, Visconde de, 1876, *O Douro Ilustrado. Album do Rio Douro e Paiz Vinhateiro*, Livraria Universal de Magalhães & Moniz, 226 pp., Porto.
- VILAÇA, R., 1986, Arte megalítica, *História da Arte em Portugal. Do Paleolítico à Arte Visigótica*, vol. 1, pp. 23-29, Publicações Alfa, Lisboa.
- VITORINO, P., 1924, Insulturas do Monte de Eiró, *O Archeologo Português*, vol. XXVI, pp. 20-24.
- ZBYSZEWSKI, G., 1977, Três ossos de vertebrados quaternários, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LXI, pp. 191-194, 1 est.
- ZBYSZEWSKI, G., e FERREIRA, O. da V., s/ data, O Paleolítico em Portugal, *Pré-História- A História Antescrita nos Vários Continentes*, Ed. Meridiano, 462 pp., Lisboa.
- ZBYSZEWSKI, G., FERREIRA, O. da V., LEITÃO, M., e NORTH, C. T., 1977, Descoberta de insulturas com a figura humana estilizada na região de Brotas (Mora). O Penedo de Almoinha, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, tomo LXI, pp. 33-41, III ests.
- ZILHÃO, J., 1988, Plaque gravée du Solutréen supérieur de la Gruta do Caldeirão (Tomar, Portugal), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, tomo 85, pp. 105-109.
- ZILHÃO, J., 1989, L'art mobilier paléolithique au Portugal, *Almanson*, n° 7, pp. 29-36.
- ZILHÃO, J., 1995, The stylistically paleolithic petroglyphs of the Côa Valley (Portugal) are of Paleolithic Age. A refutation of their "direct dating" to recent times, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (4), pp. 423-469.
- ZILHÃO, J., 1995a, The age of the Côa Valley (Portugal) rock-art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of "scientific" dating to historic or proto-historic times, *Antiquity*, vol. 69, pp. 883-901.
- ZILHÃO, J., 1997, *O Paleolítico Superior da Estremadura Portuguesa*, vol. II, Edições Colibri, 850 pp., Lisboa.
- ZILHÃO, J., 2000, Neanderthals, *Archeology*, July/August, pp. 25-31.
- ZILHÃO, J., AUBRY, T., CARVALHO, A. F., BAPTISTA, A. M., GOMES, M. V., e MEIRELES, J., 1998-99, Art rupestre et archéologie de la Vallée du Côa (Portugal). Premier bilan, *Préhistoire et Anthropologie Méditerranéennes*, vols 7, 8, pp. 89-117.

Notas

¹ Este documento foi-nos, amavelmente, facultado por Júlio Roque Carreira, colega e Amigo a quem, publicamente, cumpre agradecer-mos.

² Sobre este assunto apresentaram, em 1988, comunicação no "Simpósio sobre o Bronze Final na Beira Interior", M. A. Horta Pereira e M. Farinha dos Santos.

³ No Verão de 2001 foram encontradas cerca de duzentas rochas decoradas nas margens do Guadiana da zona assinalada e em algumas linhas de água suas afluentes (Moinhola, Mocissos, Roncanito, Taliscas, Lousa). Pouco se conhece destas descobertas, dado o secretismo que tem envolvido os trabalhos do seu salvamento documental, anunciados pela EDIA e CNART.

